

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
Programa de Pós Graduação em Educação – Mestrado
Linha de Pesquisa Linguagem, discurso e práticas educativas

ELIZANDRA RODRIGUES DE SOUZA

**SUBJETIVIDADE ADOLESCENTE:
IDENTIFICAÇÃO, ALTERIDADE E
DISCURSO**

ITATIBA
2013

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
Programa de Pós Graduação em Educação – Mestrado
Linha de Pesquisa Linguagem, discurso e práticas educativas

ELIZANDRA RODRIGUES DE SOUZA

SUBJETIVIDADE ADOLESCENTE: IDENTIFICAÇÃO, ALTERIDADE E DISCURSO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Educação – Linha de pesquisa: Linguagem, Discurso e Práticas Educativas, da Universidade São Francisco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a Dra. Márcia Aparecida Amador Mascia

ITATIBA
2013

800.1 Souza, Elizandra Rodrigues de.

S714s Subjetividade adolescente: identificação, alteridade e discurso. / Elizandra Rodrigues de Souza. -- Itatiba, 2013. 161 p.

Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco. Orientação de: Márcia Aparecida Amador Mascia.

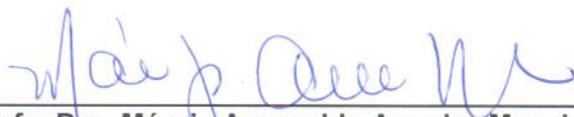
1. Adolescência. 2. Subjetividade. 3. Alteridade. 4. Discurso.
5. Educação. 6. Psicanálise. I. Mascia, Márcia Aparecida Amador.

Ficha catalográfica elaborada pelas bibliotecárias do Setor de

Processamento Técnico da Universidade São Francisco.

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*
EM EDUCAÇÃO

Elizandra Rodrigues de Souza defendeu a dissertação “SUBJETIVIDADE ADOLESCENTE: IDENTIFICAÇÃO, ALTERIDADE E DISCURSO” aprovada no Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Educação da Universidade São Francisco em 11 de novembro de 2013 pela Banca examinadora constituída pelos professores:



Prof. Dra. Márcia Aparecida Amador Mascia
Orientadora e Presidente



Prof. Dra. Alexandrina Monteiro
Examinadora



Prof. Dra. Juliana Santana Cavallari
Examinadora

DEDICATÓRIA

*Dedico esta pesquisa a todos que já foram,
são ou serão adolescentes.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço àqueles que acompanharam, direta ou indiretamente, no percurso desse trabalho.

Agradeço à Professora Márcia, pela dedicação e paciência com que me orientou, estando sempre pronta não só nas questões intelectuais, mas também com suas considerações nos empasses pessoais que me seguiram na construção da pesquisa.

Agradeço às professoras Alexandrina e Jacqueline por suas considerações em sala de aula, que pautaram muitas escritas minhas.

Agradeço à banca, que com suas contribuições fizeram com que o trabalho se ampliasse e crescesse de modo a ser muito mais assertivo.

Agradeço, em especial, a meu marido e filhos, que estiveram do meu lado, mesmo nas minhas ausências, tendo tranquilidade para me permitir desenvolver esta pesquisa e me auxiliando nos momentos necessários.

“A busca da identidade é a busca incessante de deter ou tornar mais lento o fluxo, de solidificar o fluido, de dar forma ao disforme.”

ZygmuntBauman

RESUMO

Esta pesquisa, se insere na linha de Linguagem, Discurso e Práticas Educativas, e se propôs estudar a constituição do sujeito-adolescente, tendo como base para seu desenvolvimento teórico os pressupostos da análise do discurso, de linha francesa, as construções foucaultianas no que tange à terceira fase deste autor, da “escrita de si” ou do “cuidado de si” e, também, os postulados psicanalíticos no que refere ao sujeito. Desta forma, a questão central que se levanta é como se constitui a adolescência, através das formações discursivas veiculadas pelo próprio adolescente. Assim, colocamos que a adolescência não pode mais ser vista como ‘fase de transição’, pois o dizer do adolescente nos remete a instituir a adolescência como uma posição subjetiva. A pesquisa se justifica face às grandes confusões sobre o que é a adolescência e sobre sua importância, tanto nos aspectos sociais, físicos e biológicos, como nos aspectos psicológicos e culturais. Nossa diferenciação frente a outras pesquisas se situa no fato de recolher do próprio adolescente os dizeres sobre esse lugar. Ninguém melhor que o adolescente para dizer sobre si mesmo e sobre esta posição-sujeito que gera controvérsias externas – estudiosos, especialistas, pesquisadores, professores e pais – e internas – angústias, paixões, conflitos etc. Esta pesquisa quis, principalmente, dar voz ao adolescente, que em meio a tantos contextos ainda não consegue elaborar seus limites de existência, como também, colaborou para melhor entender os sujeitos contemporâneos, em especial, o adolescente, fugindo do estereótipo da “aborrescência”. Recolhemos os dizeres dos adolescentes por três vias: telefone, internet e entrevistas. Através dos dizeres dos participantes, pudemos discutir e analisar a posição do adolescente na sociedade atual. Os dizeres exprimem opiniões sobre seus contextos de vida e daquilo que mais chama sua atenção, seja por dúvidas, por indignação, por sofrimento ou pela realidade. As relações com o outro foi a grande questão postulada pelos adolescentes. Seus dizeres inferem a importância do outro na sua constituição subjetiva e indicam que a alteridade é fundamental para a existência do sujeito. Outro fator relevante percebido nesta pesquisa é o apagamento da escola no dizer do adolescente, principalmente no que se refere à educação formal, ao conhecimento e a escola como possibilidade de crescimento pessoal e profissional. Dessa forma, percebemos que é possível entender que a adolescência se constitui como posição subjetiva, pois seu dizer expressa questões da sua constituição enquanto sujeito.

Palavras-chave: adolescência, subjetividade, alteridade, discurso, educação, psicanálise.

ABSTRACT

This research fits within the Language, Speech and Educational Practices, and intended to study the constitution of the subject-teen, having as basis for its theoretical assumptions of discourse analysis, French line, buildings Foucault regarding the third phase of this author, the "writing self" or "self-care" and also the psychoanalytic postulates as regards its subject. Thus, the central question that arises is how to constitute adolescence through discursive formations conveyed by the teenager. So put that adolescence can no longer be seen as 'transition', as the saying adolescent leads us to introduce adolescence as a subjective position. The research is justified by the great confusion about what is adolescence and about its importance, both in the social, physical and biological, psychological and cultural aspects. Our differentiation against other research lies in the fact collect the adolescents' own sayings about this place. No one better than the teen to say about himself and about this subject position that generates controversy external - scholars, experts, researchers, teachers and parents - and internal - anxieties, passions, conflicts etc.. This research would mainly give voice to the teenager, who among so many contexts still can not draw boundaries of existence, but also helped to better understand contemporary subjects, especially the teenager, fleeing the stereotype of "boring teenager". Collect the sayings of adolescents in three ways: phone, internet and interviews. Through the sayings of the participants, we discuss and analyze the position of the adolescent in today's society. The words express opinions on their contexts of life and what really draws your attention, either by doubt, by anger, by suffering or by reality. Relationships with the other was the big question postulated by adolescents. His sayings infer the importance of the other in its subjective constitution and indicate that otherness is essential to the existence of the subject. Another relevant factor which is perceived in this research is the silencing of school in teens' sayings, especially with regard to formal education, knowledge and the school as a possibility for personal and professional growth. Thus, we realized that it is possible to understand that adolescence constitutes as subjective position because in his/ her sayings it is expressed issues of his/ her constitution as a subject.

Keywords: teen, subjectivity, otherness, discourse, education, psychoanalysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
PARTE I – DELIMITAÇÕES TEÓRICAS – SUJEITO, LINGUAGEM E DISCURSO	
1 – SUJEITO	17
1.1 – O aparecimento do sujeito	17
1.1.1 – O sujeito foucaultiano	22
1.1.2 – A relação consigo mesmo e o cuidado de si	26
1.2 – Conceitos psicanalíticos que participam da constituição do sujeito	28
1.2.1 – O sujeito psicanalítico e sua relação com o Outro e os outros	36
1.2.2 – Identificações – como o sujeito é formado	41
2 – LINGUAGEM E DISCURSO	45
2.1 – Linguagem	45
2.2 – Análise do Discurso	48
2.3 – Visão lacaniana sobre a linguagem	54
2.3.1 – Significado e significante	58
2.4 – O discurso e as palavras como aportes da linguagem	59
2.5 – Linguagem e produção histórica e social	61
PARTE II – CONDIÇÕES AMPLAS DE PRODUÇÃO – CONTEXTO SOCIAL E ADOLESCÊNCIA	
3 – O MUNDO CONTEMPORÂNEO	66
3.1 – Que mundo é esse?	66
3.2 – Transformação do sujeito e da sociedade	69
3.3 – A Pulsão Escópica	73
3.4 – A sociedade do consumo e do espetáculo	75
3.5 – Sociedade e cultura: internet e modernidade líquida	84
4 – ADOLESCENTES/ ADOLESCÊNCIA	90
4.1 – A (des)construção da adolescência	90
4.2 – O adolescente atual	94
4.3 – A influência das relações na formação do adolescente: a internet e o (O) outro	98
4.4 – Tempo e espaço para o adolescente contemporâneo	102
4.5 – O papel da família e a relação com o trabalho e o consumo	105
PARTE III – METODOLOGIA E ANÁLISES	
5 – A CONSTRUÇÃO DO CORPUS	114
6 – ANÁLISES	117
a) O adolescente e sua relação com o corpo	118
b) O adolescente e a mãe	124

c) O adolescente e a internet _____	129
d) O adolescente, a sexualidade e o amor _____	133
e) O adolescente e as relações de “amizade” _____	139
f) O adolescente e o estudo _____	142
7 – CONSIDERAÇÕES SOBRE OS DEPOIMENTOS _____	144
ENTRE A ESCRITA DE SI E A ESCRITA DE MIM – A ALTERIDADE NA MINHA CONSTITUIÇÃO COMO PESQUISADORA _____	154
BIBLIOGRAFIA _____	158
ANEXO I _____	161

INTRODUÇÃO

O adolescente tem muito a dizer, mas poucos espaços para ser ouvido. Isto é facilmente comprovado, através das pesquisas que estudam os adolescentes, apenas pelo ponto de vista de especialistas. O adolescente é sempre dito e explicado pelos especialistas, mas não há espaço para ele se dizer. Mesmo quando são colocados a falar de si, suas considerações servem para que especialistas encerrem uma definição sobre eles, registrando assim, os comportamentos e pensamentos possíveis deste sujeito.

Estas definições, principalmente comportamentais, tendem a inserir o adolescente num discurso social com características complexas e perturbadoras, porém são sempre conceituações, pelo ponto de vista do outro, o que de certa forma dificulta o entendimento desta posição. Até para o próprio adolescente que tende a reproduzir estes discursos e se justificar nele.

A adolescência hoje não pode mais ser vista apenas como uma fase de transição entre a infância e idade adulta. O adolescente pede uma posição para dizer. E mesmo com todos os seus conflitos e confusões, a adolescência já garantiu um lugar¹, enquanto constituição subjetiva e posicionamento individual. Esta emergência da adolescência se traduz, principalmente, pela quantidade de objetos que podem ser consumidos por este grupo, que até há pouco tempo não era objeto privilegiado de estudo.

Esta forma de reflexão e olhar para o adolescente foi despertada, em mim, através dos estudos em Foucault, que me permitiram vislumbrar a adolescência como uma posição subjetiva. Foucault participou ativamente da minha mudança de olhar, pois antes também acreditava ser a adolescência uma fase de transição. Agora, percebemos que, por mais que a adolescência seja parte do processo de transformação do indivíduo, que passa também pela

¹ Nesta pesquisa, não trazemos diferenciação expressiva entre os termos “lugar” e “posição”, visto que podemos entender a posição subjetiva como lugar onde o discurso se efetua, a partir e pelo sujeito que ali se coloca. Lugar é constituído socialmente (pelo exterior), que estabelece ao sujeito uma ordem discursiva, enquanto posição é constituída internamente pelo sujeito como uma forma de responder a este lugar que a sociedade impõe. A adolescência, por exemplo, é um lugar constituído discursivamente pela sociedade e seus sujeitos (os adolescentes) assumem essa posição e respondem desse lugar. Por isso, ainda que a sociedade constitua esse lugar de forma cronológica, o adolescente mostra que essa posição subjetiva está além desse fator.

infância, fase adulta e velhice, o adolescente compreende uma subjetivação. É preciso que o sujeito se diga deste lugar e o adolescente se diz.

Partindo do pressuposto de que a passagem da infância para a idade adulta é vivenciada por todo ser humano, toma-se como hipótese que a adolescência se constitui como um lugar discursivo afetado pelo momento atual da sociedade do espetáculo e do consumo.

Como psicanalista e mãe, percebo que o adolescente se diz de um determinado lugar, ou seja, respondendo como uma posição subjetiva, que delimita certo modo de ser e dizer, do qual não se pode fugir. Os adolescentes possuem produtos, cursos, programas de televisão, rádio, roupas e aparelhos específicos para corresponderem às suas demandas, por isso, considerar que este lugar é apenas uma passagem, significa ignorar aquilo que apresenta e representa.

Por outro lado, pela experiência clínica, percebo que o adolescente traz questões que ultrapassam o saber médico e psicológico já constituído, que inserido no senso comum, explica a adolescência e contribui para o apaziguamento das dúvidas dos pais e dos educadores. Contudo, todas estas respostas, justificativas, explicações e conceituações servem ao adolescente como mais interrogações, gerando um sentimento comum nestes sujeitos de “nunca serem compreendidos”.

Desta forma, a questão central que se faz é: Como o adolescente se constitui a partir da própria fala? Esta questão se justifica frente ao momento contemporâneo em que emergem muitos estudos sobre o que é esta fase e sobre sua importância, tanto nos aspectos sociais, físicos e biológicos, como nos aspectos psicológicos e culturais. Porém, apesar de todo adulto já ter passado por este momento, ninguém melhor que o próprio adolescente para dizer sobre si mesmo e sobre esta posição que gera controvérsias externas – estudiosos, especialistas, pesquisadores, professores e pais – e internas – angústias, paixões, conflitos etc.

Esta pesquisa tem como objetivo geral dar voz ao adolescente que, em meio a tantos contextos, ainda não consegue elaborar seus limites de existência, como também, colaborar para maior delimitação desta posição, levantando possíveis interpretações sobre a fala adolescente, fugindo do estereótipo da “aborrescência”.

Meus objetivos específicos caminham para o levantamento dos efeitos de sentido nos discursos dos adolescentes, no sentido de entender como são expressos estes efeitos na materialidade linguística e o apontamento de como os adolescentes constroem sua subjetividade a partir de seu discurso.

Por sua especificidade, o discurso social e médico atual, que coloca a adolescência somente como um período de transição, perde, pouco a pouco, o privilégio de suas afirmações. Com esta pesquisa, pretendo mostrar que há uma constituição subjetiva denominada adolescente, uma posição, pois tem discurso próprio e que é construído e promovido pela sociedade. Para tanto, evitarei a palavra período ou fase para falar deste lugar ou desta posição. Pretendo, também, apresentar que esta posição constrói uma forma singular de olhar o mundo.

Os discursos de verdade, constituídos a partir dos estudos e teorias médicas, psicológicas, pedagógicas, sociais etc., tentam dar conta do que é ser adolescente, abrangendo desde a conceituação da adolescência até a sintomatologia desta posição. Portanto, ressalto que esta pesquisa não faz referência a este entendimento especializado que tão comumente é usado para explicar o adolescente.

Postulamos, então, que é possível pensar a partir das formações discursivas que se apresentam, por isso, trazemos a adolescência como uma posição subjetiva, constituída por certas formações discursivas, principalmente contemporâneas. Por isso, colocamos que a adolescência é uma construção discursiva historicamente situada e, portanto atravessada por formações ideológicas. Por isso, ao falar de adolescentes, falo também de formação ideológica, salientando a possibilidade de levantamentos das formações que transitam nas falas dos adolescentes.

Esta pesquisa se insere, principalmente, na área de Linguagem e Constituição do Sujeito, tendo como base para seu desenvolvimento teórico as construções foucaultianas, a teoria psicanalítica, em Freud e Lacan e os pressupostos sobre o mundo contemporâneo, baseados principalmente em Bauman. Além disso, caminhamos com os pressupostos da análise do discurso de linha francesa, como apoio para as análises dos depoimentos/ excertos que apresentaremos.

Desta forma, espera-se que, a partir do arcabouço teórico apresentado, possamos levantar as formações discursivas que atribuem efeitos de sentido e de verdade no discurso do adolescente. Observando quais as condições que foram passíveis para o surgimento de determinado discurso ou o que possibilitou aquela prática discursiva, entendida a partir da leitura da *Arqueologia do Saber* (2010), de Foucault, tal qual, como pode se estabelecer certas teorias, conhecimentos, ideias ou verdades.

Meu olhar é principalmente psicanalítico, mas que caminha com a AD (de linha francesa). Com a psicanálise, discutirei a constituição de sujeito, apresentando como se dá sua formação desde o nascimento, através das bases teóricas freudianas e lacanianas dos conceitos mais importantes da teoria psicanalítica como inconsciente, identificação, superego, sujeito, outro, complexo de Édipo, função materna e paterna.

A psicanálise nos diz que o sujeito se constitui na relação com o mundo, se construindo à imagem do semelhante como imagem transmitida pelo espelho e que por isso é imaginária. Mas não é simples imitação, já que (pois) existe o inconsciente.

É pelo inconsciente que assimilamos grande parte das informações que recebemos do mundo e respondemos da forma como acreditamos ser. Ou seja, o conceito de identificação adotado pela psicanálise é incondicionalmente inconsciente, por isso, não temos controle do que transmitimos aos outros, nem do que recebemos do mundo. O sujeito da psicanálise é constituído pelo olhar do outro, que vai lhe dar a consistência de uma construção simbólica. E é neste ponto que a psicanálise se diferencia de outras abordagens que estudam o sujeito, pois, para nós, é impossível pensar o sujeito sem o domínio e determinação do inconsciente.

Apesar da psicanálise, na clínica, não promover interpretações ou especulações por parte do psicanalista, ela permite que possamos observar (e fazer intervenções quando necessário) os elementos constitutivos do sujeito. Ou seja, o sujeito quando diz de si e de seu lugar está fazendo associações e interpretações de seus desejos e vontades, suas fantasias, seus enganos, seus limites, suas maldades, suas falhas, portanto, está revelando sua posição subjetiva. Por isso, a psicanálise contribuirá para analisar os excertos apresentados pelos adolescentes.

Foucault nos apresenta também um sujeito relacional, mas aponta, principalmente, a relação do poder, do saber, da resistência e do cuidado de si na formação deste sujeito. Segundo Foucault, o sujeito do discurso não é aquele que fala, nem o autor que escreve o texto. O sujeito tem relação com a posição assumida que dá o direito de pronunciar este ou aquele enunciado. Portanto, não é qualquer um que pode se utilizar de um enunciado. O sujeito é construído e qualificado historicamente e através do discurso.

Foucault utiliza-se dos discursos para analisar a construção dos saberes, sem a intenção de discernir o que é verdadeiro ou falso, tampouco tenta dar um entendimento conclusivo sobre um tema ou uma época. Sua intenção é mostrar as condições necessárias ou existentes para que se produza certo conhecimento através dos discursos. O discurso é móvel, pois depende da época, da cultura, da sociedade para que seja produzido. Disto podemos entender que diferentes momentos e lugares produzem discursos e saberes diversos, e, até mesmo, divergentes.

O *corpus* desta pesquisa foi coletado por três vias, por telefone, pela internet e por entrevista não dirigida, onde não havia perguntas pré-estabelecidas e sim um “discorra sobre a adolescência”. Evitamos indução de temas específicos, como *fale sobre a escola, sobre os amigos, sobre seus pais*, tampouco perguntas a serem respondidas, criando assim, um espaço livre para falar. Por isso, a pesquisa poderá analisar aspectos ideológicos, de relacionamentos, de interesses, de estranhamentos, entre outros. Os adolescentes apresentam inclusive as possibilidades de mentiras, quando não forem adolescentes ou quando contarem histórias mirabolantes e os possíveis trotes.

A primeira via escolhida foi ao telefone, adquirimos (através de locação por tempo determinado em empresa especializada) um número exclusivo onde os adolescentes podiam ligar e deixar gravada sua fala, através de uma secretária eletrônica. A divulgação deste número foi feita, principalmente, por meio de um folheto em lugares de concentração de adolescentes, como próximos às escolas, estações de ônibus e metrô, shoppings.

Num segundo momento, resolvemos fazer a captação dos dizeres pela internet, primeiramente por e-mail, divulgando outro folheto, posteriormente buscamos nas redes sociais falas que podiam enriquecer a pesquisa.

Por último, acrescentamos uma rápida entrevista como forma de levantar mais e outras informações à pesquisa. Estas entrevistas foram realizadas também em locais onde os adolescentes frequentam, tais quais os lugares onde distribuímos os folhetos. Uma colega psicopedagoga foi convidada para realizar as entrevistas, sendo indicado a ela a maior neutralidade possível.

Além destas vias, criamos um blog, para ser utilizado como mais uma ferramenta da pesquisa, cujo endereço é: projetovozadolescente.blogspot.com, e permitiu aos adolescentes e aos pais ou outros interessados conhecerem a pesquisa e acompanharem os passos desenvolvidos.

Através desses meios recebemos e colhemos dizeres espontâneos e voluntários de adolescentes. Apesar de acreditarmos que a delimitação cronológica da adolescência é frágil, não submetemos nem pedimos qualquer forma de identificação. Isso também nos serviu como objeto na pesquisa, pois pudemos observar quem se coloca nesta posição.

As análises acontecerão a partir do discurso dos próprios adolescentes, isto significa que não existe um assunto ou uma linha a seguir ao fazer os depoimentos. Eles foram livres para dizer o que queriam. Portanto, as análises serão pautadas nos assuntos de interesses do adolescente, seja a família, a escola, os amigos, a sexualidade, a violência, os sonhos etc.

Este trabalho se divide em três partes: Parte I – Delimitações Teóricas; Parte II – Condições Amplas de Produção e Parte III – Condições Restritas de Produção e Análise. Cada parte apresenta dois capítulos, compondo a pesquisa em seis capítulos, no total.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, será realizada a apresentação das bases teóricas sobre o sujeito, no capítulo I; sobre a linguagem, no capítulo II, compondo assim a primeira parte da pesquisa. Logo em seguida, uma reflexão sobre o mundo contemporâneo e a adolescência, na segunda parte. Por fim, na terceira parte, apresentaremos a metodologia e as análises do corpus da pesquisa, finalizando com as conclusões.

PARTE I

DELIMITAÇÕES TEÓRICAS

SUJEITO, LINGUAGEM E DISCURSO

1 – Sujeito

Ainda que muitas áreas do conhecimento humano e teorias estudem o homem, o indivíduo e o sujeito, nenhuma delas consegue alcançar o entendimento do ser na sua totalidade. Cada qual se assegura de determinados elementos para responder esta questão, deixando sempre um espaço vazio, o qual outra tentará preencher. Escolhemos como objeto desta pesquisa a adolescência, entendida como uma posição subjetiva, por isso, abordaremos neste capítulo as teorias sobre a constituição do sujeito pelos estudos foucaultianos e pelas lentes da psicanálise.

1.1 – O aparecimento do sujeito

Para abordarmos o sujeito, escolhemos como via de pensamento e reflexão a palavra “aparecimento”, no sentido daquilo que surge, acontece, passa a existir, por isso, não nasce pronto, não existe naturalmente nem biologicamente.

Queremos, com isso, apontar a visão construtiva do sujeito, partindo do pressuposto que o sujeito não existe por questões naturais. São necessárias certas condições para que o sujeito emergja. Seguindo o pensamento foucaultiano, sua construção passa primeiro pela posição do sujeito enquanto objeto. Conforme nos diz Foucault,

o objeto não espera nos limbos a ordem que vai liberá-lo e permitir-lhe que se encarne em uma visível e loquaz objetividade; ele não preexiste a si mesmo, retido por algum obstáculo aos primeiros contornos da luz, mas existe sob as condições positivas de um feixe complexo de relações. (FOUCAULT, 2002, p. 50)

Com isso, é possível observarmos que a objetivação do sujeito é decorrente dessa forma de construção, que necessita de determinadas condições sociais, culturais, intelectuais etc. Contudo, o sujeito não é somente objeto de estudo, pois a forma de relação com o mundo e o dinamismo das

relações promove a sujeição como uma ação, ainda que submetido a seu próprio olhar e dos demais, pois é sujeito, e este ser não é passivo.

Foucault, no livro “As Palavras e as Coisas” (2010), subverte toda sistemática estruturalista que até então era utilizada nos estudos e análises dos teóricos daquele momento sobre o homem. Segundo ele, o homem aparece na modernidade como duplo, ou ambíguo, pois é, neste momento, ao mesmo tempo, objeto do conhecimento e sujeito na busca do conhecimento. O surgimento do homem não acontece ao acaso, aliás, Foucault dá o nome “acontecimento” ao movimento histórico-sócio-cultural que postula uma nova forma de olhar o mundo e de se movimentar neste mundo. Neste mesmo olhar arqueológico, nos é apresentada a construção das ciências humanas como nova modalidade de conhecimento. Para Foucault, as coisas surgem num *a priori*, que está em movimento discursivo num determinado momento e nos diz,

esse *a priori* é aquilo que, numa dada época, recorta na experiência um campo de saber possível, define o modo de ser dos objetos que aí aparecem, arma o olhar cotidiano de poderes teóricos e definem as condições em que se pode sustentar sobre as coisas um discurso reconhecido como verdadeiro. (FOUCAULT, 2007, p. 219)

Podemos fazer a relação do conceito de aparecimento com o adolescente. Houve um momento em que ele emergiu, aconteceu como coisa a ser sabida. Além disso, como o sujeito não é objeto fixo, a formação discursiva na qual ele se insere, ao mesmo tempo, é construída pelo próprio sujeito e o constitui. O adolescente se serve do que as teorias especializadas trazem como discurso do seu ser, se submetendo e se expressando com aquilo que é diagnosticado como adolescência.

As diversas áreas do conhecimento humano pensam e estudam as formas de deslocamento e instabilidade que o sujeito apresenta, seja pelo aspecto físico, comportamental ou psicológico. As relações do sujeito com seu momento histórico e cultural permitem que se desenvolvam interesses maiores para explicar o sujeito, suas ações e suas formas de pensar.

Uma das grandes questões que movimentaram os estudos sobre o sujeito foi a crença de que seria possível chegarmos ao século XXI como

sujeitos livres e autônomos. E que os avanços tecnológicos seriam a chave mestra para abrir as portas da igualdade social, cultural e econômica. Mas hoje, temos a confrontação de modalidades identificatórias² que pluralizam as possibilidades de subjetivação.

Para Foucault, o homem, as verdades, os objetos e as posições subjetivas também são constituídas discursivamente, à medida que há alguma produção de sentido. A formação do sujeito acontece pelas diversas áreas de sua vida, ou seja, um sujeito se forma pelos ensinamentos e condições familiares, escolares e com outros grupos sociais, bem como sua formação é influenciada pelas informações que recebe do mundo, seja pela mídia ou pelos livros, entre tantas outras coisas que intermediam a relação do sujeito com o mundo. Isso significa que quando se trata de 'formação' não podemos olhar por um único viés, já que quando falamos do 'sujeito', vamos para além das áreas sociais. Daí que,

... o homem é dominado pelo trabalho, pela vida e pela linguagem: sua existência concreta neles encontra suas determinações; só se pode ter acesso a ele através de suas palavras, de seu organismo, dos objetos que ele fabrica...
(FOUCAULT, 2007, p. 432)

Assim, o sujeito constrói o mundo a sua volta e é construído por ele. Contudo, não serão somente por objetos concretos que esta construção acontecerá. Pelo contrário, há uma instância simbólica, onde coexistem os sentidos e as coisas, que também integram a constituição do sujeito. Por isso, a construção subjetiva, que atende à formação do sujeito, não é, de modo algum, algo fechado, definido e concluído.

Além disso, não podemos deixar de lado as questões referentes ao poder na constituição do sujeito. Para Foucault, as relações de poder são

² Modalidades identificatórias têm relação com as formas de identificação possíveis para a formação do sujeito. Identificação, em psicanálise, "designa o processo central pelo qual o sujeito se constitui e se transforma, assimilando ou se apropriando, em momentos-chave de sua evolução, dos aspectos, atributos ou traços dos seres humanos que o cercam" (ROUDINESCO, 1998, pág. 365). Freud, no livro, *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, descreve três tipos de identificação: primeiro, trata-se da incorporação segundo o modelo canibalesco; o segundo é o da identificação regressiva, a identificação toma o lugar de objeto, a escolha do objeto regride para a identificação; a terceira modalidade é aquela que a identificação se efetua na ausência de qualquer investimento sexual. Trata-se então do produto da capacidade ou [da] vontade de colocar-se numa situação idêntica à do outro ou dos outros.

dinâmicas e se instauram em todas as esferas da sociedade, não somente de forma vertical, mas principalmente de forma horizontal, de forma que o poder possa circular. Portanto, essa noção de poder não traz em plenitude um aspecto negativo, pelo contrário, serve como instrumento de relação com o mundo. O sujeito, dessa forma, é também efeito do poder que exerce e que é submetido a ele.

O poder se instaura através de formas e em lugares diversos, mas não é uma instância própria de si. O poder não está em si mesmo, pois necessita de sujeitos para existir. É exercido pelos sujeitos em suas relações, principalmente se utilizando dos jogos de verdade que apontam discursivamente os sentidos de uma ou outra forma de poder. Assim, percebemos que tudo gira em torno de um sentido criado, produzido e expresso, através dos discursos constituídos pelos sujeitos, pela sociedade e por suas relações de poder.

Nossa relação com os discursos, com as verdades e com as formas de reconhecer e exercer o poder, ou seja, nossa atuação enquanto sujeito e nossas possibilidades de subjetivação são decorrentes das formações discursivas, sociais e culturais das gerações e sociedades anteriores, que vislumbraram um tipo de sujeito e de relação social. Somos, então, uma construção pessoal, social, cultural, econômica etc., que tenta se organizar entre as relações de poder e, conseqüentemente, as possibilidades de resistências.

A adolescência nos serve de exemplo dessa construção discursiva, que em meio às relações de poder e saber emerge e se instaura na sociedade como uma posição de verdade. A adolescência existe hoje, como fato, e tem seus sujeitos imersos nos conhecimentos sobre ele. O adolescente foi, até então, tomado como objeto de saber e participa dos jogos de poder nas relações familiares, escolares e sociais.

Nesse contexto, o que concebemos como presente, como atual é uma formação inicialmente constituída há anos, portanto, nada do que somos hoje é original, tampouco a nossa sociedade é única, 'sem modelo', pois somos uma invenção, que consegue espaço para existir dentro dos limites discursivos desta e de outras épocas, jogando com as liberdades, os poderes e as resistências.

O sujeito aparece e desaparece no discurso. Como não é pronto e acabado, também não é fixo. Apresenta-se por uma cadeia de significantes³ e logo se desconstrói, num movimento de novo ressurgir. Por essa habilidade, os indivíduos se ordenam e reordenam, capacitando-se à vida particular, social ou profissional, de modo a tentar dar conta daquilo que se expressa subjetivamente.

Sejam invenções ou construções imaginárias, as coisas são promovidas à existência pelas possibilidades que lhe são arranjadas, por isso, algumas coisas se efetuam no discurso e tomam vida, tornando verdades, enquanto outras ficam no limiar entre a fantasia e a realidade. Assim acontecem com os comportamentos, os conceitos, as regras etc.

Um dos exemplos para a condição idealizada do sujeito é a liberdade e a autonomia, pensada e requerida como vitória no amadurecimento social e cultural, porém as coisas não caminham cartesianamente quando se trata do sujeito. Eis o que Foucault nos traz,

O homem é um modo de ser tal que nele se funda esta dimensão sempre aberta, jamais delimitada de uma vez por todas, mas indefinidamente percorrida, que vai, de uma parte dele mesmo que ele não reflete num *cogito*, ao ato de pensamento pelo qual a capta; e que, inversamente, vai desta pura captação ao atravancamento empírico, à ascensão desordenada dos conteúdos, ao desvio das experiências que escapam a si mesmas, a todo o horizonte silencioso do que se dá na extensão movediça do não-pensamento. (FOUCAULT, 2007, p. 445)

Portanto, a construção do sujeito não é algo objetivo que se estabelece exclusivamente, por elementos impostos socialmente, pois há algo nele mesmo que se move e sobre o qual não sabemos dizer, o que impossibilita conceber um resultado concreto. Quando se trata de sujeito não há finalização e sim uma constante construção, que depende de elementos externos e internos. Por isso,

³ Significante é um “termo introduzido por Ferdinand Saussure (1957-19130), no quadro de sua teoria estrutural da língua, para designar a parte do signo linguístico que remete à representação psíquica do som (ou imagem acústica), em oposição à outra parte, o significado, que remete ao conceito. Retomado por Lacan como um conceito central em seu sistema de pensamento, o significante transformou-se, em psicanálise, no elemento significativo do discurso (consciente e inconsciente) que determina os atos, as palavras e o destino do sujeito, à sua revelia e à sua maneira de nomeação simbólica”. (ROUDINESCO, 1998, pág. 708)

o sujeito livre e autônomo, idealizado há anos não aconteceu. Os conceitos de autonomia e liberdade surgem discursivamente e não são estáveis, portanto, sofrem variações de construção e interpretação. O que é ser livre e ter autonomia? Será que ser livre é poder fazer suas próprias escolhas, desde que respeitando as leis e tendo consciência de que sacrifícios e perdas que, necessariamente, irão ocorrer? Ser autônomo é saber governar as próprias leis, conhecendo as regras as quais se submete? O que sabemos, pois é que ser livre e autônomo não significa a ausência de regras e leis, ou estar em uma instância de total de liberdade, pois como nos traz Foucault, o sujeito está se servindo dos jogos de verdade, das relações de poder e das resistências.

1.1.1 – O sujeito foucaultiano

Foucault apresenta o indivíduo e suas relações com o mundo, abordando vários momentos da vida humana para tentar dar conta do cuidado de si, da inserção social e da relação de poder. Permeia seu pensamento pelo movimento, sem delimitar papéis. Não se apega à cronologia, porém sabe que todo movimento depende de tempo e espaço, então quando achamos que algo está imóvel, buscamos desestabilização.

O que Foucault parece tentar apresentar e mesmo entender é esse emaranhado de saberes que constituem a construção do sujeito, se guiando por suas relações com o mundo, incluindo as relações de poder. Ou seja, como o sujeito se integra e se reconhece nesse mundo.

Foucault absorve o simbólico para, também, dar conta em sua teoria da subjetivação, principalmente quando se refere ao sujeito moral e sua conduta, às regras, às leis sociais, à ética. Em seu pensamento, a dimensão simbólica é inevitável, pois está na constituição da sociedade, do poder, do sujeito e nas relações entre eles. O entendimento simbólico aparece como um a mais nas relações entre os sujeitos e com o mundo. Foucault, fala da relação com o outro e de uma dimensão simbólica que participa da constituição do sujeito, dizendo,

... em torno dos cuidados consigo toda uma atividade de palavra e de escrita se desenvolveu, na qual se ligam o

trabalho de si para consigo e a comunicação com outrem... Quando, no exercício do cuidado de si, faz-se apelo a um outro, o qual adivinha-se que possui a aptidão para dirigir e para aconselhar, faz-se uso de um direito; e é um dever que se realiza quando se proporciona ajuda a um outro ou quando se recebe com gratidão as lições que ele pode dar. (FOUCAULT, 2002, p. 57)

Foucault aborda, através da história da nossa existência, os critérios éticos e estéticos, ou seja, as práticas que dizem sobre o sujeito ou que acreditam conhecer o sujeito em suas várias dimensões sejam sociais, educacionais, médicas ou psicológicas, que devem ocupar o lugar da sexualidade e, portanto, do sujeito desejante⁴.

Dessa forma, o sujeito deixa de responder por si (ou em si sobre seu desejo e sua sexualidade) para responder através das ciências e dos diversos saberes, de forma mais regrada e sistemática, que indicam uma verdade. Talvez, seja isso que contribua para a contínua propaganda da igualdade de seres, que soluciona problemas de ordem social, mas não de ordem pessoal. Ao responder através das contribuições de conhecimento sobre si mesmo, o ser humano deixa de se apresentar com individualização e passa somente a responder enquanto grupo.

O sujeito, por outro lado, é constituído por ideologias e formações ideológicas que respondem a estas formações através de sua fala, seu comportamento, suas atitudes. As formações ideológicas têm uma questão muito mais social, contrapondo-se às identificações. Em Bakhtin temos que,

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um *significado* e remete a algo situado fora de si mesmo. (BAKHTIN, 2010, p. 31)

As construções ideológicas, por serem constituídas para as massas, são introduzidas através das relações sociais e culturais, na consciência individual.

⁴ Sujeito desejante é um termo usado em psicanálise para se referir ao sujeito do inconsciente, submetido à linguagem, atravessado pelo desejo do Outro.

Pela palavra, as condições ideológicas se embrenham em todas as esferas da sociedade.

As formações ideológicas justificam, por um discurso amplificado, questões individuais. Ou seja, há pessoas que tornam suas, de forma bastante pessoal, as explicações populares, científicas ou psicológicas, aceitam no grupo social, como individuais. Portanto, as formações ideológicas constituem, por um lado, verdades, por outro contribuem para as relações de poder.

Esse movimento social e pessoal é que permite ao sujeito se colocar em vários lugares e se diferenciar do outro, portanto, o sujeito não é estático. Através dos movimentos que o sujeito é chamado a pensar sobre si, sobre sua atuação e sobre sua ética, como um processo de subjetivação. Mas não na forma simples de conhecer a si mesmo – pelo menos não da forma como atualmente vemos nos diversos livros de autoajuda.

Daí, temos as mais variadas dificuldades, como por exemplo, a impossibilidade de reconhecer o outro como diferenciado e resistimos a essa visão porque as sociedades ainda produzem sujeitos que devem responder aos seus anseios de igualdade. Como forma mais simplificada de controle, constrói-se assim sujeitos, que imbuídos de preconceitos e limitações, não conseguem enxergar o outro enquanto sujeito, que se difere pelo seu conjunto familiar, escolha sexual, diversidade cultural. “Falar a mesma língua” é aprender a entender o que o outro quer dizer e conseguir dizer de forma que o outro compreenda. Quando nos dispomos a observar o outro, podemos não só para entender suas palavras, gestos e comportamentos, mas principalmente entender as limitações que estão ocorrendo naquela tentativa de comunicação, as limitações do outro e as nossas.

O adolescente, hoje, nos apresenta esse desconforto com sua subjetivação constituída pelos saberes sobre ele. Mas ainda que muitos tenham estudado e dito sobre o adolescente, ele mesmo não se diz, pois se desestabiliza, se reconhecendo e não reconhecendo a si mesmo nesses saberes.

Foucault, de acordo com Revel (2011), mostra que há modos de subjetivação/ objetivação pelos quais se constitui o sujeito. Primeiro existe o modo de objetivação onde são estruturadas as disciplinas e que busca conhecer o homem através das ciências: biológicas, humanas, econômicas etc.

Esses modos produzem saber sobre o sujeito e trabalham com aplicação de técnicas, discursos e relações de poder. O segundo são as práticas divisoras, que se traduzem pelas ciências e pelas práticas de exclusão, onde organizam o sujeito como: o louco e o sã, o doente e o sadio, o bom e o criminoso etc. E a terceira e última tem a ver com o governo de si, ou seja, como o sujeito elabora, se subjetiva através dos modos de objetivação. Portanto, conseguimos perceber que o movimento do adolescente é de objetivação e subjetivação tal qual Foucault nos apontou.

Para Foucault, o cuidado de si, enquanto processo de subjetivação visa uma reflexão mais aprofundada, para atravessamento e transformação. Isto não significa uma reflexão racional, uma busca de justificativa para ações ou pensamentos, ou pura conscientização de corpo. Mas como uma forma do sujeito se reconhecer sujeito, percebendo-se na relação sujeito-objeto/ sujeito-sujeito/ objeto-sujeito.

O sujeito na teoria foucaultiana é relacional e em toda relação incide poder que, conseqüentemente, leva à resistência. Nenhum sujeito se faz sozinho, é sempre na relação, mas sua compreensão e conhecimento de si e de mundo é sempre concebido pela experiência do atravessamento, que é subjetivo.

De acordo com Foucault, principalmente nos seus primeiros trabalhos, o sujeito é constituído pela via das formações ideológicas e discursivas, contudo isto não foi suficiente para abranger a formação do sujeito, no que consta de sua individualidade. Somente por esta via seria possível acreditar que todos os indivíduos que vivenciarium um mesmo momento histórico, uma mesma ideologia (política, cultural), que lessem e discutissem um mesmo texto, seriam todos os mesmos sujeitos, pensando as mesmas coisas e agindo da mesma forma. Por isso, para além destas formações, Foucault nos traz o “cuidado de si” (História da sexualidade, 2002), onde observa a relação do sujeito consigo mesmo, sua ética e suas relações com o mundo, também como elementos constituintes e constituídos. O cuidado de si é um sobressalto para o entendimento sobre a diferenciação entre os sujeitos e sobre quais elementos e aspectos movimentam as controvérsias e as disparidades.

1.1.2 – A relação consigo mesmo e o cuidado de si

No livro “A História da sexualidade” (2002), Foucault aponta o cuidado de si como uma das interfaces da construção subjetiva. O cuidado de si vai além do conhecer a si mesmo, pois faz relação direta com a sociedade, o poder, a cultura e o corpo. Quando Foucault utiliza a história da sexualidade para tentar conceituar ou explicar o cuidado de si, fica, num primeiro momento, um vazio como se não houvesse uma relação plausível até que seu pensamento toma corpo e a relação com a ética, enquanto interface da subjetivação, se torna evidente.

Para que se possa estabelecer um cuidado de si, o homem precisa se sujeitar às reflexões sobre seu corpo, sua sexualidade, seu momento histórico, sua posição frente à sociedade e suas relações. Essas reflexões esboçam os conflitos da adolescência (como veremos no capítulo 4 e nas análises de alguns excertos do corpus da pesquisa). Para Foucault,

...o preceito segundo o qual convém ocupar-se consigo mesmo é em todo caso um imperativo que circula entre numerosas doutrinas diferentes: ele também tomou a forma de uma atitude, de uma maneira de se comportar, impregnou formas de viver; desenvolveu-se em procedimentos, em práticas e em receitas que eram refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas... (FOUCAULT, 2002, p. 50)

O cuidado de si passou a ser abordagem de diversas áreas como forma de entendimento de si mesmo, e conseqüentemente, como forma de modelação social e cultural, indo além das perguntas e respostas de reconhecimento. O cuidado de si caminha com os movimentos internos (fisiológicos, pensamentos, emoções) e externos (leis, sociedade, cultura, aprendizado), e não cessa num determinado momento, mas é um processo contínuo.

O cuidado de si ora vislumbra a aproximação do outro, ora se inclina ao afastamento social. Isso porque nos voltamos para nós mesmo, num sentido de busca de unicidade, ao mesmo tempo, que o outro nos singulariza. Precisamos da sociedade para nos reconhecer como integrantes de um grupo, e precisamos de contato árduo “consigo mesmo”, com os desejos e sofrimentos

– ainda que hoje, esse movimento esteja cada vez mais afastado do sujeito contemporâneo, que manifesta seu imediatismo, sua recusa ao sentir (no capítulo 3 falaremos mais sobre o sujeito contemporâneo). Foucault nos diz,

Não é possível cuidar de si sem se conhecer. O cuidado de si é certamente o conhecimento de si – este é o lado socrático-platônico -, mas é também o conhecimento de certo número de regras de conduta ou de princípios que são simultaneamente verdades e prescrições. Cuidar de si é se munir dessas verdades: nesse caso a ética se liga ao jogo da verdade. (FOUCAULT, 2006, p. 269)

Com isso, mostra o quanto, ainda na idade antiga, o corpo reinava como majestade – deus e demônio. Quando não era acusado de proporcionador de absolutos prazeres, era sinal de males morais. Sua vivacidade exagerada ou sua inércia eram impossibilidades para o homem da Grécia Antiga. O controle corporal (tanto com relação ao sexo, como ao físico) era, sem dúvida, uma problemática para os filósofos da época. Mais do que o pensamento, o corpo, que não está indissociado do pensamento transfigura o ser. Hoje, temos a relação corporal inscrita nas clínicas de beleza, nas medicações contra o envelhecimento, nas exigências culturais de magreza, definição muscular, moda, que se fundem ao consumismo e imediatismo moderno.

Assim como o corpo não deve se deixar levar sem o correlativo de um desejo na alma, esta não deve ir além daquilo que exige o corpo e do que ditam suas necessidades. Mas, no primeiro caso, trata-se de uma doença que os remédios poderão talvez corrigir; no segundo é, sobretudo, um regime moral que convém aplicar a si mesmo. (FOUCAULT, 2002, p. 138)

Portanto, nos cuidados de si, dentre os elementos que constituem esse conceito, não deixamos de lado a questão da linguagem como possibilidade de marca corporal, comportamental e de pensamento. Isso porque, há uma construção discursiva que incide sobre os cuidados de si, e conseqüentemente, sobre a subjetivação.

A inserção na linguagem vai ganhar lugar na obra foucaultiana sobre a escrita de si, onde o outro é quem de alguma forma pode e sabe dizer sobre mim, como se, sem a leitura do outro sobre mim, não fosse possível a minha

escrita sobre mim mesmo. Além disso, o outro toma o lugar de escuta. Ninguém escreve ou fala para si mesmo, sempre nos dirigimos ao outro, mesmo que este outro não esteja ali. O que dizemos sobre nós, pela escrita ou pela fala, ganha vida pela leitura (ou escuta) do outro com sua subjetividade. A escrita de si não se sustenta em si.

Se a escrita de si é uma das técnicas para o cuidado de si, é porque exige um retorno ao que já foi visto, é uma situação em que o ser pode se revelar, ou seja, se ver de um outro lugar (no lugar do outro), no ato de escrever pode emergir a subjetividade. A escrita é, portanto, uma forma de linguagem e que depende de determinados símbolos para acontecer.

1.2 – Conceitos psicanalíticos que participam da constituição do sujeito

Para se falar em sujeito da psicanálise, é necessário situarmos, primeiro, sua premissa fundamental – o inconsciente. Com este termo, Freud (1976b) não quis, simplesmente, dizer de uma ‘não consciência’, como é tão comumente explicado. Inconsciente diz respeito a uma instância que integra o ser e participa de todo seu modo de subjetivação, de comportamento, de atitudes, de escolhas. É um saber não sabido e, por vezes, ignorado pelo sujeito que prefere nada saber de si.

Há uma barreira entre o inconsciente e o consciente. Freud formula, portanto, logo de início, a subjetividade humana em conflito, estirada em dois topos, designando a divisão do sujeito entre o que ele quer inconscientemente e o que ele conscientemente não quer ou ignora que quer. Encontramos aqui a própria definição de sujeito por Lacan como sujeito dividido: o primeiro nome dessa divisão em Freud é a divisão entre inconsciente e consciente. (QUINET, 2000, p. 23)

O sujeito barrado ou cindido é o sujeito do inconsciente. Isto porque o não saber, próprio do inconsciente, divide o sujeito num “ser ou não ser”. Há momentos da vida que pensamos, agimos ou falamos como se fosse um outro de nós. Há quem diga “aquele não era eu”. Esta percepção é fruto do efeito da divisão consciente/inconsciente. A consciência que temos de nós mesmos é

apenas uma aparência, pois não é possível deter todo saber de si somente pela consciência.

Contudo, o inconsciente não é uma compilação ordenada e sim um aglomerado de informações, que se estabelecem e se manifestam de forma desordenada. Todas as coisas que vemos, lemos, escutamos e sentimos podem produzir efeitos inconscientes. De acordo com Fink,

...o inconsciente consiste em cadeias de inscrições quase matemáticas, e – tomando emprestada uma noção de Bertrand Russell, que ao falar dos matemáticos disse que os símbolos com os quais eles operam não significam nada – portanto, não faz sentido discutir o significado das formações ou produções inconscientes... A linguagem no inconsciente, e como o inconsciente, cifra. A análise, então, implica em um processo significativo de decifração que resulta em verdade, não em sentido. (FINK, 1998, p. 40)

O inconsciente determina a cisão do sujeito, ou seja, só podemos dizer que o sujeito é dividido porque o inconsciente insiste em querer aparecer. Se é ele – inconsciente – que movimenta o sujeito, é o consciente que insiste em negá-lo. O ego⁵ (eu), morada do consciente, não suporta o desconhecido de si mesmo e, por isso, tenta encontrar desvios para parecer conhecedor. É insuportável para o sujeito o não saber, por isso, a investida de todo ser é em busca de resposta.

Entendemos o ego como uma instância mediadora, um administrador das informações do superego em confronto com as pulsões do id (ou a força motora primitiva), mais a sociedade, já que o homem vive em sociedade. Por exemplo, quando alguém nos irrita, dá uma fechada no trânsito, nos empurra, faz algum gesto ou diz alguma coisa que nos deixa nervoso.

O ego precisará administrar a força do id, que em autodefesa me impulsionará para destruir meu agressor, mais as informações do superego que me trará a medida da agressão (foi mais ou menos grave a agressão), também o superego mandará a informação de como eu sou: sou calmo, sou paciente, sou de conversa, ou seja, com os meus valores, minha moral, minha

⁵ O ego é o eu. Ou aquilo que conhecemos conscientemente como "eu". É a única parte consciente de nossa psique (mente). Mas também possui uma parte grande inconsciente.

ética. E ainda fazer relação com as leis da sociedade. Toda essa administração feita pelo ego é realizada de forma inconsciente, mas quando expressamos a conclusão do ego - o que o ego resolveu fazer - fazemos de forma consciente.

Por isso, não podemos ser desresponsabilizados de nossas ações. O ego é o que "dá a cara à tapa". Ou seja, é aquele que expressa, mostra para o mundo suas informações internas. Quando dizemos sobre "quem sou eu" falamos a partir do ego, ou seja, da nossa parte consciente. Nossos comportamentos, pensamentos, movimentos passam pelo ego, pois é ele que mostra para o mundo. Quando assisto TV, quem assiste é o ego (ainda que as outras instâncias também estejam em alerta). Nossas sensações e percepções são recebidas pelo ego, mas podem tanto ser conscientes como inconscientes.

Por exemplo, no momento que estou assistindo aula, estou recebendo informação de forma consciente daquilo que o professor está explicando, e outros sons e imagens que vez ou outra chamam minha atenção (consciente), porém existem outras informações que estão sendo recebidas de forma inconsciente como cheiros, outros sons e minhas fantasias sobre aquilo que escuto e vejo (como os pensamentos relâmpagos que temos e não sabemos de onde vem nem por quê).

É importante dizer que todas estas instâncias (nome dado por Freud se referindo ao mesmo tempo a lugar e sistema) funcionam ao mesmo tempo. Por isso, é muito difícil explicar cada conceito separadamente, sem acabar esbarrando em outro.

O *id* é o lugar onde estão nossas pulsões (força impulsionadora) que é o que nos movimenta. É considerada a parte mais primitiva, pois como sua força energética é muito grande, a única coisa que quer é ser descarregada. É onde fica nossa energia psíquica, que para a psicanálise é a energia para todo o organismo do sujeito (mente e corpo). O *id* é inteiramente inconsciente, mas não podemos dizer que todo inconsciente é *id*.

Em alemão se utiliza a palavra "es", que significa "isso" e se trata daquilo que não conseguimos nomear. "O que é isso que acontece comigo?" - tem relação com o que não conseguimos dizer, explicar e é pulsional (impulso energético psíquico). As pulsões básicas são de agressão (que serve para defesa e subsistência) e sexual (que serve para prazer e procriação) -

lembrando que as pulsões do id são primitivas como se pensássemos nos homens primitivos que precisam sobreviver e reproduzir.

O *superego* é também chamado de super-eu ou sobre-eu (que seria a tradução mais correta do alemão *uber-ich*). Para Freud seria como se existisse um observador/ avaliador/ analisador permanente que ficaria sobre o eu (como uma autoridade maior em tamanho e em valor). É formado em contato com as pessoas e o mundo. O superego é aquele que carrega os valores, as formas de ser, o aprendizado do que pode e não pode, por isso é entendido como a lei que rege o sujeito. Não é simplesmente repressor, pois ele nos indica um jeito de ser.

Uma profissão, por exemplo, é escolhida com base nas informações do superego. Posso ser médico não só por imitação do meu pai, mas porque aprendi (de forma inconsciente) que esta é a melhor forma de trabalho. Por causa do superego fazemos ou deixamos de fazer várias coisas. Os elementos que estão no superego funcionam para que eu pense e me comporte de acordo com o que está marcado inconscientemente.

O problema é que este aprendizado é inconsciente, ou seja, eu não tenho controle do que estou aprendendo nem como estou aprendendo. Como o superego é formado pelas informações do mundo e também pelas minhas fantasias, tudo o que vejo, ouço, experimento podem ser marcados no inconsciente e passar a ser informação do superego. Não sabemos o que nem como as coisas são absorvidas no superego, por isso seu funcionamento é inconsciente. Do mesmo jeito, não sabemos como vamos expressar essas informações.

O desconhecido movimenta o sujeito porque este é constituído por falhas. O sujeito não é completo, ao contrário, é faltoso. E é graças a sua incompletude, a sua falta que o desejo pode aparecer como engrenagem. O sujeito do inconsciente é também o sujeito do desejo, que Lacan estabeleceu se como desejo de reconhecimento, ou seja, o desejo do desejo do outro.

O desejo, em psicanálise, vai além da vontade, já que é um registro inconsciente, que movimento o sujeito em busca de um objeto que satisfaça esse desejo. No encontro com o objeto, o desejo se refaz, ou seja, não há satisfação para o desejo inconsciente. A busca é pelo objeto perdido (o objeto a) que se nomeia pelos objetos oferecidos pelo mundo, mas não o é. É como

se existisse uma ilusão em relação ao conhecimento do objeto *a*, pois esse não é sabido.

O desejo está no campo do desconhecido, do inconsciente, da constituição do sujeito, e funciona como desestabilizador da posição do sujeito, ao mesmo tempo, que é o que movimenta o sujeito através do pensamento, do comportamento e das escolhas (conscientes e inconscientes). Daí que Lacan, ao longo de seus trabalhos tenta esclarecer algumas confusões sobre o tema, então trazemos Fink, que nos diz:

*O desejo, a rigor, não tem objeto. Na sua essência, o desejo é uma busca constante por algo a mais, e não há objeto passível de ser especificado que seja capaz de satisfazê-lo, em outras palavras, extingui-lo. ... O único objeto envolvido no desejo é aquele "objeto" (se podemos ainda nos referir a ele como um objeto) que causa desejo. O desejo não tem "objeto" como tal. Ele tem uma causa, uma causa que o traz ao mundo, aquilo que Lacan denominou objeto *a*, causa do desejo. (FINK, 1998, p. 116)*

Por isso, quando falamos de desejo, imediatamente temos que remeter a esse outro conceito, que em Freud ficou marcadamente conhecido como falta e Lacan reinaugura com o conceito do objeto *a*, que apesar de seus desdobramentos, caracterizou-se como objeto perdido. É pela falta que o desejo pode aparecer. Assim como, o desejo é inconsciente (e não se confunde com vontade), a falta também é, além de ser estrutural, ou seja, faz parte de todo sujeito.

Para a psicanálise, o acesso à autonomia está vinculado ao alcance do status de sujeito desejante. Desejo e falta constituem o sujeito e, por isso, fazem parte do seu funcionamento estrutural. Além disso, são resoluções inconscientes, ou seja, são saberes não sabidos. Não sabemos nada deles até que se expressem e que se coloquem diante de nós. Sua análise ou interpretação faz com que se conheça ou se entenda mais sobre a constituição do sujeito – o que forma um sujeito depende da relação que ele tem com seu desejo e sua falta.

Hoje, ainda que a falta seja recusada pelo sujeito contemporâneo consumista e imediatista, ela é presença-ausência que se coloca evidente,

justamente pelo sintoma social de nada poder faltar. Somente há consumismo em excesso, pela impossibilidade do sujeito de lidar com sua própria falta, funcionando como uma constatação da falta.

Através do conceito de falta, trazemos o conceito de angústia, que em psicanálise, tem relação com o objeto perdido, como se fosse um objeto posto no lugar do objeto a, do objeto causa do desejo. É o reconhecimento da falta, estado de uma presença insuportável. Quando algum mecanismo interno faz aparecer uma coisa (das ding, de Freud) assustadora, que se inscreve no lugar do objeto a, como imagem da falta, então surge a angústia. A angústia tem relação com o Outro, com o desejo do Outro, que surge como a presença do enigma: o que quer de mim?

A angústia é própria da constituição do sujeito do inconsciente, que o desestabiliza e traz um ponto de interrogação, é um sinal do real⁶, da ordem do inominável. Aparece no eu (ego), mas diz respeito ao sujeito, pois diz da relação do desejo com o objeto a. A angústia é um sinal que não engana e escapa à representação.

Lacan ainda nos traz o conceito de Outro (com letra maiúscula), que nos remete ao inconsciente, pois não é o outro enquanto pessoa física ou objeto concreto. Sua relação se encontra no mundo simbólico, contudo, pode atingir aspectos concretos, de acordo com a necessidade e entendimento do sujeito. O Outro (lacaniano) é aquilo que interroga o sujeito e a quem o sujeito se reporta. Uma construção inconsciente que faz sentido em toda sua vida.

Para a psicanálise, a criança se constitui como sujeito e depende de características internas, biológicas e psíquicas, assim como depende, também, de características externas, como as relações com as pessoas, os

⁶ Real, simbólico e imaginário são registros descritos por Lacan, onde o real é "o termo empregado como substantivo, introduzido em 1953 e extraído, simultaneamente, do vocabulário da filosofia e do conceito freudiano de realidade psíquica, para designar uma realidade fenomênica que é imanente à representação e impossível de simbolizar... designa a realidade própria da psicose (delírio, alucinação), na medida em que é composto dos significantes foracluídos (rejeitados) do simbólico", já o simbólico é "o termo extraído da antropologia e empregado como substantivo masculino por Jacques Lacan, a partir de 1936, para designar um sistema de representação baseado na linguagem, isto é, em signos e significações que determinam o sujeito à sua revelia, permitindo-lhe referir-se a ele, consciente e inconscientemente, ao exercer sua faculdade de simbolização... assim, designa tanto a ordem (ou a função simbólica) a que o sujeito está ligado quanto à própria psicanálise, na medida em que ela se fundamenta na eficácia de um tratamento que se apoia na fala", enquanto que com o termo imaginário temos que "se define, no sentido lacaniano, como o lugar do eu por excelência, com seus fenômenos de ilusão, captação e engodo". (ROUDINESCO, 1998, pág. 371, 644 e 714)

ensinamentos e informações, com o meio e a cultura. Entende-se que o bebê não tem, *a priori*, a percepção de seu próprio corpo, pois ele acredita que é apenas uma extensão do corpo materno (ou daquele que exerce a função materna) e não consegue distinguir o que é ele e o que é o outro. Sua construção, enquanto sujeito, começa no momento de diferenciação, onde após a passagem pela dimensão imaginária, há o aparecimento de um terceiro que interromperá a relação simbiótica entre a mãe e o bebê.

A entrada de um terceiro elemento na relação faz com que o bebê empreenda a dimensão simbólica, que é regida pela lei da castração, cuja resolução é de que ele – o bebê – é não todo. Neste jogo triplo, o terceiro elemento é condição primordial ao bebê para que perceba que é um outro e não apenas um pedaço do corpo materno.

... a primeira, e por isso mais intensa relação de um bebê com o mundo em que nasce, se dá através de Outro que o preexiste, faz dele um objeto privilegiado de seus interesses e influencia o bebê de tal forma que ele será necessariamente produto da relação de ambos – o Outro e ele mesmo. (ALBERTI, 2010, p.12)

É com esta percepção primeira que o bebê, que durante algum tempo foi considerado o objeto da mãe, pode sair desta posição objetal. Ora, sabemos o quanto é fácil uma mãe tratar seu bebê como um objetozinho que está ali para seu bel prazer. Há mães que enfeitam e adulam seus filhos como se estes bebês fossem “bonecas” (objeto de prazer maternal, principalmente na infância) – é comum escutarmos frases neste sentido, em alguns momentos da vida materna. Por isso, não é algo tão simples a entrada de um terceiro nesta relação, visto que ele barra o gozo materno, ao mesmo tempo, que parece apontar para o bebê, dizendo “ela não é só sua e você não é parte dela”.

Mas é claro que esta diferenciação tem efeitos no campo simbólico, pois a criança não nasce grudada ao corpo materno, tampouco deixa de ter contato com a mãe. A entrada do terceiro elemento, que irá representar a função paterna serve como separação, mas no intuito de retirar o bebê da posição de desejo do Outro, possibilitando seu assujeitamento. Além disso, a função paterna é a instância da lei, que instaura o simbólico e permite o sujeito

emergir, deixando a posição de puro objeto (ou iniciando o vacilo entre essas duas posições).

Ao longo de toda nossa vida, seremos o quanto os processos de separação/ alienação nos tornam mais ou menos sujeito e objeto. Um perigo existe quando esta separação não acontece ou tem insucesso. Se no campo simbólico a separação não acontece, a criança fica como um fragmento do corpo da mãe, tendo a sensação de pedaço. Por isso, a unicidade (ainda que simbólica) é importante para que ele não se despedace, característica própria da psicose. Portanto, temos que:

... a alienação consiste na causação do sujeito pelo desejo do Outro que precedeu seu nascimento, por algum desejo que não partiu do sujeito, a separação consiste na tentativa por parte do sujeito alienado de lidar com esse desejo do Outro na maneira como ele se manifesta no mundo do sujeito. (FINK, 1998, p. 73)

Daí que, somente através da diferenciação que o bebê pode constituir seu próprio desejo. Portanto, a saída de uma posição indica o caminho da outra. Não é possível a ninguém estar nas duas posições ao mesmo tempo, contudo, ao longo da vida, nos articulamos entre ser sujeito e ser objeto.

A integração do si mesmo só é possível quando não há ligação simbólica com o outro, pois na extensão, o bebê é somente fragmento do corpo materno. Portanto, depende das relações simbólicas e afetivas para tornar-se sujeito. Neste contexto, vemos que, para a psicanálise, a relação eu-outro é constante e indissolúvel.

Mas há algo mais que movimenta o desenvolvimento do sujeito, que é sua confrontação do mundo externo com o mundo interno. Os elementos que vem do meio permitem a construção de suas representações, que inseridas, servem de elementos fundamentais para o sujeito construir e organizar sua formação psíquica, emocional, intelectual e comportamental. Esta organização é necessariamente marcada pelos valores sociais, pelos atributos externos e pelas condições de conceituação que é absorvida pelo sujeito. O ambiente cultural e social é essencial para a constituição do sujeito, sendo impossível pensá-lo privado deste contato. Fink nos explica que,

o sujeito *enquanto* sentido que é depositado como sedimento, de certa maneira a partir do efeito de um significante sobre o outro, corresponde ao sujeito como eclipsado pelo sentido, que está sempre no campo do Outro. O sujeito como sentido – sentido inconsciente ou no Outro – pode ser situado no esquema do sujeito dividido. (FINK, 1998, p. 101)

O sujeito fica em constante tensão para formar uma unidade de fundamentos que o estrutura, que possa responder diretamente quem é este sujeito. A diversidade pode ser entendida como risco de constituição efetiva ou risco de se reconhecer.

O simbólico, enquanto via de apreensão do mundo e de si mesmo, serve como matriz que marca os sujeitos e instaura seu modo de ser e de se relacionar.

Nosso corpus de pesquisa, o adolescente, é o sujeito atravessado pelo desejo inconsciente que busca respostas para suas questões conflituosas, mostrando que responder ‘o que quer ser’ é muito mais do que escolher uma profissão, pois tem relação com sua constituição subjetiva entendida pelas identificações (conceito que discutiremos no próximo item).

1.2.1 – O sujeito psicanalítico e sua relação com o Outro e os outros

Para melhor compreensão ao que a psicanálise se refere, faremos, neste item, a distinção de Outro (maiúscula) e do outro (minúscula), onde o Outro se refere ao inconsciente, ao desejo e o outro se refere às outras pessoas e ao mundo.

Quando a criança nasce, o outro surge como forma de manutenção da vida, já que não somos capazes de nos alimentarmos, nos aquecermos ou nos limparmos sozinhos. Nesta relação de cuidado se estabelece o vínculo afetivo, e talvez seja daí, que nossas amarras ao afeto se efetue e se consolide, pois nos tornamos dependentes do amor.

A mãe, ou qualquer outro cuidador que estabelece o vínculo, afeta esta criança, ou seja, insere marcas em seu corpo e desenha seus limites. Isto acontece no toque dos banhos, da limpeza, dos carinhos, bem como, nas palavras que tentam dizer quem é o bebê ou o que quer aquele bebê, e tentam

desenhar o corpo deste bebe, nomeando seus limites (olha o pezinho do bebê, de quem é esse narizinho etc.).

O bebê, desde o momento do nascimento, começa a responder aos estímulos externos como sons, luzes, toques e posteriormente, passa a interagir com eles. A linguagem é constituída no processo relacional a partir dos cinco sentidos: audição, olfato, tato, visão e paladar. A criança se utilizará deles para reconhecer e responder aos estímulos.

Quando nasce, a criança acredita ser parte do corpo da mãe, posteriormente, tem a possibilidade de se ver como num espelho pelo corpo materno e isto é o que permite à criança perceber a existência do outro separado do eu, gerando a falta.

Esta relação é construída e evolui de acordo com a disponibilidade e reciprocidade entre a mãe e a criança, adaptando-se ao desenvolvimento psicológico da criança. As interações comportamentais estão inteiramente ligadas às interações afetivas. As emoções também são objetos desta comunicação. Neste contexto, há a cisão do sujeito, onde a mais fácil percepção se dá quando o sujeito não se identifica nos seus próprios discursos e/ou comportamentos. A psicanálise reconhece que,

Enquanto a maioria das pessoas não atribui importância alguma ao Outro discurso que irrompe e interrompe o discurso do eu, os psicanalistas afirmam que existe nesta aparente loucura, uma lógica bastante identificável por trás dessas interrupções; em outras palavras, que não há nada de acaso nelas. (FINK, 1998, p. 21)

Portanto, a relação com o outro vai para além de uma relação social e cultural, pois institui um Outro em nós mesmos, que será significativo pela linguagem (como modo de se posicionar no mundo). A criança é inserida no universo linguístico e daí, pode constituir-se sujeito, fazendo relação com o mundo.

O sujeito é modelado pelas suas relações, e se o é, é porque não nasce pronto para ter condição social, é necessário que esta condição se coloque para ele. O que traz o indivíduo ao nascer é um conjunto de impulsos incontroláveis, que precisam ser guiados em direção a um lugar, como nos coloca Freud (1976a, p. 64) "... torna possível supor que o caráter do ego é um

precipitado de caquexias objetais abandonadas e que ele contém a história dessas escolhas de objeto”.

De certo é que estabelecemos o sujeito a partir de suas relações com o mundo e com ele mesmo. O sujeito abordado, não é, portanto, o homem biológico. O sujeito é aquele que exprime uma subjetividade. É uma posição que implica as questões biológicas, sociais e psicológicas. Dessa forma, incluir a adolescência como uma posição subjetiva é conseguir olhá-la como um processo constituído e que não é fechado em si mesmo.

Estar inserido num contexto histórico-social para se constituir sujeito, significa assujeitar-se a certas normas e regras já estabelecidas. Assim, acontece com o sujeito diante de suas próprias leis. Ele está submetido às formações que o constituíram.

Se o processo de constituição subjetiva acontece a partir de uma alienação-diferenciação, então, poderíamos acreditar que a exclusão do outro garantiria uma constituição mais sólida, mais consistente, mais fechada. Contudo, este outro não é uma pessoa a qual se refere objetivamente. O outro é sempre invisível, inaudível e ausente. Por isso, só existe sujeito, enquanto constructo subjetivo, quando é possível se expressar de uma determinada posição. Quando o sujeito fala, indica suas identificações e formações, pois seu dizer passa por seu posicionamento subjetivo.

O sujeito é um efeito, pois é o Outro que diz quem é o sujeito e para onde seu desejo se dirige. A necessidade do outro mostra para o sujeito o quanto é fragmentado, não inteiro, sempre buscando por algo que falta. O desejo é fator relevante na constituição do sujeito e este desejo é revelado (não ele em si, mas suas representações) para o sujeito pelo outro por meio da linguagem.

O Outro, que antes se fazia no lugar do espelho, é agora incorporado pela subjetividade da criança, que pode reconhecer o que diz retornar, reformular, corrigir. Neste momento, a criança teve sua inserção no simbólico e passa a poder compreender seu lugar e fazer os deslocamentos necessários para suas relações com os outros, o meio, a cultura e a própria linguagem. Para Lacan (1998a, p. 601), há (...) “uma ordem simbólica que preexiste ao sujeito infantil e segundo a qual será preciso que ele se estruture”.

Quando nascemos não conseguimos reconhecer os limites do nosso

corpo. Não conseguimos diferenciar o que são sensações externas e o que são sensações internas. É na relação com a mãe (ou com quem cuida), que a criança vai aprendendo a definir os limites de seu corpo, separando assim, o eu do outro. Esta separação eu/outro não é simplesmente física, mas principalmente, carregada de afeto e símbolos que posteriormente constituirão este novo corpo em suas manifestações. A construção corporal sofre a interferência afetiva porque o sujeito se forma com estas interferências e o corpo não pode ser separado do ser. A constituição psíquica e corporal advém de marcas e representações das experiências, agradáveis e desagradáveis, que sofre o sujeito, principalmente inconscientemente – pelo menos para a psicanálise.

Para a psicanálise, esta formação não acontece simplesmente pela ordem cronológica do desenvolvimento humano. Isto significa que é necessário ter contato com as coisas do mundo, para fazer parte dele, da forma como ele aceita. Não é possível ser qualquer um em qualquer lugar. O mundo nos exige um posicionamento, uma denominação. Este posicionamento depende dos limites impostos a cada sujeito desde o seu nascimento. A teoria psicanalítica nos ensina que desde bebê recebemos informações que irão contribuir para nosso enquadramento, desde o corpo até o comportamento. A relação mãe-bebê é uma destas delimitações (a primeira). A mãe contribui na modelação do corpo do bebê, na medida em que oferece a ele os nomes que constituem este corpo (mão, nariz, boca). Posteriormente, na relação com o meio, a criança recebe as delimitações de seu comportamento. Esta relação com o meio é possibilitada, segundo Lacan, pela função paterna, que viabiliza a interação com o simbólico.

Para Lacan, a formação do 'eu' também depende do outro. Constrói-se à imagem do semelhante como imagem transmitida pelo espelho. Com este pensamento apresenta o artigo "O Estágio do Espelho como formadora da função do eu [jê]", em 1936, no Congresso Internacional de Psicanálise. O bebê se projeta na imagem do outro para o amadurecimento, porém, esta situação leva à alienação/ separação e possibilita sua constituição como sujeito.

Nesta perspectiva de espelho, o bebê vai formando seu "eu", usando, primeiramente, a imitação, num misto de ser "eu" e ser "outro". Neste jogo, o

sujeito é levado a conhecer o mundo pelos olhos de um outro, ou como se fosse um outro, ao mesmo tempo em que terá revelado pelo outro um desconhecimento de si.

Quando diz de si através do “eu”, o sujeito aponta sua inserção na história, deslizando sob os significantes e seus significados. O sujeito é representado por um significante para outro significante. A linguagem instala a ordem simbólica no sujeito e possibilita a produção dos significantes que guiarão o sujeito no decurso de sua vida e nos discursos. Todas as formas de expressão do sujeito são derivadas da cadeia de significantes. Para Lacan,

O eu do homem moderno adquiriu sua forma, como indicamos em outro ponto, no impasse dialético da bela alma que não reconhece a própria razão do seu ser na desordem que ela denuncia do mundo... A comunicação pode se estabelecer para ele, validamente, na obra comum da ciência e nas utilizações que ela ordena na civilização universal; essa comunicação será efetiva no interior da enorme objetivação constituída por essa ciência e lhe permitirá esquecer sua subjetividade. (LACAN, 1998a, p. 283)

Por isso, para a psicanálise, ao falar do “eu”, o sujeito fala de uma identificação imaginária que se utiliza da linguagem constituinte, mas se perde nela, pelas falhas que representam o impossível de ser dito.

Quando tomamos como exemplo nosso corpus de pesquisa – o adolescente – evidenciamos sua sujeição pelas construções identificatórias a partir da família, da escola e dos grupos sociais que ele participa. O adolescente é o representante mais vivaz desse aglomerado de identificações que o sujeito absorve durante a vida, pois ele expressa suas contrariedades, mostrando assim que as identificações não são escolhas conscientes, tampouco seguem diagramações perfeitas.

Além de comportamentos, atitudes, escolhas, a fala é uma expressão da subjetividade. O sujeito quando começa a falar se transforma, ou muda de posição. Na(s) linguagem(ns), o sujeito pode ser diferenciado. Por isso, que a linguagem possibilita ao sujeito aprofundar-se no si mesmo e a expressar aquilo que ele não diz, mas que diz muito dele. É o sujeito, na sua singularidade, que emerge na linguagem.

Para Lacan (1998), a entrada do sujeito na linguagem é anterior à sua entrada na sociedade. A história tem relevância na constituição do sujeito, mas não pelo aspecto sociológico e sim pelo fato de que a história já está na fala de quem rodeia o sujeito, mesmo antes dele nascer. São os significantes, enquanto cadeia, da história do sujeito, da sua família e de sua cultura que fazem efeito no sujeito.

1.2.2 – Identificações – como o sujeito é formado.

A constituição do sujeito está baseada nas identificações, para a psicanálise e nas ideologias, para Foucault, tendo relação com o discurso e com as relações de poder. De alguma forma, o sujeito escolhe (inconscientemente) as identificações, que lhe asseguram um dizer e um saber sobre si mesmo, bem como é tomado por ideologias, que participam de uma constituição discursiva.

É como o questionamento da origem quando se pergunta ao sujeito quem ele é. A sua origem, de onde ele vem e para onde vai, é posta em questão neste momento, pois a constituição do sujeito é tida na sua história, que tem aparentemente um começo com seu nascimento, um meio, que se correlaciona aos momentos de sua vida e um fim, que seria representado por sua morte. Contudo, as teorias das identificações e das ideologias, nos reservam novas construções histórias que se baseiam no tempo lógico e não no cronológico, pois ao dizer de si o sujeito vai e volta na sua história, na sua cronologia, mostrando que sua formação não é uma cadeia organizada de fatos, mas sim uma cadeia de associações.

Para a psicanálise, a constituição do sujeito acontece pela via da identificação. A relação criança/adulto é sempre singular e esta identificação possibilitará à criança a construção de sua própria personalidade. A criança também é agente ativo neste processo. O universo familiar é apresentado como uma cadeia de significantes que só posteriormente terão um significado para cada criança. O sujeito é também um significante que se apresenta quando consegue ser separado outro. Freud coloca que,

A identificação é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional com outra pessoa... A identificação, na verdade, é ambivalente desde o início; pode tornar-se expressão de ternura com tanta facilidade quanto um desejo do afastamento de alguém. (FREUD, 1976f, p. 133)

Portanto, a psicanálise nos traz como um dos fundamentos para a constituição do sujeito a identificação, que se situa entre algo que é interno e algo que vem de fora, em forma de elaboração. A identificação constrói aquilo que posteriormente acreditaremos ser uma identidade subjetiva, ou seja, o ser que se é adquire-se pelas identificações concebidas, principalmente, na infância. As identificações constituem as bases da formação do sujeito. Produzidas a partir da matriz do espelho servem-se de significantes na cadeia associativa. O eu constituído a partir de identificações contém as marcas das situações vividas pelo sujeito, numa interlocução com os objetos do mundo.

Freud diferencia a identificação primária e a secundária. A primária está presente num momento mais primitivo do indivíduo e é entendida como identificação direta, onde o sujeito contém o objeto na sua totalidade. É uma marca fundadora. No texto *O eu e o isso* (1976a), onde Freud nos traz os conceitos de id, ego e superego, diz que as instâncias ego e superego são constituídas, a partir do processo de identificação. Na internalização da representação objetal, o sujeito toma esta como o próprio objeto. É o primeiro laço afetivo do sujeito com o objeto, onde sua fusão acontece na incorporação do objeto.

A questão da identificação se instaura num misto interno e externo, tendo nesta situação paradoxal a constituição do sujeito. É neste contexto que a apreensão de si mesmo, no sentido de olhar-se, criticar-se etc. pode acontecer.

A partir das identificações primárias, a formação do sujeito passa por outras identificações: secundárias ou parciais, que se resultam da substituição dos investimentos objetais, considerando, assim, que a subjetividade é constituída internamente, através de objetos que foram inseridos. A intervenção

lacaniana⁷ a respeito da constituição do sujeito deixa claro que não há separação entre o eu e o objeto – não há um sem o outro. Para Lacan, a formação do eu passa pelo estágio do espelho onde compreendê-lo,

como uma identificação, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem... a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética da identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito. (LACAN, 1998a, p. 97)

Lacan, então, propõe a primeira identificação como imaginária, onde há a formação da imagem unificada do corpo, possibilitada com o fim do despedaçamento. Em seguida, há a identificação simbólica, determinada pelo advento da linguagem, ainda que seja compreensível que o simbólico já conste na identificação primária, pois a criança nasce inserida na linguagem. Nestas duas formas de entendimento, diz-se que a origem do eu se relaciona com a identificação primária, onde acontece a emergência da imagem especular, enquanto que com a identificação simbólica há o advento do sujeito do inconsciente, marcado pelos significantes que compõem sua história. Por isso, em psicanálise, o ser é sempre cindido entre o eu e o sujeito do inconsciente.

O eu vai se constituindo na mesma medida em que vai fazendo a diferenciação o que é de si e o que é do outro. Desta forma, o eu é produzido pela identificação com elementos que ele mesmo diferenciou.

A criança internaliza os objetos externos que lhe servirão de elementos identificatórios, cuja finalidade comporta a construção do ser e a forma de interação com as outras pessoas e na adaptação à realidade.

A constituição do sujeito contemporâneo não está desvinculada a construção da sociedade e da cultura, na relação com os mais variados elementos que o mundo oferece, bem como pela velocidade com que as transformações acontecem. O mundo atual oferece tantos elementos quantos

⁷ Lacan faz uma releitura dos textos freudianos e revisa conceitos, onde o entendimento teórico postulado por Freud fica mais claro. As questões sobre o sujeito estão mais evidentes em sua primeira fase, onde situamos textos entre os anos 1930 e 1940.

são demandados e até a ultrapassagem desta demanda, que se constrói na medida em que são ofertados elementos constituintes.

No jogo das identificações, as mensagens do outro ficam como marcas para o sujeito e funcionam como disposições para ele existir. Existir aqui é no sentido de se dizer, se posicionar. Ser sujeito é estar numa determinada posição de onde é possível se dizer, se expressar. Ao longo da vida e dos dias atuamos em várias posições e outras que não somos autorizados a desempenhar. Falo a partir da minha posição sujeito-estudante, sujeito-mãe, sujeito-filho etc. O sujeito precisa estar numa posição para que sua fala seja aceita e para que seu entendimento sobre si mesmo se efetue. Quando se pergunta *quem é você*, as respostas surgirão de acordo com a posição sujeito de cada um, aquela em que ele se insere e se constitui.

Desconhecemos quais são e de onde vêm todos os nossos significantes, por isso, somos ditos por eles. Ditos, não só no sentido da palavra, mas ditos também, pelo corpo do sujeito, naquilo que marca fisicamente e no movimento, no comportamento.

2 – Linguagem e discurso

Neste capítulo, serão abordadas questões inerentes à linguagem e ao discurso, de acordo com teóricos como Orlandi, Pecheux, Foucault e Lacan. Darei relevância a estes elementos como integrantes da formação social e subjetiva.

2.1 - Linguagem

A linguagem está em todos os lugares e em todas as pessoas. É ela que permite o entendimento e a relação com o mundo e com as pessoas a nossa volta. A linguagem vai além das formas possíveis de expressão dos sujeitos com o meio, pois através da linguagem o sujeito marca sua história no mundo, se insere e se inscreve, de acordo com suas possibilidades. Palavras, símbolos, comportamentos, entre outros, são formas de linguagem, pois permitem um posicionamento do sujeito.

Estamos rodeados de linguagem e apreendemos o mundo através dela. Contudo, para que haja apreensão da linguagem, para que ela possa fazer efeito, é necessário o outro, ou seja, a constituição, a formação do sujeito, o entendimento, a relação com o mundo depende do outro (e dos outros). Além disso, Foucault nos alerta que as palavras em si não abarcam o todo do seu dizer, ou seja, a palavra só, não traduz o que se quer dizer,

... por mais que se diga, o que se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aquele que as sucessões da sintaxe definem. (FOUCAULT, 2007, p. 12)

Por isso, não podemos conceber a linguagem como simples comunicação, mas sim como o que insere o sujeito em seu meio, no seu discurso e na sua história. Cada palavra não significa em si, mas traz o aporte de significantes necessários para sua constituição. São estes significantes que podem revelar o que é o sujeito. Porém, os significantes surgem e são atuantes

somente na presença de um outro, tanto de um outro significante como de um outro – pessoa – a quem se dirige, um outro sujeito.

A linguagem é uma produção determinada pelo momento histórico, nas suas contradições sociais e conflitos ideológicos – de classe, de gerações, de gênero, de grupos étnicos etc. Ela é produto inconsciente, pré-consciente e consciente desse jogo do ser com o mundo. Por isso, a linguagem constitui o sujeito, pois é por meio dela que ele interage com o mundo, construindo simbolicamente os significados do mundo e de si mesmo. Esta construção não é estática, acontece por meio de processos sucessivos que não se fixam inteiramente, ao contrário, estão sempre em movimento. Com Fink, entendemos que,

A linguagem funciona. A linguagem “vive” e “respira”, independentemente de qualquer sujeito humano. Os falantes, para além de simplesmente usarem a linguagem como instrumento, também são usados por ela; eles são joguetes da linguagem e são ludibriados por ela. (FINK, 1998, p. 32)

Utilizamos as palavras para dar conta do nosso entendimento do simbolismo do mundo, por isso, não há palavra que alcance todos os sujeitos da mesma forma, com o mesmo significado e dando o mesmo sentido. O discurso está na ordem do jogo de trocas de verdades que se estabelecem por um tempo e servem de elementos na transitoriedade e formação de outros discursos. Se nossa busca é pela verdade, então os discursos se constituem através desses jogos de verdade. A sociedade e a cultura absorvem os discursos porque, de alguma forma, eles respondem a uma vontade de saber, uma busca de verdade.

Os discursos dão origem a um campo de verdades múltiplas, que também atingem a história. O significado de verdade no discurso não pode ser reduzido à ligação correspondente entre o fato e o que se conta dele, mas sim, dentro de um sistema de argumentação e de referência que dá sentido ao evento e sua construção linguística. Estabelece-se assim, que o status de verdade ou de falsidade não está no fato, mas na sua construção discursiva.

A inserção na sociedade é dada através da linguagem e vai além de conhecer a língua. Há a necessidade de contato cultural. A linguagem é o

primeiro instrumento/ elemento de constituição de ser. O sujeito é constituído, de acordo com a análise do discurso, por ideologias e formações ideológicas e respondem a estas formações através de sua fala, seu comportamento, suas atitudes.

Por isso, podemos entender que, cada povo, cada cultura, faz uso de regras gramaticais e discursivas, para poder comunicar seus pensamentos, suas regras e até mesmo seus comportamentos e sintomas. Entendemos isto quando queremos aprender uma nova língua. Mesmo sabendo toda a gramática desta nova língua, não temos a garantia de inserção, de participação ou pertencimento nesta cultura. Além disso, dizemos de nossa subjetividade na língua que nos constitui, pois é nela que estão nossos entraves, nossas falhas. Ou seja, usamos palavras para nos dizermos que nos são constitutivas. Existem palavras chaves (S1, de acordo com a psicanálise lacaniana) que serão estruturantes na nossa concepção subjetiva. Por ser o sujeito constituído pela linguagem, os elementos que o atravessam ou o formam passam pelos discursos, pelas palavras, pelas identificações, como se fossem vozes que movimentam, demovem e fazem emergir o sujeito.

O sujeito constrói a sociedade e essa instaura no sujeito uma forma, um enquadramento, para que ele possa participar e se inserir nesta sociedade – sujeitos constroem sujeitos. A sociedade não é externa ao sujeito, não é deslocada do sujeito, não é um outro; a sociedade é o conjunto de sujeitos, destes mesmos sujeitos que se colocam vitimizados em relação à sociedade e a colocam como um outro ser. Então,

A “construção social da realidade” implica em um mundo que pode ser designado e falado com as palavras fornecidas pela linguagem de um grupo social (ou subgrupo). O que não puder ser dito na sua linguagem não é parte da realidade desse grupo; não existe, a rigor. Na terminologia de Lacan, a existência é um produto da linguagem: a linguagem cria coisas (tornando-se parte da realidade humano) que não tinham existência antes de serem cifradas, simbolizadas ou verbalizadas. (FINK, 1998, p. 44)

A linguagem produz as coisas do mundo fornecendo conceitos, justificativas, palavras que possam dar entendimento sobre o momento

histórico, também produz sujeito a partir da articulação de significantes. Mas é, ao mesmo tempo, determinada e transformada pela sociedade, pela cultura, pelo tempo e pelo lugar. Sua função comunicativa possui também uma importante instância de integração e de ocultação das contradições sociais.

Um dos aspectos importantes da linguagem é o discurso que se constitui como sua materialização. Pelo discurso, a linguagem se apresenta e podemos tentar entender seus caminhos e atributos, através das análises dos discursos dos sujeitos.

2.2 – Análise do Discurso

Neste item, apresentaremos alguns conceitos da Análise do Discurso de linha francesa na interface dos estudos foucaultianos e da psicanálise.

A análise do discurso de linha francesa (AD) surgiu na década de 60, com Pêcheux, propondo que o discurso fosse um objeto de estudo. Este tipo de análise se estabelece através de um caráter interdisciplinar entre a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise.

Da linguística, buscam-se as explicações sobre as relações enunciativas, as imagens ideológicas e as formações discursivas. Do Materialismo Histórico, o estudo sobre o sujeito e sua relação com o social, onde assume diversos papéis. Da psicanálise, os conceitos de representação, a constituição subjetiva, a construção pela linguagem e a fragmentação do sujeito. De acordo com Orlandi,

... no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente de informação... A linguagem serve para comunicar e para não comunicar. As relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores. (ORLANDI, 2007, p. 21)

Concebemos a linguagem, principalmente representada pelo discurso, como constituinte do sujeito, pois a relação com o mundo acontece por meio dela, de forma que, ocorre a construção simbólica do mundo e de si mesmo.

Esta construção não é estática, acontece por meio de processos sucessivos que não se fixam inteiramente, ao contrário, estão sempre em movimento.

Por isso, dizemos que existe um movimento nas palavras, nas suas escolhas e nas formas de se apresentar. A análise do discurso estuda este movimento e, conseqüentemente, o movimento do sujeito e do mundo.

Dois conceitos são fundamentais na Análise do Discurso de linha francesa (AD), o conceito de formação ideológica e o conceito de formação discursiva. Segundo Pêcheux, a ideologia responde às relações de produção, portanto, o sujeito ocupa sempre lugares sociais. Por outro lado, estas posições sociais se mantêm, também através das ideologias.

Os discursos se constroem, se transformam e se mantêm através das formações ideológicas, por isso, estas são também formadas pelas formações discursivas, compreendendo-se que, o que pode ser dito ou não surge e desaparece pelos discursos. Para entender o que é o discurso, nos reportamos à Foucault que explica,

O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos; e, quando tudo pode, enfim, tomar a forma do discurso, quando tudo pode ser dito e o discurso pode ser dito à propósito de tudo isso, se dá porque todas as coisas, tendo manifestado e intercambiado seu sentido, podem voltar à interioridade silenciosa da consciência de si. (FOUCAULT, 2009, p. 49)

Portanto, o discurso não está somente na palavra dita. Algumas formações discursivas aparecem como interditos, que molduram os sujeitos, de forma irreconhecível. Ou seja, o sujeito não sabe dizer de onde vem ou por que interage de determinada forma. O efeito real surge de um discurso esquecido.

As formações discursivas apontam um sentido, que se transformam conforme as posições subjetivas mudam. Neste caso, a posição subjetiva tem a ver com a formação ideológica. Por ter este caráter indicativo de sentido, é possível compreender a formação discursiva, também, como constituinte do saber, marcando, portanto, a característica especial do saber com o poder.

Na AD, o que se pretende é observar quais as condições que foram passíveis para o surgimento de determinado discurso ou o que possibilitou

aquela prática discursiva, tal qual, como pode se estabelecer certas teorias, conhecimentos, ideias ou verdades.

Um discurso, ouvido ou lido, não pode ser tratado como um simples conjunto de palavras, esta cadeia manifesta muito mais, portanto, não pode ser considerada somente uma superfície. Apresenta um contato e um confronto entre a realidade e a linguagem, entre uma palavra e uma experiência. Os discursos devem ser tratados como práticas que são sistematicamente os objetos de que falam.

Para a AD, é importante perceber a exterioridade da linguagem, pelos aspectos ideológicos e sociais, pois a linguagem faz a mediação entre o sujeito e o mundo externo. É na sociedade e na cultura que podemos perceber quais os sentidos e efeitos estão inseridos nos discursos que manifestam. Para Foucault,

... pode-se supor que há, muito regularmente nas sociedades, uma espécie de desnivelamento entre os discursos: os discursos que 'se dizem' no correr dos dias e das trocas, e que passam com o ato mesmo que os pronunciou; e os discursos que estão na origem de certo número de atos novos de fala que os retomem, os transformam ou falam deles, ou seja, os discursos que, indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão por dizer. (FOUCAULT, 2009, p. 22)

Com isso, podemos dizer que através da linguagem e do discurso, os objetos do mundo surgem e tomam sentido para a sociedade e para o sujeito. Através da análise do discurso, observamos como os objetos aparecem e desaparecem, por isso, pode-se compreender o discurso como o conjunto de regras anônimas, que definem o que pode ser dito em determinada situação (FOUCAULT, 2009), visando analisar construções ideológicas, que um texto (escrito ou falado) ou uma imagem contém.

O sujeito que fala, fala sempre de um determinado lugar e tempo, e numa relação dual entre o eu e o outro, este outro também sendo compreendido como o mundo. O sujeito do discurso sempre direciona seu enunciado a um outro, que pode bem ser ele mesmo (o Outro lacaniano). Por

outro lado, seu enunciado surge em outro lugar ou em outros lugares, concepção da polifonia.

Os discursos carregam consigo “memórias” de outros discursos, o que possibilitam entender que há uma rede de discursos formando e transformando outros discursos. Nenhum discurso é originário, no sentido de início, surgido do “nada”. Essas memórias são como arquivos, mas produzem efeitos de forma inconsciente, pois aquele que discursa não sabe dizer por quais malhas seu discurso se interpõe. Com o estudo arqueológico, estas redes de relações discursivas esquecidas pelo sujeito, são postas ao esclarecimento.

As palavras ajudam a entender o conjunto de símbolos que integram o mundo, tanto interior como exterior, ou seja, utiliza-se esta ou aquela palavra para satisfazer a necessidade de compreensão sobre alguma coisa. Por exemplo, a possibilidade de dar um nome a algo que se sente é, de certa forma, acalentador, pois tira da angústia de nada poder dizer. Contudo os sentidos mudam para cada sujeito, isto é, o significado e os efeitos das palavras para um sujeito pode ser oposto ou indiferente para outro.

A palavra sozinha é somente um conjunto de letras sem qualquer significação, mas que alcançam significado quando ligada a objetos ou fatores emocionais, visuais, sonoros, sinestésicos. Segundo Orlandi (2007), ao utilizarmos certas palavras para expressar o que queremos ou precisamos, mexemos com a rede de associações que possuímos, porém, usando sempre palavras conhecidas.

Uma palavra desperta uma diversidade de significados e, por isso, na medida em que se apresentam, carregam bem mais do que a universalidade de uma significação. Indicam um sentido. Por isso, não é possível dizer da unicidade de significados. Os símbolos usados para as representações linguísticas não possuem significados em si, mas carregam inúmeras possíveis significações que podem ser traduzidas ou analisadas nas mais diversas vertentes.

Portanto, quando se relaciona a significação com a verdade, pode-se entender que as verdades são constituídas a partir de elementos discursivos, que aparecem, transformam-se e desaparecem no tempo e nos lugares que se constituem. As verdades existem até onde podem responder sobre determinadas questões. Na medida em que perdem interesse para a

sociedade, as verdades se transformam, deixando de ser o que compunham anteriormente. Por isso, neste sentido, os discursos têm grande importância nas construções sociais e ideológicas. Segundo Garcia-Roza,

O discurso em geral é significativo, mas a significação não é um juízo na medida em que não afirma ou nega a existência de uma coisa significada. Podemos significar sem contradição, aquilo que é fictício, sem que com isto a questão da verdade seja colocada. (GARCIA-ROZA, 2005, p. 73)

Portanto, construir sistemas de verdades ou inverdades, que são formados pelos elementos discursivos, encontrados no meio social e cultural, mas que necessariamente são providos de sentido e significação para o grupo. É desta forma que uma verdade é instituída, ou seja, um discurso que, num determinado momento, faz sentido, como uma explicação ou justificativa, que satisfaz o grupo.

A sociedade é constituída através de uma produção discursiva, que, ao mesmo tempo, controla, seleciona, organiza e redistribui de acordo com certos procedimentos e de acordo com seus poderes e perigos, conduzindo, por exemplo, a instituição de regras. A construção discursiva que permeia a constituição social e cultural conduz o sujeito e a sociedade, pelo viés de normas objetivas ou não.

Os discursos providenciam os sistemas de exclusão, como o certo e o errado, a sanidade e a loucura, a doença e saúde, todos baseados na vontade de verdade, ou seja, na audaciosa busca do que é verdade. Esta é a busca do homem e o objetivo nas construções discursivas. Os saberes são construídos pelas práticas discursivas e instituem-se como domínios de objetos, ou seja, condições de verdade.

O discurso exerce controle sobre a sociedade, sobre grupos grandes e pequenos. O discurso constrói regulamentos internos e externos, que inevitavelmente, manifestam os poderes ali concentrados. Por mais que o discurso parta de uma minoria, ou de um grupo de excluídos, ainda assim, demonstra sua construção em busca de uma verdade e baseada numa relação de poder. Para Foucault, poder e verdade caminham juntos e os discursos são construídos de acordo com este jogo de poder e verdade.

... em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 2009, p. 9)

Portanto, podemos entender que a condição de verdade de um saber é aquilo que assume uma posição, de acordo com certo jogo de regras, que formam enunciados, conceitos e teorias numa determinada época, situação, cultura e sociedade. Assim, as teses e antíteses são construídas e transformadas. Portanto, é possível conhecer como e porque esta ou aquela teoria, esta ou aquela ciência assume, durante um período, o status de verdade, numa sociedade e cultura específica, e num outro momento, esta “verdade” já não exerce o mesmo status.

Existe uma busca pela verdade, que é incansável no humano, como se somente por uma verdade específica, fosse possível dar conta do sujeito e de seu destino. O discurso da verdade autoriza a palavra, a ciência e a lei.

O discurso aparece na relação entre a fala e o pensamento, que envolto em signos, palavras, significados, estruturas da língua produz efeitos de sentido. Na prática discursiva é que se encontram os princípios que regularizam o discurso. Um discurso não é mera junção de palavras, mas algo que vai além, pois se recobra significações.

Numa análise de discurso tenta-se demarcar, distinguir princípios de ordenação, exclusão e raridade. Uma análise não revela a universalidade de um sentido, mas, ao contrário, traz a unicidade que só pode ser entendida naquele determinado momento e naquela determinada posição. O discurso, por sua especificidade, não pode ser analisado somente por sistemas de significações universais, mesmo quando este discurso ressoa por uma sociedade ou por uma cultura. É preciso contextualizar o discurso para compreender seu sentido.

O discurso é móvel, pois depende da época, da cultura, da sociedade para que seja produzido. Disto, podemos entender que diferentes momentos e lugares produzem discursos e saberes diversos, e, até mesmo, divergentes. Na

análise dos discursos são observados os enunciados como principais elementos de formação, que constituem o saber de uma época.

As práticas discursivas não surgem do nada. Elas são produzidas na relação com outras práticas como as sociais, econômicas, culturais e com as relações de poder. Um mesmo objeto pode ser ponto de formações discursivas diversas, como por exemplo, a linguagem.

De acordo com a formação discursiva abordada, a linguagem pode ser estudada por seus conceitos, suas regras, seus sentidos, suas possibilidades de produção e análises. Estas escolhas de abordagem criarão disciplinas, teorias ou ciências a respeito do objeto, ao mesmo tempo, que serão elementos e instrumentos para surgirem outros objetos, para delimitar os campos de estudo e análise e para validar, cada qual dentro de seus limites, suas construções teóricas e científicas.

O sujeito do discurso não é a pessoa que fala, nem o autor que escreve o texto. O sujeito tem relação com a posição assumida que dá o direito de pronunciar este ou aquele enunciado. Portanto, não é qualquer um que pode se utilizar de um enunciado. A simples reprodução não anuncia um discurso.

Na visão de Foucault, o autor, não deve ser entendido enquanto o indivíduo que disse ou escreveu um texto, mas aquele que serve de símbolo unificador de escritos ou declarações, encontrando-se na origem de seu significado, está na borda da *obra*. Pois aquilo que escreve, que esboça e que diz, faz parte de um jogo que só existe naquele momento, independente do indivíduo e que não pode ser replicado. E guarda todo um sistema de sentidos.

2.3 – Visão lacaniana sobre a linguagem

A psicanálise trata a linguagem de forma bastante especial, pois acredita que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Por "estrutura da linguagem", Lacan (1998a) compreende uma cadeia em movimento constante e inter-relacionada de significantes e significados, sempre com a prevalência dos significantes. O fato de que um significante remeta sempre a outro significante num investimento infinito, faz dos significados elementos supérfluos e também inócuos com relação à essência do sujeito. A estrutura da linguagem é concebida como condição de possibilidade do próprio inconsciente, porque,

pelo menos, não se pode conceber a sua natureza independente do meio pelo qual ele se manifesta. Pelo simbólico percebemos e reconhecemos o mundo externo, as pessoas e nós mesmos.

A tomada de palavras sugere um aporte de significantes, que vão surgindo pelos processos de identificação dos elementos inscritos no inconsciente, sejam imagens ou símbolos. De acordo com Lacan (1998b), a identificação imaginária tem a ver com a origem do eu, enquanto que a identificação simbólica origina o sujeito do inconsciente, que vai fazer relação com a imagem do eu.

... o significante, por sua natureza, sempre se antecipa ao sentido, desdobrando como que dele sua dimensão... donde se pode dizer que é na cadeia do significante que o sentido insiste, mas que nenhum dos elementos da cadeia consiste na significação de que ele é capaz nesse momento. Impõe-se, portanto, a noção de um deslizamento incessante do significado sob o significante... (LACAN, 1998a, p.505)

Ou seja, há sempre um movimento entre o sujeito e o outro. Quando recebo do outro, elementos para minha constituição (jeito de ser, de falar, ensinamentos etc.), ao mesmo tempo me obrigo (inconscientemente) a ser/agir/falar daquela forma. Tudo isto acontece de maneira bem sutil e natural, porém seus efeitos serão percebidos no futuro. Isto é o que constitui a dimensão simbólica para entendimento e reconhecimento do mundo e de nós mesmos.

A psicanálise se preocupa com o deslizamento de significantes e as falhas que provoca. A narrativa em si e sua cronologia não suscita o interesse da escuta psicanalítica. O sujeito fala exatamente sobre sua constituição e, principalmente, onde existem suas falhas ou onde a fala não alcança.

Para Lacan, a fala, o uso das palavras no discurso está ligado ao inconsciente e à história do sujeito com todas as contradições, efeitos e sentidos. Portanto, os significantes são afetados pela história. Pela história daquilo que é dito e inserido simbolicamente. O discurso do sujeito se posiciona com o movimento histórico. A construção de significantes não determina os sentidos históricos, mas aponta a existência de repetição, o que

demonstra que o inconsciente, a história e a linguagem não são imutáveis e possuem o mesmo processo de funcionamento.

A linguagem permite que o inconsciente apareça e realize suas operações e transformações. Fora dela o inconsciente não existe ou, pelo menos, é impensável, irreconhecível e inapreensível. Além disso, a linguagem, ou, mais propriamente, a sua estrutura, é o conjunto ou o sistema que delimita o inconsciente como fenômeno: não sabemos de sua existência senão na estrutura.

Para a psicanálise aprender a ler e escrever tem a ver com sentido. Como a linguagem é fundamental para a constituição do sujeito, o aprendizado necessariamente passa pelas questões afetivas, de subjetivação. O inconsciente não existe sem linguagem e a linguagem é condição de existência do inconsciente, portanto aprender a operar com as letras e as palavras têm relação com a subjetividade. A criança que ainda não encontrou o caminho da subjetividade, que não operou com o recalque, nem entrou no campo do simbólico, fica impossibilitada de aprender.

Os símbolos efetivamente envolvem a vida do homem numa rede tão total que conjugam, antes que ele venha ao mundo, aqueles que irão “em carne e osso”; trazem em seu nascimento, com os dons dos astros, senão com os dons das fadas, o traçado de seu destino; fornecem as palavras que farão dele um fiel ou um renegado, a lei dos atos que o seguirão até ali onde ele ainda não está e para-além de sua própria morte; e, através deles, seu fim encontra sentido no júízo final, onde o verbo absolve seu ser ou o condena – a menos que ele atinja a realização subjetiva do ser-para-a-morte. (LACAN 1998a, p. 280)

Isto significa que, através da palavra, o sujeito apresenta o que está latente no seu inconsciente, que marca sua falta, revela-o na sua incompletude e denuncia seus conflitos. A percepção de si mesmo e da forma como o sujeito se expressa, também aparece nestes momentos em que as palavras se manifestam.

O sujeito se apresenta no discurso e se assujeita aos significantes do seu desejo inconsciente, que está estruturado pelas leis da linguagem. Um

sujeito se faz pela representação de um significante ao outro, mas nenhum é suficiente e esta impossibilidade gera a falta, que gera o desejo.

Lacan (1998a, p. 22) fala sobre a instância da letra no inconsciente mostrando que quando a criança constrói um significado e o internaliza, ela adquire o estatuto da letra que se estabiliza como um traço mínimo onde o sujeito está situado. Para Lacan, a letra é a face material do significante, o que dá sustentação para o significante, ficando oculta tanto na fala como na escrita. Desta forma, pode-se considerar a entrada no mundo simbólico acontecer por conta da linguagem. As letras funcionam como ordenador simbólico, isto é, uma tentativa de representação e simbolização e a escrita podendo ser pensada como a produção de um ato para tentar acontecer a uma ordem já existente. Ao ler e escrever a criança pode ser reconhecida pelo Outro como fazendo parte do humano. Logo, na construção da escrita está envolvida a tomada da letra do inconsciente, que lá se encontra recalcada na forma do significante.

Lacan parte para a questão subjetiva da linguagem, referindo-se à constituição do sujeito através de posicionamentos da criança, da língua e do outro. A noção de uma instância subjetiva implica os sujeitos do diálogo (mãe/criança) numa constituição mútua por serem seres falantes.

Ao apresentar o conceito de real da língua, diz que este é o lugar do vazio, da emergência do outro, da língua na sua incompletude e de seus furos estruturais. Mudam-se as concepções de sujeito que, o antes senhor da língua, passa agora a ser descentrado, determinado pelo inconsciente e inscrito nessa estrutura de furos. A dimensão afetiva marca os limites da linguagem.

Há uma contradição existente no par língua e discurso e, conseqüentemente, língua e fala. Desta forma, falar da língua é falar da falta, onde o todo da língua não pode ser dito em nenhuma língua, pois sempre faltarão palavras para expressar algo - o impossível de dizer. Pode-se dizer que a psicanálise entende a linguagem de um plano lógico dentro de regiões alógicas da vida, visto que o fato de falar é parte de nós mesmos e não é contrário ao silêncio.

2.3.1 – Significado e Significante

Os conceitos de significado e significante foram trazidos da linguística de Saussure, por Lacan, para dar maior entendimento à teoria da cadeia associativa, constitutiva do sujeito. Ou seja, dependendo da cadeia de significantes temos um significado.

O sujeito, constituído pela linguagem, também não tem significante atrelado diretamente a um significado, assim os significantes, que dizem quem ele é, podem ter diversas e variadas significações. A impossibilidade de dizer de si e de sua constituição está para o sujeito pela via variante de significantes e significados.

São muitos significantes que constituem um sujeito. Significantes recebidos desde o nascimento que, enquanto representações verbais são como imagem sonora da palavra, que não possui significado correlato. Significantes que no futuro exercerão o papel de dizer sobre a constituição do sujeito ou de possibilitar que seja dito.

Portanto, se não há significado único atrelado ao significante único, então serão necessários vários significantes para dizer o sentido do sujeito. Desta forma, é fácil entender que o sujeito é construído, constituído, formado, e por isso, não nasce definido, não nasce com o futuro pronto. Mesmo que, uma criança nasça em uma família com princípios rígidos, isto não significa que o sujeito dará o mesmo sentido a estes significantes. O significante que marca um sujeito não marca necessariamente seu irmão e, mesmo que seja o mesmo significante, não será o mesmo significado.

A percepção do jogo de significantes permite ao sujeito se compreender como efeito do inconsciente, já que estas marcas significantes são inconscientes. Contudo, por outro lado, são marcas que se efetuam na constituição do sujeito. Todos dependem de significantes para poder dizer “eu”. E todos agem, pensam e falam de acordo com seus significantes instaurados. A busca por um sentido é constante na vida dos sujeitos, que na maioria das vezes não sabe o “por quê”. O sujeito caminha em direção ao sentido significante.

O sujeito é representado por um significante para outro significante, ou seja, para dizer de si, ele precisa de uma cadeia de significantes, que ligados

formam um significado, que somente o é para o próprio sujeito. Temos então que,

... o inconsciente nada mais é do que uma “cadeia” de significantes, tais como palavras, fonemas e letras, que se “desdobra” de acordo com regras muito precisas sobre as quais o eu ou *self* não possui qualquer tipo de controle. (FINK, 1998, p. 26)

Portanto, o sujeito do inconsciente, quando diz de si através do “eu”, aponta sua inserção na história e nas relações com o meio, deslizando pelos elementos simbólicos que o constitui. A linguagem instala a ordem simbólica no sujeito e possibilita a produção dos significantes, que guiaram o sujeito no decurso de sua vida e nos discursos.

2.4 - O discurso e as palavras como aportes da linguagem

As palavras, as imagens, os sons são todos elementos que participam da constituição da linguagem e que afetam a formação discursiva. Um discurso é constituído através de formações discursivas, ou seja, não é realizado a partir de um único caminho. As formações discursivas comportam elementos, que servem para constituir este discurso, baseando-se em assimilação e exteriorização. Ou seja, a mobilidade dos discursos acontece porque os elementos que o constituem não são fixos ou estáveis. Na realidade, são elementos que se movimentam e se flexibilizam, tornando o discurso algo que também se move. Apesar disso, as formações discursivas são passíveis de análise ou de entendimento. Isso significa que, na conjunção de certos elementos, há indicação de um sentido e é este sentido que aparece no discurso. Para Foucault (2007, p. 132), “a linguagem é toda ela *discurso*, em virtude desse singular poder de uma palavra que passa sobre o sistema dos signos em direção ao ser daquilo que é significado”.

Há uma ordem que possibilita um saber/discurso/conhecimento se constituir e se desenvolver, tal como um significante atrelado a outro significante constituem o sujeito e todas as outras concepções e entendimentos acerca do saber, seguindo a herança psicanalítica.

Os discursos precisam de possibilidades para emergirem, ou seja, precisam de elementos que se aglomeram e se conjugam na formação de um saber/verdade etc. sendo determinados pelo jogo de oferta e demanda tanto do ambiente, como da ciência, como em relação ao sujeito. Estas possibilidades são aspectos que foram conceituados por Foucault como forma de construção de discurso, que se dirigem como elementos promotores de constituição discursiva. As condições de possibilidade constituem uma positividade. Desta forma, apresenta-se a formação de saberes e verdades que farão parte da constituição dos sujeitos sociais.

Para Foucault, o saber é constituído, portanto, não é uma verdade a ser descoberta e que já existe *a priori*. A intenção ao instituir um saber como verdade atravessa o caminho histórico-discursivo e só será válido, à medida que institui nos interlocutores certas identificações. Ou seja, para que aquilo que em fala alcance um ponto qualquer de interesse, é necessário que aquele, para os quais eu dirijo um discurso tenha elementos que o possibilite concordar com o que eu digo.

Tanto Foucault (2010) quanto a psicanálise não se interessam pela questão cognitiva e, portanto, não se debruçam sobre o fator verdade X falsidade. Ou seja, não é importante saber se algo é verdadeiro ou falso, mas sim como ele chegou até ali.

O sujeito, para Foucault, é aquele que está numa certa posição na qual um determinado discurso é autorizado. Portanto, o sujeito não é qualquer pessoa. O sujeito se forma da mesma forma como há formação de objeto, ou seja, depende de condições discursivas para emergirem. O sujeito fala do objeto, mas também fala de si como objeto e sua formação subjetiva que está atravessada por objetos de saber. Por isso, fala através de objetos.

As condições para o surgimento do sujeito ou do objeto são históricas e discursivas, portanto, culturais, sociais, econômicos etc. Este é o momento em que o individual e o coletivo se misturam e se atravessam.

Na prática foucaultiana, os discursos e seus enunciados não são neutros, pois integram uma parcialidade pela razão de constituírem uma verdade ou, pelo menos, pretendê-la.

As palavras servem como marcas. Elas tomam significados quando estão atreladas a outras palavras, ou seja, uma palavra sem significado é um

som vazio. Contudo, a palavra tem um poder, que é desconhecido, principalmente, porque marca com fixidez e promove a movimentação do sujeito. É isto que explica porque algumas palavras afetam mais uns sujeitos que outros. Por exemplo, ao se dirigir a um adolescente como “você é muito lento”, para alguns este enunciado não passará de meras palavras, sem nenhum significado mais profundo, enquanto que com outros adolescentes, isto pode gerar uma alteração comportamental e/ou psicológica. Quando isto acontece, significa que há uma marca neste sujeito que o movimenta, ou seja, que o afeta.

Isso pode acontecer de forma positiva ou negativa. As marcas não são, necessariamente e somente, aquilo que movimenta desconstrução. Elas podem agir em movimento à construção e transformações positivas.

Queremos dizer com isso que somos constituídos por marcas (palavras), assim como por discursos que nos atravessam com determinadas palavras, movimentando nossas marcas. A partir destas marcas e no atrelamento com outras palavras, as significações são constituídas e estas dizem respeito ao sujeito.

Define-se, portanto, os sujeitos a partir de significações, ou seja, propondo-se sentidos e sintomas para dizer o que é isto ou aquilo. Com isto os sujeitos podem se inserir ou não nas formações discursivas que constituem a sociedade e a cultura. A inserção na sociedade é dada através da linguagem e vai além de conhecer a língua. Há a necessidade de contato cultural. A linguagem é o primeiro instrumento/elemento de constituição de ser.

A linguagem, portanto, é a capacidade de organizar e generalizar o pensamento enquanto significado. O processo de construção da linguagem é mediado por signos e símbolos transmitidos culturalmente na relação social.

2.5 – Linguagem e produção histórica e social

Produzir conhecimento e subjetividade é impossível sem uma contextualização histórica, política, cultural ou social. Desta forma, não é possível dizer que o sujeito possa se constituir alienado de seu ambiente, ao contrário, o sujeito é marcado e marca sua sociedade.

Para o ser humano, é essencial a vivência em sociedade e a linguagem tem como uma de suas funções esta possibilidade de contato social. Utiliza-se, por exemplo, a fala para interagir com o mundo e com os outros. Também por ela inserimos a criança no contexto social, como se através dela e a partir dela, a criança passasse a participar do mundo. Esta necessidade de comunicação impulsiona o desenvolvimento da linguagem, ao mesmo tempo, que integra o desenvolvimento do sujeito.

Poder se comunicar é o significado de estar em contato com o mundo, e pertencer à sociedade. Além disso, a inserção na linguagem é facilitadora da organização do pensamento e do reconhecimento de si mesmo.

No contexto da linguagem, grupos e pessoas se relacionam e produzem significados, que sempre se relacionam aos limites impostos pela cultura. Portanto, é neste meio que, apesar de limitado socialmente, produz sentidos e cria objetos ilimitadamente pela pressuposição da linguagem.

As construções de conhecimento e reconstruções de sentido caminham em direção ao conhecimento e implicam a construção da subjetividade. O indivíduo transita em sistemas de símbolos que o auxiliam na organização e transformação de si mesmo.

O mundo é apresentado através da palavra. Escutar as palavras e fazer associações é poder dar sentido ao mundo. A palavra só dá significado, à medida que ela o contém, ou seja, na medida em que faz ligação com outras palavras e que coloca em si um significado. Nas relações humanas, a palavra sem significado fica fora de sua fala. As pessoas não dizem, nem escrevem palavras se desconhecem seu significado.

Assim, são formados os sujeitos, a sociedade e a cultura que existem e se presenteiam com as normas estabelecidas pelas formações discursivas. Lacan diz que,

... a vida dos grupos naturais que constituem a comunidade está sujeita às regras da aliança... a aliança rege uma ordem preferencial cuja lei, implicando os nomes de parentesco, é para o grupo, como linguagem, imperativa em suas formas, mas inconsciente em sua estrutura. (LACAN, 1998, p.278)

Portanto, estas regras que constituem a possibilidade da vida em sociedade são tomadas e proferidas como enunciados necessários para seus sujeitos. As formações discursivas que promovem a manutenção da vida em sociedade são, ao mesmo tempo, formadas e formadoras de sujeitos, que se apoiam nelas para se posicionarem e se dizerem.

Não é possível dar conta de como ou quais enunciados, palavras e formações discursivas penetram em nossas vidas, e principalmente, no modo de pensar, de se comportar e de se transformar. Elas estão em movimento constante e se integram às nossas vidas de tal forma que somente através de uma análise é possível desmembrar os elementos constituintes.

As palavras estão aí. Surgem para satisfazer o não saber do sujeito, ao mesmo tempo, que ficam comprometidas nos novos discursos. Somos seres da linguagem. Elas nos atravessam de tal forma, que nem sempre somos capazes de perceber. Simplesmente absorvemos. De acordo com Garcia-Roza,

As palavras são signos, e estes signos não nos remetem diretamente às coisas, mas a outros signos, formando um sistema fechado no qual a significação, ao invés de se fazer pela articulação signo-coisa, faz-se pela articulação signo-signo. (GARCIA-ROZA, 2005, p. 93)

Portanto, a linguagem instala a ordem simbólica no sujeito e possibilita a produção dos significantes que guiam o sujeito no decurso de sua vida e nos discursos. E, por isso, ela consagra a relação do sujeito com o mundo, de modo que a produção histórica e social é fruto de um contexto discursivo.

A subjetividade é condição para que o sujeito se estabeleça como único na sociedade. É por causa dela que não somos todos iguais, que não pensamos as mesmas coisas, que não aceitamos as mesmas condições, que não agimos do mesmo modo.

Para entender um pouco melhor, exemplifico a condição da subjetividade como condição de unicidade, naquilo que diferencia um dos demais. O posicionamento subjetivo submete o sujeito a um dizer sobre si mesmo e sobre seus atos. Quando diz de si mesmo, o sujeito diz de uma determinada posição, apontando seus elementos constitutivos.

Em nossa pesquisa, a linguagem apresenta-se em toda parte, visto que é constituindo do sujeito. É através da linguagem e de seus elementos, principalmente os discursivos que o adolescente se insere no mundo. Através da análise dos dizeres dos adolescentes poderemos perceber como os discursos os atravessam e os implicam subjetivamente.

Aproveitamos esse momento para falar do olhar do pesquisador que também sofre atravessamentos discursivos, ideológicos e identificatórios. Ainda que se tente fazer uma análise discursiva rigorosa, sabemos que os elementos que constituem o pesquisador não podem ser desconsiderados. Nossa análise discursiva é, pois, interpretativa, que é influenciada pelas formações inconscientes do pesquisador.

Nosso objetivo é fazer uma análise que interrogue e evidencie os discursos, a história e o equívoco, que faz relação com o inconsciente. Por isso, a subjetividade não se encontra somente nos sujeitos que participam da pesquisa, mas também no olhar que o pesquisador traz ao fazer esse movimento.

Agora será iniciada a parte II deste trabalho, aos estudos sobre o mundo contemporâneo, como forma de contextualizar a pesquisa, de modo a empreender uma análise discursiva das falas de adolescentes no momento atual.

PARTE II

CONDIÇÕES AMPAS DE PRODUÇÃO

CONTEXTO SOCIAL E ADOLESCÊNCIA

3 – O Mundo Contemporâneo

Neste capítulo, apresento as noções do mundo contemporâneo que emergem junto com o sujeito atual, tais como o consumo, espetáculo, individualidade e cultura. Estas noções são importantes, pois o *corpus* de pesquisa encontra-se na atualidade.

3.1 – Que mundo é esse?

A primeira questão que colocamos nesta discussão é o uso dos termos que sugerem os dias de hoje: contemporaneidade, pós-modernidade, modernidade-líquida, atualidade são alguns desses termos que vislumbram os acontecimentos atuais. Contudo, preferimos não destacar nenhum deles especificamente, tampouco, pensamos em fazer distinções filosóficas e conceituais. Por isso, no decorrer desta dissertação utilizaremos qualquer um dos termos para falar sobre os dias atuais, salvo quando nos referirmos a autores específicos. Desta forma, vale enfatizar que nossa visão sobre o mundo contemporâneo tem em Bauman o maior referencial.

Há certas dificuldades em estudar a contemporaneidade, visto que sua grande característica é a mutabilidade, que a coloca em contínuo processo de transformação e, por outro lado, porque existe quase que uma impossibilidade de nos afastarmos do nosso momento presente, ou seja, estamos envolvidos nas questões da atualidade, pois fazemos parte dela.

A contemporaneidade ganha espaço no sentido em que funciona como palco para que os movimentos aconteçam. Não é simplesmente um cenário, mas todo o conjunto de fatores que articulados possibilitam a aparição do sujeito. O sujeito contemporâneo é este que se relaciona com o palco e se expressa. De acordo com Gilles Lipovetsky,

Muito se fala das transformações que atravessamos no século XX, a caminho de um século XXI, de “globalização”. Penso nessa passagem, antes de tudo – antes mesmo da conexão por internet -, como o surgimento de uma sociedade frívola, marcada pela comunicação ou pelo consumo, a que prefiro

nomear “sociedade da moda”, por sua estrutura. (apud FORBES, 2005, pág. 65)

Este atravessamento, próprio de cada época, permite que haja a interrogação sobre a condição de sujeito, contudo, dificulta o distanciamento necessário para a avaliação e análise profunda das transformações que estão sendo vivenciadas. Por isso, as confusões e obstáculos que são percebidos indicam sentimentos complexos sobre a vida atual, ou seja, nossa tentativa de analisar este nosso momento esbarra com as nossas próprias questões, conflitos, dificuldades cotidianas.

As normas e formas que dão corpo à cultura não são bem definidas na contemporaneidade, apesar de existirem diferenças. Isso acontece porque com o advento da comunicação ampliada, em que é possível dialogar com qualquer pessoa, onde quer que ela esteja, a limitação cultural abriu espaço para a condensação e assim, novas formas acontecem e antigas formas se dissipam. Contudo, as sombras de muitas formas e normas passadas ainda são presentes, nem que sejam só como lembrança.

Não sabemos o que faz uma cultura sobreviver: se seu diálogo com outras culturas ou se suas limitações. Entretanto, quando as culturas dialogam acontecem perdas e ganhos. Algumas características escapam da fidelização cultural, enquanto outras serão multiplicadas para serem aplicadas em outras sociedades.

Uma das mais importantes características da contemporaneidade é a forma ilimitada de relações, onde tudo pode se comunicar sem grandes problemas. Isto é notadamente observado nas condensações sociais e culturais, cujo aspecto multidimensional e interrelacional das sociedades e dos sujeitos são espalhados através de seus movimentos. Para Bauman,

... a sociedade não dá mais as ordens sobre como se viver – e mesmo que desse, não lhe importaria muito que elas fossem obedecidas ou não. A “sociedade” deseja apenas que você continue no jogo e tenha fichas suficientes para permanecer jogando. (BAUMAN, 2005, p. 58)

Portanto, o mundo contemporâneo está dissolvendo o paradigma de que cabia à sociedade em que se vive (ou mesmo o seio familiar) a apresentação

de todos os referencias necessários para a boa conduta social. A condensação de elementos, advindos de diversas culturas e referências, aponta, principalmente, para a possibilidade ampla de troca de costumes e hábitos, incluindo a distribuição de normas e regras viáveis para cada sociedade. Por isso, não se sabe qual será a conduta do sujeito fruto desta nova modalidade de expressão.

Desta forma, temos como exemplo muito comum o uso de termos estrangeiros na nossa comunicação que nos introduzem a novos discursos e refletem a ideologia da globalização, onde as culturas se relacionam. Palavras como twitter, facebook, instagran, speedy, help, best friend entre tantas outras fazem parte do nosso cotidiano e já foram introduzidas na nossa linguagem e nem nos damos conta de que não fazem parte da nossa “língua portuguesa”.

As formas de comunicação sempre foram tentadas pela amplitude, contudo, o aspecto ilimitado desta condição indica que as variações são mais bem aceitas. Os adolescentes, principalmente, utilizam variados símbolos para se comunicarem. Não se trata somente de uso de gírias, mas sim de um complexo conjunto de elementos que misturam letras, números, imagens e sons para fazerem suas trocas.

Outro atributo importante que caracteriza o mundo contemporâneo é o acesso, ou seja, a não identificação de uma linha limítrofe entre coisas e pessoas. Este dado é interessante, pois provoca a reflexão sobre a necessidade de limitação e em seu contraponto, a interação.

Quando falamos de acesso, não estamos pensando somente num acesso ilimitado a todos os elementos da vida que são importantes. Ou que de alguma forma na crença de que sejam necessários. Mas também coloco em pauta a *intimidade*, a relação consigo mesmo e com seus humores, que neste mundo de compartilhamentos carece de nova definição ou delimitação.

Mas não é só do acesso que promove a observação. A questão cultural é algo discutido em várias áreas do conhecimento humano e científico visto que este é um componente que se efetua em qualquer atuação do sujeito. Bauman tenta esclarecer que:

as culturas, como as sociedades, não são “totalidades”. Em vez disso, existem processos de estruturação, contínuos e

perpétuos em diversas áreas e dimensões da prática humana, raramente coordenada e submetida a um plano abrangente. (BAUMAN, 1998, p. 167)

A contemporaneidade se apresenta ampla na comunicação e no acesso, extensa nas possibilidades culturais que assumem papel fundamental na construção subjetiva. Portanto, a contemporaneidade está em movimento, as coisas vem e vão indefinidamente. A não fixidez marca o caráter de movimentação desta época.

3.2 - Transformação do sujeito e da sociedade

Tomar, principalmente, as concepções foucaultianas, lacanianas e dos teóricos contemporâneos, como Bauman, Birman e Hall servem para tentar fazer um contraponto entre o sujeito moderno e o sujeito pós-moderno. Porém, isto não significa que os teóricos indicam o sujeito neste ou naquele momento histórico/cultural. Estas teorias viabilizam o entendimento de como o sujeito se constitui e como se expressa, em sua época e cultura.

Apesar de muitos desses teóricos terem vivido no mesmo período, seus estudos se desviam e apresentam perspectivas, ao mesmo tempo, semelhantes e divergentes sobre o sujeito. Nenhum dos teóricos situa seu sujeito na modernidade ou na pós-modernidade com o intuito de fechar a questão histórico-cultural, ao contrário, eles apontam as possibilidades de constituição nestes momentos históricos.

Para fazermos as distinções necessárias para esta pesquisa, basear-nos-emos nas definições de Bauman (2005) sobre as diferenças ou transformações do sujeito moderno e pós-moderno (que também é chamado líquido ou contemporâneo). O sujeito moderno, segundo Bauman, é aquele que apresenta sua constituição mais fechada, mais delineada, mais definida, mais conceitual, por isso, supostamente, seria possível entender e perceber seus caminhos e suas escolhas com mais clareza. É considerado o sujeito científico, portanto, com respostas comprovadas, é disciplinado e com perspectivas mais delimitadas, formado através de bases mais sólidas. Contudo, toda a solidez não gerou sujeitos totalmente fixos, e foi justamente no balançar das estruturas, que remetem aos escapes do inconsciente, que surgiu, ou está

surgindo, um novo sujeito – o sujeito pós-moderno (ou outras denominações). Este é o sujeito de hoje, deste século, desta contemporaneidade, que se intercala com a construção subjetiva moderna. Para Bauman,

A principal força motora por trás desse processo tem sido desde o princípio a acelerada “liquefação” das estruturas e instituições sociais. Estamos agora passando da fase “sólida” da modernidade para a fase “fluida”. E os “fluidos” são assim chamados porque não conseguem manter a forma por muito tempo e, a menos que sejam derramados num recipiente apertado, continuam mudando de forma sob a influência até mesmo das menores forças. (BAUMAN, 2005, p. 57)

É claro que este sujeito do qual falamos, é o sujeito ocidental, no qual Bauman direcionou seu olhar. Quando postulamos que a fluidez faz parte dos processos subjetivos na atualidade, estamos contemplando uma constituição subjetiva que passou por transformações e um sujeito que não pode mais ser visto e analisado somente a partir de preceitos das ciências modernas.

Foucault (2007) vem nos trazer a emergência do sujeito, ou melhor, o aparecimento do homem como aquele que tem movimento, que não é estático. Em “As Palavras e as Coisas”, apresenta que a mudança da Antiguidade para a Modernidade acontece em função, principalmente, da emergência do indivíduo, que num determinado momento da história, passa a ser considerado objeto de estudo, pois se implica mais nas questões sobre suas condições de vida. Isto significa que as transformações objetivas e subjetivas se relacionam com as transformações históricas e culturais.

A implicação nas próprias questões solicita o sujeito. Isto porque usando as considerações da psicanálise, que diferencia as noções de homem e de sujeito, pode-se perceber que o homem é o ser biológico, enquanto o sujeito é o ser da ética. Apesar de Foucault (2002) não fazer diferenciação clara e objetiva entre o homem e o sujeito, ele faz menção à subjetividade na sua terceira fase e, por isso, também vislumbra a ética como possibilidade de apreensão do sujeito com ele mesmo.

A contemporaneidade nasce na arquitetura da difusão das formas assimétricas, que rompem com a uniformidade, contribuindo, assim, para que houvesse um espaço, mesmo que retorcido, mesmo que só enquanto fresta,

para o sujeito ter voz. Bauman nos solicita a refletir sobre a constituição subjetiva a partir de ideias e práticas sociais:

Poucos de nós, se é que alguém, são expostos a apenas uma “comunidade de ideias e princípios” de cada vez, de modo que a maioria tem problemas semelhantes com a questão *l'ipséite* (a coerência daquilo que nos distingue como pessoas, o que quer que seja). (BAUMAN, 2005, p. 19)

A construção subjetiva é, como já apontada anteriormente, realizada na junção de diversos elementos constitutivos, encontrados em diversos lugares e saberes. Hoje, na contemporaneidade, esses elementos são fluidos e instáveis, o que, aparentemente, prejudica nossa percepção do futuro.

Estávamos acostumados a entender o mundo de forma cartesiana e positivista, onde as consequências e resultados poderiam ser mais claros, enquanto fruto das ações. Hoje a falta de parâmetros delimitados fortalece a instabilidade dos saberes, dos valores, dos comportamentos, dos pensamentos etc., gerando um “não saber” sobre o futuro, e que pode explicar nossa visão frequentemente negativa sobre o mundo. As expectativas, atributos do pensamento cartesiano, apresentam-se quase como uma impossibilidade, pois o desconhecimento marca nossa época.

Tomando nosso corpus – o adolescente – como exemplo, podemos pensar que a adolescência, desde a modernidade, toma para si o discurso do ‘não saber sobre si’. Mas se antes, na modernidade, as ciências e teorias multiplicavam saberes sobre este sujeito, hoje é perceptível que já não dão conta de dizer sobre o adolescente e passam a falar do adolescente, distanciando o mesmo de sua própria subjetividade.

Como Foucault nos apresenta em “As Palavras e as Coisas” (2007), não é a nomenclatura que faz comportamentos, costumes e pensamentos se transformarem de uma hora para outra, mas as transformações sociais, culturais e discursivas que encontram, em certas nomenclaturas, o sentido de suas expressões.

É comum buscarmos nomenclaturas que alcancem nomear eventos da atualidade como forma de explicação (de um saber) que apazigue a angústia do desconhecido. O que é vivido hoje terá tanto quanto significado no futuro,

dependendo das nomeações possíveis e das explicações sobre suas causas e consequências, ou seja, quando conseguimos nomear alguma coisa encontramos sentido para sua existência, pois temos mais chances de explicar e compreender. É o que acontece com certas patologias e comportamentos ditos atuais como o bullying, o pânico, a síndrome de burnout (estresse elevadíssimo que tem relação com o trabalho), o transtorno bipolar, a anorexia/bulimia, o fanatismo entre outras.

Quando é possível abarcar numa nomenclatura sintomas, comportamentos, pensamentos etc., significa que estamos dando um sentido àquilo que antes era inominável. Esse movimento explicativo e até mesmo conceitual tranquiliza o sujeito e a sociedade. É como se a pessoa dissesse “agora eu sei do que sofro” ou “agora eu sei o que ele tem”, funcionando como um reconhecimento de si e do outro.

Porém, quando estamos vivendo (sentindo, agindo ou pensando) a situação não é possível ter a dimensão de todas as suas faces, pois sempre haverá algo que escapa, tal qual quando paramos diante do espelho e não há como ter a visão total e completa de nosso corpo, seja porque há sempre uma parte impossível de ser vista, seja porque somos influenciados por fantasias em “acreditar conhecer-nos” – evento que encontra sua expressão mais conhecida na distorção de imagem.

Esse mesmo processo de observação, categorização, organização, explicação, nomeação não é condicionado somente para dar sentido às questões do sujeito. Usamos também para entender o mundo, a sociedade, a cultura e suas transformações.

Contudo, no estudo da atualidade, também falamos de nós, pois fazemos parte ativa desta construção sociocultural. Seria necessário afastar-se da atualidade para tomá-la como objeto de estudo de forma mais clara, numa tentativa de neutralidade científica. É por isso que os estudos e teorias sobre a atualidade que, são apresentados hoje, deixam sempre algo por dizer, algo que escapa à possibilidade de explicação. Por outro lado, não podemos ponderar que os estudos que hoje encontramos possam ser desconsiderados ou reduzidos, ao contrário, através destes apontamentos e pesquisas somos estimulados a mais reflexão e discussão.

Uma das facetas do mundo contemporâneo é, certamente, a sociedade do consumo e do espetáculo, que discutiremos a seguir.

3.3 – A Pulsão escópica

Traremos o conceito psicanalítico de pulsão escópica para possibilitar a teorização das relações do olhar – ver e ser visto, que situam-se na sociedade do espetáculo como fatores constituintes dos sujeitos contemporâneos.

Somos constituídos pelo olhar do Outro e as imagens ópticas e auditivas nos ajudam a nos relacionar com o mundo. Temos o olho como órgão possível de apreensão da realidade, mas mais ainda temos o olhar como primeiro objeto de desejo, pois o olhar está na relação com o desejo do Outro.

A pulsão escópica é a pulsão do olhar, do ver e ser visto, que vai do conhecer, do experimentar pelos olhos até o ser reconhecido. O outro é a razão da pulsão escópica, pois ela está diretamente ligada ao desejo.

A contemporaneidade é apresentada por seus sujeitos através das possibilidades de dualismo voyeurismo (ver) e exibicionismo (ser visto), como chave para as relações sociais se constituírem, bem como a relações consigo mesmo. O sujeito traduz em seu corpo as expressões pulsionais, como por exemplo, as dimensões do culto à beleza que marcam no corpo físico o dinamismo da pulsão escópica.

O olhar tem relação com o imaginário, tal qual a criança que vê para além da realidade visível, um olhar que no adulto ainda persiste pela fantasia, pela ilusão, pela alegoria da comunicação (do sujeito que experimenta a fala com o outro por meio de uma imagem que não está ali concretamente, ou seja, ‘fala sozinho’). Quando dizemos que temos demanda de amor, é do amor do reconhecimento, que tem a ver com o ser visto. O sujeito sempre dirige sua demanda ao Outro, mas o faz a alguém. E desse alguém espera-se o reconhecimento, como se fosse um pedido de ‘me olhe e me constitua sujeito’.

A pulsão escópica, já tinha sido abordada por Freud em seus estudos sobre a sexualidade, colocando como fator de movimento do sujeito, nos trazendo a relação com o objeto sexual e a necessidade de olhar, dizendo,

As impressões visuais continuam a ser o caminho mais frequente ao longo do qual a excitação libidinosa é despertada; com efeito, a seleção natural conta com a acessibilidade deste caminho quando ele encoraja o desenvolvimento da beleza no objeto sexual. (FREUD, 1976g, pág. 158)

Para Freud, a pulsão funciona como um representante psíquico endossomático, que está em constante fluidez e se diferencia totalmente do estímulo, que é externo. Portanto, não podemos fugir da pulsão escópica, tampouco necessitamos de elementos do mundo exterior para que a pulsão se faça presente.

O sujeito contemporâneo exprime a pulsão escópica de forma que muitas vezes não se dá conta. A existência fica direcionada ao reconhecimento de maneiras mais expressivas e com simbolismo pouco sublimados⁸, ou seja, ainda que haja o exercício do registro simbólico no sujeito atual, ele não se utiliza tanto da sublimação como caminho pulsional. Ver e ser visto, está pautado na realidade do sujeito, como pura representação da pulsão. O reconhecimento (o ser o desejo do Outro/ ser o objeto de amor) é declarado, os sujeitos mostram sua tensão resultante da pulsão e descarregam abertamente, sem muitos rodeios, através do exibicionismo e do voyeurismo.

Lacan (1998e) traz à pulsão escópica, o objeto a, que assinala a impossibilidade do significante. O olho é, então, a zona corporal onde um sintoma pode se fixar (por exemplo, a cegueira histérica), que nos traduz o apagamento do sujeito do desejo do olhar, pois o olhar é tomado como objeto.

Além disso, Lacan já mostra o movimento da pulsão escópica no seu estágio do espelho, onde a formação do sujeito está atrelada a uma construção imagética. O eu incorpora uma imagem virtual. Enquanto que o sujeito demanda o olhar para ser constituído.

Enfatiza, então, o olhar como muito além do ver, da percepção da visão. O olhar é constitutivo, é marca, é onde pode se encontrar o sujeito do desejo.

⁸ “Freud conceituou o termo (sublimação) em 1905 para dar conta de um tipo particular de atividade humana que não tem nenhuma relação aparente com a sexualidade, mas que extrai sua força da pulsão sexual, na medida em que esta se desloca para um alvo não sexual, investindo em objetos socialmente valorizados”. (ROUDINESCO, 1998, pág. 734). A sublimação é o deslocamento da pulsão para atividades socialmente aceitáveis. Ou seja, é uma descarga indireta da pulsão, que viabiliza uma construção social e cultural.

O mundo contemporâneo prioriza o olhar na relação do espetáculo, ao mesmo tempo em que, o olhar constituinte na maternagem e na função paterna desliza e quase desaparece. A demanda pelo olhar do outro que se funda no reconhecimento no seio familiar aparece descuidado nas relações atuais, principalmente onde os pais pouco miram seus filhos como forma de reconhecimento subjetivo. A falta do olhar na sua função de subjetivação, fundamental para a constituição do sujeito é representado pela aparição contundente da pulsão escópica nas relações contemporâneas que interpõe o ver e o ser visto como uma possibilidade de existência no mundo.

Ao colocar essa pulsão em lugar de excelência, de forma alguma estamos negando ou reduzindo a porção significativa das outras pulsões constitutiva do ser. A pulsão sexual e a pulsão agressiva, por exemplo, são marcadamente apresentadas nos sujeitos contemporâneos, visto as questões de violência e de sexualidade que dia a dia surgem diante de nossos olhos. Essas são também pulsões que movimentam os sujeitos atuais. Em nosso *corpus* de pesquisa (parte apresentado nas análises) vemos que a sexualidade se apresenta como questão importante e fundamental, demonstrada na atuação e no questionamento do adolescente.

A contemporaneidade é marcada, pois, por pulsões que aparecem de forma primitiva, ou seja, na sua simples necessidade de descarga (ou prazer). A pulsão enquanto força motriz busca (sempre de forma inconsciente) caminhos mais adequados para emergir, porém quando não há aprendizado desses caminhos ou quando há falhas na constituição das delimitações das vias de descarga, a pulsão aparece de forma mais primitiva, ou seja, sem as elaborações simbólicas necessárias para uma descarga adequada ao momento subjetivo e social.

A seguir, o estudo seguirá mais aprofundado em linguagem, onde as conceituações sobre palavra, discurso e constituição são discutidas em relação ao sujeito e à sociedade histórico-cultural.

3.4 – A sociedade do consumo e do espetáculo

No final dos anos 1960, Guy Debord escreve o livro “Sociedade do Espetáculo”, onde faz uma crítica à sociedade da época, que se consolida na

sociedade atual. Seus escritos sugerem a reflexão sobre o consumo, a sociedade, a propaganda, a imagem etc. que se entremeiam numa sociedade que está sendo construída através das novas formas de relações sociais, culturais e econômicas.

As relações de valor entre sujeitos e coisas se transformam, de acordo com as observações de Debord, e instauram uma nova forma de ser e agir frente à sociedade. Hoje é claro perceber as características de uma sociedade que se constitui e estimula a função especular.

A alegoria do espetáculo se inscreve no movimento onde existe o ator e o espectador e nos remete à função do olhar na constituição do sujeito (já estudada no capítulo I). Hoje, o espetáculo é matéria constituinte da rotina social e sua relação com o consumo é de tal maneira incorporada em nossas vidas que ter uma percepção mais distante e fria é quase impossível. Para Guy Debord,

O espetáculo, compreendido na sua totalidade, é simultaneamente o resultado e o projeto do modo de produção existente. Ele não é um complemento ao mundo real, um adereço decorativo. É o coração da irrealidade da sociedade real. Sob todas as suas formas particulares de informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de entretenimento, o espetáculo constitui o modelo presente da vida socialmente dominante. (DEBORD, 2003, p. 11)

Por isso, o que antes considerávamos exibicionismo, hoje faz parte da vida natural como prática social. O ver, o interessar-se pela vida do outro, ao mesmo tempo, que dispomos da nossa para apreciação são movimentos da atualidade que permeiam a realidade dos sujeitos, e num sentido outro fazem abalar a relação consigo mesmo. É como se vivêssemos para o outro, mas sempre mediada pela relação de comparação e competição, o que torna este viver para o outro uma forma falsa de alteridade.

Nosso material de pesquisa é constituído, em parte, pelos depoimentos ao telefone, em parte pelas entrevistas e em parte por coleta de dizeres (que chamamos depoimentos para facilitar o entendimento) em blogs e redes sociais como twitter e facebook, portanto, são dizeres livres, motivados por questões

próprias de cada depoente. Por eles conseguimos perceber o quanto Debord não estava errado.

Observamos no material (excertos) de nossa pesquisa que a função especular – tanto no sentido de ser visto, como de ver – faz parte da vida dos adolescentes. Temos, por exemplo, um conjunto de blogs que são escritos por e para adolescentes e que falam incisivamente sobre moda, maquiagem, preocupação com a imagem transmitida, com a beleza e compras.

No excerto do sujeito 1⁹, a blogueira escreve referindo-se às meninas que em seus aniversários de 15 anos pedem como presente uma viagem para compras:

“Hoje o post aqui do blog é especialmente para as meninas adolescentes e pré-adolescentes supervaidosas que não dispensam algumas comprinhas em Orlando. Não sei vocês, mas eu conheço muuuuitas meninas, que aos 15 anos estão pedindo de presente de aniversário uma viagem de compras para Orlando, Miami ou Nova York. Geralmente elas vão com algum familiar: mãe, tia, irmãs mais velhas e se esbaldam de tanto gastar nas lojas mais famosas dessas cidades”.

Ela se direciona às adolescentes e pré-adolescentes, demonstrando que não há delimitação clara de idade para esta posição, mas que os interesses por consumo já aparecem em idades tenras. A blogueira nos aponta que as meninas ‘supervaidosas não dispensam algumas comprinhas em Orlando’, que imediatamente nos faz pensar para qual público ela se remete.

Os brasileiros, pela facilidade em parcelar viagens e pelas baixas que o dólar apresentou, até bem pouco tempo atrás, têm sido colocados como um dos povos que mais faz compras em Miami (se não for o que mais faz). Mesmo com a subida do dólar, os brasileiros ainda escolhem Miami como lugar para compras. Quando recebemos esse tipo de informação, pensamos em adultos e famílias que unem “o útil ao agradável”, viajando para a Disney e fazendo compras em Miami. Por outro lado, é comum sabermos de casos em que adolescentes pedem para os pais uma viagem à Disney como presente de aniversário.

⁹ Utilizaremos números para diferenciar os sujeitos que participaram desta pesquisa. Portanto teremos excertos de sujeitos 1, 2, 3 e assim sucessivamente. Não há anexo do material de pesquisa, pois se tratou de dizeres colhidos com base no sigilo da pesquisadora.

O que a blogueira nos chama atenção é nesta mudança de interesse por parte dos adolescentes, que antes procuravam a adrenalina dos brinquedos dos parques de diversão e que agora focalizam seus interesses no consumo (no fazer comprinhas).

Outro ponto a se destacar é o fato de a blogueira dizer: 'se esbaldam de tanto gastar nas lojas mais famosas dessas cidades'. Mostra-nos a característica especular, pelo fato de escolher 'as lojas mais famosas', ou seja, será preciso mostrar aos outros o quanto foi possível gastar. Além disso, essas consumidoras vorazes vão 'se esbaldar de tanto gastar', apontando o sentido de ilimitação, de não ter controle, questões que abordaremos mais adiante nesta pesquisa.

Acreditamos que a função especular, tal qual o olhar na constituição subjetiva, cresça na mesma proporção em que os referenciais delimitadores enfraquecem ou não atuam com a mesma rigidez de antes, referenciais estes que nos dizem como ser, como se comportar, que nos indicam os valores sociais e culturais. Se entendermos que a necessidade do sujeito, em sua formação, depende do olhar do outro, ao mesmo tempo, que se espelha e identifica-se, então a sociedade do espetáculo é, assim, uma forma de salvar o sujeito da angústia de não reconhecer-se, de não saber de si.

Em nossos depoimentos/ excertos, observamos que muitos adolescentes se dirigem a outros adolescentes como forma auxiliar em sua formação social. Apontamos o excerto do sujeito 2, que indica a reprovação àqueles que 'ficam bêbados' em festas ou baladas. Este tipo de olhar, que vem de um igual (de adolescente para adolescente) funciona como um espelho e assinala um movimento de constituição pelo olhar, que indica certa relação com valores e limites.

O sujeito contemporâneo vive absorvido pela aparência, e essa preocupação tem relação tanto com a questão do espetáculo como com o consumo, visto que a aparência, no mundo atual, tem a ver com a beleza, com o corpo a ser mostrado e, portanto está recheado de 'ter', ou seja, para 'ter' beleza é preciso 'ter' ferramentas que possibilitem isso (exercícios, cremes, maquiagens, roupas), até mesmo o saudável – que se relaciona ao corpo – tem como base o consumo, pois devemos consumir alimentos saudáveis, fazer academia para 'ter' saúde, para 'ter' bem-estar, etc.

Nesse sentido, o 'ser' está se perdendo, se tornando fugaz, numa confirmação penosa de que o 'ter' está se sobrepondo ao 'ser'. Mais e mais acumulamos coisas, objetos que devem servir para nos traduzir, nos representar, mas nos afastamos das possíveis reflexões e análises sobre nós mesmos. Aturar a si mesmo é dispendioso, na mesma medida em que não nos "bancamos" – entendemos este termo como a implicação do sujeito na sua própria responsabilidade, no assumir-se enquanto sujeito com causas e consequências.

Nossa sociedade (ocidental) e, principalmente o Brasil deixam muito claro isto, permutando com os outros e com o mundo as culpas em troca do bem-estar. Ao mundo as obrigações e responsabilidades e ao sujeito o bem-estar. Este bem-estar não está na relação consigo mesmo e sua ética, mas com os produtos consumíveis, as possibilidades de consumidos e a expressão disso para a sociedade. Como, por exemplo, encontramos nas redes sociais a necessidade dos sujeitos dizerem que estão de bem com a vida e que tudo está dando certo.

Os adolescentes não estão distantes deste discurso, nos excertos dos sujeitos 3 e 4, vemos que os sujeitos que se identificam com certas tendências de moda e podem fazer parte deste grupo chamado adolescentes, como: 'nós adolescentes, estamos sempre antenados nas novidades que envolvem o mundo fashion' (3).

Ou como no excerto do sujeito 5, onde a blogueira diz que seu blog é seu 'confidente de todas as horas', sugerindo um lugar para se falar das angústias, dúvidas, sentimentos, mas logo em seguida diz que pode ser quem ela quiser e se remete à 'moda e decoração', dando-nos um sentido de que sua expressão passa pelo consumo e pelo espetáculo.

Ou ainda, na dúvida do menino (excerto do sujeito 6) que escreve uma pergunta, num site onde os adolescentes interagem, sobre o uso de determinado sapato: "Queria saber se fica bem um adolescente usar sandálias do tipo papete?" Ele demonstra preocupação com sua imagem, sua aparência, como se o uso inadequado de vestuário pudesse afastá-lo do grupo, da sociedade, pois o colocaria como diferente, ou seja, não pertencente. É como se o vestuário ou os acessórios falassem mais do sujeito do que ele mesmo pode dizer de si.

Se for verdade que a sociedade constrói sujeitos que a sustentem, então somos esta construção irresponsável, mas na mesma medida construímos uma sociedade que renega a singularidade e investe na aparência. Com isso, temos que o espetáculo, para além das quantidades de imagens, está na forma de nos relacionarmos, é uma prática social. Está presente na vida dos sujeitos, pois consome seu tempo, faz parte de sua ocupação e preocupação.

Com a frase, “o que aparece é bom, o que é bom aparece”, Debord (2003), esclarece os desdobramentos da sociedade através da via do espetáculo e nos instiga a refletir sobre as questões que cercam este conceito: o ideal de beleza, a relação com o consumo, às relações nas redes sociais etc. Enfim, seus fins e seus meios se confundem.

Nosso material de pesquisa traz blogs escritos por adolescentes, que autentica a necessidade de visibilidade. Isso quer dizer que, o adolescente pensa e tem opiniões, mas precisa expor isso ao mundo. Colegas, familiares ou desconhecidos têm acesso a seus dizeres, à forma como se expressa e, portanto, pode analisar discursivamente sua posição no blog. Mas de certo, há a necessidade de ‘aparecer’, de se fazer presente, de ser reconhecido como sujeito. Num mundo em que as coisas giram em torno da exposição, não participar disso é quase estar marginal à sociedade.

Obviamente, não falamos apenas da exposição via blogs, mas de todo o contexto comunicativo via internet. Muitas redes sociais contêm espaços para conversas particulares, porém, ainda assim, os sujeitos se apresentam publicamente, quando ‘curtem’ alguma coisa, ‘compartilham’ ou ‘comentam’ (movimentos do facebook).

Nesta pesquisa não apontamos as imagens expostas nas redes sociais como material para análise, mas muitos dizeres dos blogs são acompanhados de imagens, bem como os perfis das redes sociais. Estas imagens são compostas em sua maioria por objetos (ou lugares) que podem ser consumidos, ou seja, onde há relação com dinheiro, com o ‘ter’, com o ‘poder’ – poder ter, poder ser.

O aspecto acumulativo se torna investimento para garantia de segurança, seja pela geração das guerras, seja pelo exemplo da nobreza, que dispuseram na acumulação de bens e resultados a forma para *aparecer*, e é

neste sentido que a individualidade deu espaço ao social, ou seja, a vida individual só faz sentido se houver resposta no social.

O consumismo dificulta a percepção da própria imagem e a subjetividade. O excesso de consumo e espetáculo traz certa ilusão de onipotência e premia o sujeito com uma depressão essencial, que indica a insuportável existência na impossibilidade do consumir ou aparecer. Neste contexto, somos afetados tanto quanto produtores, como quanto produtos da sociedade atual, que atribui especialidade na medida de exaltação da quantidade de objetos adquiridos.

No excerto do sujeito 7, a blogueira faz uma despedida porque as pessoas deixaram de comentar seus posts, apesar de ela dizer que não é isso que a motivou deixar o blog, contudo nas falas anteriores ela se contradiz, pois coloca que se sente triste por deixar de blogar, que não há falta de inspiração e que o blog é sua vida. Esse posicionamento traduz a angústia de não ser notado, não ser reconhecido, que nesse caso é não ser comentado, portanto, na visão dela, as pessoas (seus leitores) não se interessam mais pelo o que ela posta.

Ao considerar a sociedade atual um palco, conclui-se que as situações se assemelham a um espetáculo. O espetáculo mostra a transformação social dos valores, onde a essência do ser perdeu posição para o imperativo do ter. E nos convencemos disso nos discursos que compõem a sociedade e que focalizam os elementos do ter como primordiais atributos para a contemporaneidade. O consumo está, assim, difundido e confundido ao espetáculo, pois eles se intercalam, se transformam e caminham sempre juntos. De acordo com Calligaris,

O resultado disso é que cada grupo impõe facilmente a seus membros uma conformidade de consumo bastante definida. Por isso mesmo, todos os grupos se tornam também grupos de consumo facilmente comercializáveis... A adolescência e suas variantes são assim um negócio excelente. (CALLIGARIS, 2011, p. 58)

Portanto, as relações comerciais construídas nesta época têm suas características advindas das relações sociais e culturais, que estipulam

prioridades e ajeitam facilidades consumíveis. O espetáculo confirma as necessidades da sociedade atual e suas possibilidades de consumo.

O sujeito contemporâneo, inserido neste discurso social e cultural, é o chamado sujeito do excesso (FORBES, 2012), aquele que não tem limite ou que reúne em sua constituição os limiares do equilíbrio. Esta sociedade, articulada entre o consumo e o espetáculo, traz sempre um “a mais”. Não basta ter, é preciso ter “o mais”, uma somatória infinita, mas que seja maior que do outro. Este constructo é tomado no corpo como função de verdade e transforma a individualidade como forma de viver no mundo. Lipovetsky esclarece que,

cada um foi educado pelo ideal de realização dos seus próprios desejos, com dificuldade para fazer concessões. A vida em comum torna-se fonte de desacordo. Antes as pessoas também brigavam, mas havia normas sociais que permitiam a permanência da ordem. Hoje não existem mais. (apud FORBES, 2005, p. 74)

As modalidades de excesso e individualismos são registros da contemporaneidade, e ainda que tenham sido apresentados anteriormente, ganharam hoje o valor da existência humana. Nesta perspectiva, entende-se que os valores sociais desaparecem à medida que a exaltação do “eu” se fortalece. Os empreendimentos aos interesses individuais sobrepõem-se à ética social e formando-se, assim, novas subjetividades.

Em nosso material de pesquisa foi comum dizeres como “curtir o máximo”, “se divertir”, “fazer todas as coisas que se quer”, entre outros que apontam a existência do excesso. Por outro lado, os adolescentes indicam um excesso de ‘confusão’, nos levando a pensar que o sujeito do excesso aparece tanto para viver intensamente como quando exprime a quantidade de sentimentos e pensamentos que assolam a adolescência.

No excerto do sujeito 8, a adolescente diz:

“ser adolescente é errar, esquecer, amar e deixar de amar, rir e depois chorar, fazer coisas loucas e depois descobrir que ela não tem sentido nenhum...”

Neste trecho podemos perceber o excesso de sentimentos e comportamentos que mostram certo aprisionamento em conceitos divisórios do ser – uma coisa e seu contrário, como rir e chorar.

Outro exemplo, encontramos no excerto do sujeito 9, onde temos “Uma das vantagens é ser bem jovem e ter a vida inteira pela frente... Ser livre, se divertir, fazer coisas bobas sem arrependimento”, e ainda no excerto do sujeito 10, onde a adolescente diz “é a melhor fase, é fazer o que você quer... pensando que pode tudo... sem preocupações... curte os amigos, faz novos amigos... beber... baladas... enfim a melhor fase de todas...” (na escrita da adolescente, as palavras estão abreviadas). Percebemos, nesses excertos, que para grande parte dos adolescentes para se viver bem a adolescência é preciso o excesso. Dizemos isso, porque em excerto posterior (sujeito 11), a adolescente diz não perceber que está “na melhor fase da vida”. Não sabemos exatamente o que ela sente sobre sua posição adolescente, contudo percebemos que não há o mesmo entusiasmo que a anterior.

As satisfações pessoais exercem maior poder na sociedade atual, que oferece objetos e justificativas para o individualismo emergir. Ainda que existam grupos com ideais comuns, os sujeitos se preocupam mais com seus direitos e prazeres do que com o bem social. Percebemos as limitações destes ideais grupais quando se apresentam através de reivindicações isoladas, onde os benefícios devem servir apenas a eles.

O mundo contemporâneo foi, e ainda é idealizado como globalizado, onde a intenção das sociedades e culturas seria de um entrelaçamento, com trocas construtivas, com a reprodução de igualdade e comunicação. Contudo, percebemos que na mesma medida que a globalização não pode ser evitada – pelo menos no mundo ocidental – temos um aumento da individualidade, que pode ser pensada até mesmo como certa resistência à globalização, numa tentativa de o indivíduo não ser diluído no todo da sociedade.

Pensar a globalização, a sociedade e a cultura atuais não seria possível sem colocar em pauta a internet e as questões da modernidade líquida (BAUMAN, 2001), que iremos discutir a seguir.

3.5 – Sociedade e Cultura – internet e modernidade líquida

Estar inserido num contexto histórico-social para se constituir sujeito, significa assujeitar-se a certas normas e regras já estabelecidas. Assim acontece com o sujeito diante de suas próprias leis. Ele está submetido às formações que o constituíram. Os sujeitos, frutos de nossa cultura, são também, os que exercem ativamente sua manutenção, restauração e transformação.

O mundo contemporâneo nos possibilita maior quantidade de representação da vida e das coisas, pois há o acesso livre a muito mais informação. Quando somos chamados a dizer quem somos, podemos responder a isto através de um aparato grande de coisas que podem nos representar. As questões profissionais, sexuais, de status social, entre outros, ganharam novos atributos e conceitos, que tentam dar conta deste sujeito contemporâneo que precisa de mais e mais objetos e palavras para dizer de si.

Neste sentido, a globalização que nasceu a partir das questões políticas e financeiras, ultrapassou as barreiras administrativas e empresariais, passando pelas trocas culturais e chegando ao microcosmo da sociedade, ou seja, ao sujeito. Este, estimulado pelo mercado aberto e acesso facilitado de produtos e comunicação, precisa dar conta de si nesta relação ao mesmo tempo aberta e fechada, do sujeito com o mundo.

O excerto do sujeito 12 apresenta a variedade globalizada de representação de si e do mundo. A adolescente diz “queria que a vida fosse um filme com o espírito ‘forever young’ de John Hughes, a neurose básica de Woody Allen, a trilha sonora de Cameron Crowe e o figurino de Patrícia Field”. E mais adiante diz “Não vive sem Friends, faria de tudo pra ver um show do Foo Fighters, morre de vontade de morar em Nova York um dia”.

Estas representações são possíveis pelo acesso que temos aos elementos que constituem outras sociedades e outras culturas. Uma das grandes representantes deste novo modo de relação com o mundo e assujeitamento é a internet, que compõe as características de globalização aliada à satisfação pessoal, pois é a internet a grande facilitadora do sentido de ilimitação do sujeito.

Podemos adquirir produtos de todos os lugares do mundo através da internet, bem como podemos consumir e interagir com jogos ou grupos de discussão com pessoas de todos os lugares. Hoje, não é mais preciso sair do país ou da cidade para interagir ou comprar. Aliás, não é preciso nem sair do próprio quarto, o que causa preocupação para estudiosos, pais e educadores quando crianças e jovens se isolam demasiadamente. De certo, esta é uma nova forma de inserção social, de comunicação e até mesmo de subjetivação, completamente diferente da que estávamos acostumados ou que ainda conhecemos (ou seja, através do contato cara a cara), mas não sabemos quais os reais frutos que teremos no futuro.

Neste contexto de ilimitação de consumo e comunicação, podemos fazer um à parte, mas que tem total relação com o estudo do sujeito atual, que é a questão do crédito. Este à parte se faz necessário pelo fato de colocarmos o consumo como elemento importante na relação do sujeito com o mundo.

Não poderíamos falar da facilidade de consumo e acesso aos produtos sem levarmos em conta a forma para adquirir tais bens. A globalização fez emergir nos sujeitos o desejo e estes tiveram que encontrar caminhos para esta satisfação. Por isso, o crediário, ou seja, a facilidade em fazer parcelamentos no ato da compra se torna um atributo essencial nesta dinâmica, principalmente neste nosso olhar, voltado para a sociedade brasileira. De acordo com Bauman,

Numa sociedade de consumo, compartilhar a dependência de consumidor – a dependência *universal* das compras – é a condição *sine qua non* de toda liberdade *individual*; acima de tudo da liberdade de ser diferente, de “ter identidade”. (BAUMAN, 2001, p. 98)

Por isso, o crédito é visto como fator primordial na sociedade contemporânea, pois se não há dinheiro vivo, em espécie, para aquisição de bens é necessário ter outra via para o consumo. Além disso, o crédito nos demonstra o quanto o sujeito pode dever e o quanto não lhe pode faltar, ultrapassando certas barreiras das diferenças sociais, que antes marcavam aqueles que podiam ter (os ricos) e aqueles que não podiam ter (os pobres). O crédito possibilita que o sujeito sem grandes posses, obtenha aparelhos

eletrônicos, roupas, sapatos quase que sem fazer distinção entre ricos e pobres – ou como está sendo usado atualmente: a nova classe média, cujas diferenças terminam na quantidade de produtos comprados.

Por outro lado, o crédito é também representante do sujeito do excesso e ilimitado, pois a possibilidade de comprar em função do crédito contribuem para que o sujeito não se interrogue sobre seus limites e sua real necessidade de certos produtos, gerando um círculo vicioso de nunca ter falta. O consumo, o crédito, o desejo e o ilimitado talvez sejam o exemplo mais vivo e claro de como uma sociedade produz sujeitos, ao mesmo tempo, que é produzida por eles.

Com a internet, percebemos o quão grande é a necessidade do sujeito da representação de si, bem como de reconhecimento. Em excertos que se referem justamente à internet, percebemos em muitos deles a busca de reconhecimento dos adolescentes por seus pares. No excerto do sujeito 13, por exemplo, a adolescente reclama de não ter seu blog tão visitado e acredita que os blogs de meninas 'ricas' fazem mais sucesso. Esta adolescente nos mostra não só a necessidade de reconhecimento como também nos convoca a pensar o quanto o consumo pode ter relação com a internet. Ela diz:

“esses bloguinhos que as blogueiras fazem questão de mostrar as maquiagens importadas, os perfumes da Channel, sapatos e bolsas de marca, fazem muito mais sucesso do que as blogueiras que se esforçam pra ter um blog bom”.

Por outro lado, entender o mundo, através da representação, da abstração e do simbólico é aspecto essencial para a vida em sociedade, pois o sujeito se relaciona com a cultura através da via simbólica. Contudo, hoje, observamos o excesso de representação e o distanciamento do sujeito das relações diretas. A internet não é somente um meio de trabalho, é principalmente uma forma de diversão.

O mundo da internet trouxe à grande parte dos adultos, aquilo que mais criticavam nas crianças, os seus videogames. Muitos adultos, sejam nas redes sociais ou nos joguinhos dessas redes, apresentam e representam suas modalidades de subjetivação. Antes, reclamávamos das crianças que passavam horas em frente aos jogos, hoje somos nós, adultos, que tendemos

a nos dispersamos da implicação social para nos acomodarmos nesta relação tecnológica.

Ainda pensando na ludicidade da internet, vemos que na atualidade, o mundo dos games, dos jogos virtuais pode servir como uma fuga da realidade, principalmente porque a possibilidade do eu vencer é sempre maior, visto que é possível tentar e tentar até passar as fases para ser campeão. O mundo da realidade, do aqui e agora, não oferece teste anterior à prova, não oferece possibilidade de rascunho. O realizado, o conquistado e o perdido é o fim. O fazer novamente é sempre fazer outra coisa, com maior experiência, mas outra coisa.

Temos, então, o empobrecimento da realidade, de nada querer saber sobre sua determinação, nada querer saber de si e de sua ética, nada querer saber do outro, numa espécie de paixão da ignorância, como nos diz Lacan (1985, p. 164). Portanto, o que oferecemos ao adolescente, enquanto pais, educadores e sociedade é um mundo irreal, onde as coisas são possíveis sem esforço, sem planejamento e sem sistemática. O adolescente, nesse sentido, tende a expressar mais demanda, pois não aprendeu a ofertar, tende ao consumo, pois não aprendeu a produzir. Seus pedidos vislumbram as facilidades dadas pelos adultos e pela sociedade virtual.

Quando as coisas parecem fáceis ou simples, a percepção que temos é de leveza, de liquidez. A família e a sociedade, ao oferecer facilidades para o sujeito, não auxilia na implicação dele em sua própria vida, suas questões ou desejos. Dificuldades e obstáculos fazem parte da formação do sujeito, pois são eles que delimitam suas possibilidades de conquista e vitória.

Além disso, as delimitações têm relação com as leis – internas referentes aos valores, à moral, à ética, ao superego (ao atravessamento do Édipo); e externas referentes às leis sociais, aos comportamentos, aos padrões, aos códigos legais. Neste sentido, uma das complicações observadas neste novo contexto social é a falta de delimitação, que proporciona indeterminados movimentos e resultados. Bauman, quando escreve “Modernidade Líquida”, mostra, discute e interroga a nova modalidade discursiva e comportamental a que estamos sujeitos. Para ele,

Hoje, os padrões e configurações não são mais “dados”, e menos ainda “auto-evidentes”; eles são muitos, chocando-se, de tal forma que todos e cada um foram desprovidos de boa parte de seus poderes de coercitivamente compelir e restringir. (BAUMAN, 2001, p. 14)

Podemos compreender, então, que a liquefação está nos valores, nos produtos e nas relações dos sujeitos, pois não conseguimos estabelecer atributos fixos àquilo que nos cerca. Por isso, as relações com objetos e entre os sujeitos se tornam descartáveis, ou seja, seus atributos são valorizados por certo tempo, enquanto há realmente um interesse e não há nenhum outro objeto que possa substituir. A desvalorização atinge não só os objetos, mas também as pessoas e as relações.

O mundo líquido, contemporâneo, intitulado por Bauman, aponta os aspectos de leveza, fluidez e ilimitação em contradição à solidez da modernidade. Os sujeitos deste mundo são passíveis de novas acomodações e transformações, onde a frágil solidez é dissolvida pelo tempo e pelo espaço. É em função desta fluidez que podemos fazer interlocuções com outras culturas e podemos transformar a sociedade, os valores e os entendimentos.

Com isso, a queda de valores sociais eticamente estruturados determina uma sociedade sem limite, onde o gozo excessivo representa a falsa autonomia do sujeito – tudo é possível. Os referenciais que antes serviam para delimitar certo enquadramento do sujeito, também instauravam os conceitos de normalidade, de dentro ou fora da norma social. Sua falta propõe ao sujeito um sentido de normalização e até banalização daquilo que, anteriormente, causava horror ou estranheza.

Neste ponto, devemos refletir sobre a normalidade em contraponto à implicação do sujeito. Hoje, a distribuição exaustiva de vídeos e notícias dos eventos do mundo, bem como a comunicação intensiva e sem obstáculo do tempo ou do espaço, cria um novo paradoxo: virtual X real, onde o sujeito se aproxima e se distancia, de acordo com seu interesse, vontade ou necessidade, ou seja, de acordo com o que sua satisfação buscar. Contudo, não exige dele uma implicação, um posicionamento ético. Por outro lado, a repetição da exposição desses eventos traz a noção de normalidade, ao

mesmo tempo, serve como construção de verdade daquilo é “normal” ou não. Segundo Bauman,

O discurso cultural contém atualmente todos os sintomas da “crise de paradigma” – uma situação em que os conceitos que organizam as nossas percepções impelem-nos a tratar as ocorrências mais típicas e frequentes como exceções, tornando a “norma” uma noção cada vez mais nebulosa... (BAUMAN, 1998, p. 165)

Face à globalização que desconstrói as velhas estruturas, a cultura vai se transformando, no mesmo movimento de transformação do sujeito. É sempre um jogo de resistência e aceitação, donde não existe certo ou errado, e sim, acomodação. Nenhuma cultura ou sociedade é totalmente íntegra, pois são vivas e se movimentam, estando sempre à mercê das trocas e das transformações.

Com os estudos do mundo contemporâneo podemos, agora, partir para o foco principal desta pesquisa, seu corpus, o adolescente.

4 - Adolescentes/ Adolescência

Neste capítulo, apresentaremos as conceituações relacionadas à adolescência e aos adolescentes. Não faremos distinção delimitada entre estes dois termos. Caminharemos pois, por assinalar a adolescência como lugar constituído socialmente e como posição subjetiva e o adolescente como aquele que está neste lugar ou exerce esta posição subjetiva.

4.1 - A (des) construção da adolescência

A adolescência, ainda hoje, é considerada um processo de transformação, ou seja, um meio de transição entre duas etapas bem definidas. Até os dias atuais, considera-se a etimologia da palavra adolescência com sua definição fechada, onde sua origem etimológica está no latim “*ad*” (“para”) + “*olescere*” (“crescer”).

Neste contexto, as definições comumente aceitas para “adolescente” estão no âmbito da fase de transição, entre a infância e o mundo adulto. O adolescente seria aquele que está em processo de crescimento para atingir um ideal de comportamento e pensamento, cujas responsabilidades seriam evidenciadas. Este momento da vida ainda é considerado o lugar das mudanças: corporais e psicológicas, condizendo com a fase de puberdade e suas transformações físicas e biológicas.

A adolescência foi constituída como o momento de se ajustar aos parâmetros necessários para a maturidade, considerando o adolescente como o sujeito em crise. Quando se toma estes conceitos já concebidos, impossibilita-se a construção de novas perspectivas de conhecimento. Para César,

... a reprodução de concepções e metodologias de pesquisa da adolescência baseadas nos pressupostos que a fundaram como problema e obsessão apenas contribui para a reduplicação das perplexidades e dificuldades que os próprios trabalhos pretendem sanar. (CÉSAR, 2008, p. 28)

Considerando o sujeito uma construção, a questão do adolescente pode ser observada pelo mesmo parâmetro, enquanto uma constituição discursiva, cultural, histórica e subjetiva. Há alguns anos não eram comuns assuntos, objetos ou programas voltados para adolescentes. O adolescente também emergiu em um determinado momento histórico e cultural, por isso, não se pode ocupar somente com as delimitações de idade, pois estas colocam o adolescente como um indivíduo que necessariamente é, ou seja, estático, assim como o bebê é e não existe sujeição.

Agora podemos perguntar se a adolescência não surgiu justamente porque os adultos modernos precisam dela como ideal. Como faz Calligaris:

Será que a adolescência não foi provocada, impondo a moratória e suscitando a rebeldia, justamente para que encenasse o sonho de idiosincrasia, de unicidade, de liberdade individual e de desobediência que é próprio de nossa cultura? (CALLIGARIS, 2001, p. 59)

César (2008), em seu livro, “A invenção da adolescência no discurso psicopedagógico”, retoma histórica e culturalmente, o surgimento da adolescência como um momento da vida do sujeito em que, pelas concepções médicas e pedagógicas, há confusões, distorções e problemas. César traz à superfície as condições que fizeram da adolescência ser este “mar de complicações”. Hoje, temos esta visão de adolescência como uma fase incompreensível.

É comum entendermos o adolescente como o sujeito constituído pelos discursos médicos, pedagógicos, sociais ou psicológicos e que, por isso, assumiu um lugar e se diz a partir daí. Em nossos depoimentos/ excertos, temos claramente a reprodução dos discursos estabelecidos como verdade que falam sobre o adolescente, como por exemplo, os dizeres de “melhor fase da vida”, “mudanças e descobrimentos”, “confusão”, “liberdade”, “curtir a vida”, que situam a adolescência como o lugar onde não há tantas responsabilidades, ao passo que existe liberdade e que é preciso aproveitar este momento, pois quando se tornar adulto os momentos não serão tão leves, tranquilos e felizes. Discursos que colocam o mundo adulto como um lugar de ‘duros golpes’. Mas

mesmo assim, os discursos trazem o adolescente como confuso, como aquele que não consegue se situar.

No excerto do sujeito 14, temos:

“Adolescente é a melhor fase da vida, onde tudo é novidade, onde começamos a descobrir o mundo, a fase do descobrimento, onde se descobre o amor, a verdadeira amizade, a fase em que choramos, brigamos, a fase que ficamos mais carentes precisando de um colo de mãe mais por sermos adolescentes temos vergonha de dizer”.

Este adolescente, já inicia falando que esta é a melhor fase da vida, mas em seguida irá dizer que é a fase que se chora, briga e fica carente, contradizendo o aspecto de ser ‘a melhor fase’, mas por outro lado, confirmando o discurso-verdade de ser a adolescência uma ‘fase confusa’.

Ou ainda no excerto do sujeito 15, onde o adolescente coloca prós e contras,

“prós: sensação de liberdade, indiferença, descobrimento, ingenuidade; contras: irresponsabilidade, impulsividade, tempestades e stress”,

que nos leva a pensar nesta adolescência construída como o lugar onde a liberdade pode emergir, mas por outro lado, traz aquilo que é considerado negativo socialmente, como características desfavoráveis à adolescência. Podemos perceber que esses prós e contras trazem ao mesmo tempo as possibilidades de se viver intensamente e o desequilíbrio social e emocional que os discursos de verdade sobre os adolescentes conotam como seus representantes.

Contudo, enquanto sujeito constituído, o adolescente não é todo, não é completo, por isso, tem questionamentos. Pelo entendimento da cisão do sujeito, não podemos aceitar a conclusão simplista de “fase”, que é tão difundida e reproduzida pelos próprios adolescentes, como pudemos comprovar em nosso material de pesquisa, onde usam a palavra “fase” para designar esta posição, justificando características, que mesmo na sua contradição, são atribuídas aos adolescentes, tal como situá-la como um

momento confuso e complicado, onde há possibilidade de liberdade com todas as festas e 'curtição', bem como ser um momento de conflito interno e externo, onde os pais não entendem, os amigos estão próximos e a escola é obrigação.

Consideram-na como o melhor momento da vida e o mais desconexo, mostrando que há uma ambiguidade na construção nos saberes e verdades sobre a adolescência que é reproduzida pelos adolescentes. Acompanhando os discursos já constituídos e aceitos, localizam a adolescência como uma 'fase' de transição entre a infância e a idade adulta, onde muitos até instituem a maioridade legal (18 anos) como ideal de término desta 'fase'.

Se pudéssemos considerar o adolescente um indivíduo que vivencia uma fase, delimitada por idade, então teríamos um objeto qualificado para estudo e, portanto, teríamos soluções, ou melhor, conclusões fechadas sobre as problemáticas apresentadas pelos adolescentes ou pelos seus pares (pais, professores, familiares). É justamente por esta impossibilidade que tomamos o adolescente como uma posição subjetiva, que pede formações, transformações, que mantém uma abertura e não se estabiliza. César aponta que,

O aparecimento dos *kids*, nos anos 1990, demonstra que a adolescência, tal como enunciada desde o início do século XX como objeto privilegiado de preocupação dos médicos, psicólogos do desenvolvimento e pedagogos, morreu... se antes os adolescentes tinham que ser vigiados para se tornarem adultos disciplinados e normais, agora são os próprios *kids* que pautam o ideal de felicidade dos adultos, determinando, desse modo, o surgimento de figuras sociais inteiramente novas, como a filhocracia e a adultescência. (CÉSAR, 2008, p. 22)

Muitos autores colocam que o início da adolescência acontece com a mudança fisiológica, ou melhor, com a iniciação da maturação do corpo, contudo, apesar de toda transformação corporal designar uma mudança psicológica, não podemos deixar de pensar que se fosse possível delimitar a adolescência, num tempo cronológico, seria tão mais simples delimitar as suas questões e respondê-las. Porém, hoje muitos teóricos também concordam com a ideia de que a adolescência está se antecipando aos elementos biológicos,

tanto quanto está ultrapassando ao que seria considerada idade adulta, quando a “passagem” da adolescência já teria sido resolvida.

4.2 - O adolescente atual

O adolescente apresenta claramente estes aspectos de constituição, discutidos no item anterior, visto que presentifica seus conflitos advindos da variedade de elementos trazidos pelos pais e familiares, pelos amigos, professores e todo convívio social, pela mídia, pelo consumo, etc. Além, de todo estes elementos externos, ainda há elementos internos que permeiam seu entendimento do mundo de si mesmo. É um novo sujeito que emerge em meio a novas modalidades discursivas, novos comportamentos, novas nomenclaturas e novas formas de expressão.

No excerto do sujeito 16, a adolescente diz “neurótica assumida, não se acha nem um pouco inteligente, muito menos bonita!”, neste pequeno trecho, vemos seu atravessamento no discurso médico-psicológico quando se coloca como neurótica, vemos também que se utiliza de comparação para dizer que não é tão inteligente, nem tão bonita e mostra com isso, sua inserção na sociedade do espetáculo, onde é preciso aparecer da forma como a sociedade demanda.

O adolescente ainda é considerado complicado e confuso, porém, suas características são parte da construção discursiva. Palavras como: globalização, consumo, acesso, diversidade, inclusão, liberdade de expressão, ilimitado, sem fronteiras etc., são os elementos que integram e possibilitam a emergência do adolescente.

O adolescente do discurso médico apareceu como um indivíduo instável, um rebelde contra os adultos e os valores da tradição, sujeito de uma sexualidade que lhe é negada, mas, ao mesmo tempo, está estampada em seu rosto. (CÉSAR, 2008, p. 57)

Hoje é possível analisar o sujeito adolescente e seu processo de amadurecimento para além de uma fase de transição, onde o constructo subjetivo é confrontado, confirmado, ou mesmo, negado.

Percebemos o quanto a adolescência é vista como momento crucial para tomada de decisões significativas e aparentemente concretas, pois denotam o início da continuidade da vida adulta. Este momento traz angústias e incertezas que nem sempre são compreendidas pelos próprios viventes. Contudo, esse sujeito, em constante construção e transformação, pode e quer se implicar neste discurso. E, através de uma linguagem única, o adolescente busca compreender o mundo que o cerca e busca ser percebido e entendido na sua subjetividade.

Diariamente recebemos informações que dizem como deveríamos ser e agir, quais os conceitos de padrões de beleza, profissão e comportamento que devem ser seguidos para nos sentirmos aceitos pela sociedade. Desta necessidade de aceitação e aprovação, não conseguimos escapar e ninguém responde a tanta demanda sem sofrer – sofre porque consegue servir aos padrões ou sofre porque não consegue. Este aprisionamento, que difere do desejo, é também o que possibilita a inserção social. Foucault, assim como a psicanálise, indica o desejo como movimentador do ser, mas que só pode servir ao ser enquanto abafado, pouco considerado ou mesmo anulado.

O adolescente, do excerto do sujeito 17 nos convida a refletir sobre a nossa demanda em relação à adolescência, nos dizendo:

“Quantas vezes você já escutou os mais velhos falando que todo adolescente é irresponsável e que a juventude de hoje tá perdida? Quando eu escuto isso eu penso: Nossa, e o que será que essa pessoa que tá falando, faz pra mudar isso que tá pensando? Normalmente não faz nada e ainda se esquece que já foi um adolescente/ jovem um dia”.

Quando nos diz que, alguns de nós adultos, vemos os adolescentes como irresponsáveis ou perdidos, indica que construímos sim certos ideais que não foram correspondidos pelos adolescentes, apontando um fracasso dessa nova geração. O adolescente, em discordância com o discurso do fracasso, questiona, nós adultos, sobre nosso movimento e nossa responsabilidade sobre esta construção. Ou seja, o adolescente de hoje, enquanto construção discursiva, emerge em meio aos conceitos, saberes e dizeres da geração anterior, não eximindo assim nossa responsabilidade nesta nova construção

social.

Enquanto constituição subjetiva, o adolescente tem, como qualquer outro sujeito, em qualquer outro momento e lugar, dúvidas, contradições, desconhecimentos e dificuldades em lidar com suas questões. O acesso às informações de forma rápida e livre não garante a nenhum sujeito capacidades de excelência. As emergências da sociedade, da informação e das novas tecnologias não consagraram a autonomia do sujeito, parecendo, por vezes, mais seu contrário, onde o sujeito se põe refém.

No discurso adolescente permeia a necessidade de inclusão social e participação em um grupo e, conseqüentemente, institui formas e maneiras de ser. E ainda que tente alavancar uma liberdade, está preso, pelo menos naquele momento, a um constructo, pelas ideologias que carrega o novo posicionamento do sujeito. Ao pertencer a um grupo, ter uma só identidade, há uma proteção ao sujeito, pois há uma sólida fixação dos conceitos de sua constituição, porém, por outro lado, o sujeito esbarra com os pré-conceitos, ou seja, há maior impossibilidade de entender e aceitar o outro/ o diferente, as outras identidades.

No excerto do sujeito 18, a adolescente nos diz:

“Os amigos são fundamentais no acompanhamento desta fase, são o apoio e os pais apesar de tentarem compreender, não conseguem e nós os interpretamos mal, e por vezes geram-se muita confusão e aí gera os maus ambientes... os da droga, os consumos de álcool e o consumo de tabaco, são um refugio que encontramos e além do mais também são as principais maneiras de conseguir entrar num grupo. Muitas vezes tratamos mal quem nos quer bem e apenas queremos estar com pessoas que têm interesse em fazer-se passar por nossos amigos....”

Este excerto revela o grupo como tendo papel importante na necessidade de compreensão. Mostra que quando os pais não “funcionam” – não exercem aquilo que os filhos entendem como certo ou demandam – os grupos tomam mais espaço na vida do adolescente.

Ela nos aponta uma das vias para o uso de drogas, álcool e cigarros, que nos lembra a expressão “dize-me com quem andas, que eu te direi quem és”, cujo discurso é utilizado pelos pais e educadores quando justificam as más

companhias dos filhos, como se realmente, fossem somente os *outros* responsáveis pelos danos no sujeito. Essa forma de pensamento nos remete à posição irresponsável dos sujeitos contemporâneos que têm dificuldade em assumir seus erros e suas escolhas (conforme apontamos brevemente no capítulo 3). Portanto, podemos entender que o grupo é parte fundamental na constituição do sujeito, pois ele pode se reconhecer, encontrar apoio, fugir de problemas ou mesmo se desresponsabilizar.

Apesar de o grupo ser evidente, a individualidade é marca que se atesta na atualidade. Facilmente, percebemos quão complexo é para os sujeitos de hoje perceberem o outro. Isto acontece, principalmente, porque a delimitação do próprio corpo não é percebida, portanto, aquele que não tem apreensão do próprio corpo, não consegue perceber o outro.

No excerto do sujeito 19 colhido através de um blog, a adolescente fala das atividades a se fazer caso seja confirmado o ‘fim do mundo’:

“Ir para todas as baladas que você poder; comer todos chocolates possíveis; pegar geral!, afinal você tem pouco tempo pra tira o atraso; Termina de ver todas as suas series favoritas; compra sapatos; ir pra uma viagem superdivertida com as amigas; faça uma coisa que você nunca nem pensou que teria coragem de fazer; aproveite e fale tudo o que você não teve coragem pra falar até hoje com medo de magoa alguém; aproveite cada momento com a pessoa que você ama; passe mais tempo com sua família; assista a saga amanhecer; aproveite pra confessar e se arrepender dos seus pecados; aprenda uma coisa diferente; aproveite para ir em algum show de alguma banda que você goste; apenas ore para que sua alma vá para o andar de cima”.

Percebemos que as atividades escolhidas são para o seu próprio bem. Ainda que ela inclua outras pessoas como a amiga, o amado ou a família, fica claro que existe uma tendência muito maior para fazer coisas que lhe deem prazer e satisfação do que para um bem maior. Até mesmo que ela fala em ‘orar’, ela pensa nela mesmo, pois não diz ‘orar por mim e pela minha família ou pelos meus amigos ou pela humanidade.

Mesmo com a individualidade estando como marca do momento atual, dentre os sujeitos, observa-se, que a necessidade de convivência em grupo se dá, principalmente, pela internet, como veremos a seguir.

4.3 – A influência das relações na formação do adolescente: a internet e o (O) outro

Para os adolescentes, que já nasceram na linguagem digital ou virtual, a não utilização da internet ou do celular é uma amarra e uma impossibilidade de sobrevivência. A necessidade está não apenas pelo consumo acelerado, mas principalmente, como forma de buscar e fazer parte de um grupo. As redes sociais são prova de que mesmo na propaganda da individualidade, ainda a constituição através dos grupos é primordial para os sujeitos.

O encontro da alteridade é uma experiência que nos coloca em teste: dele nasce a tentação de reduzir a diferença à força, podendo também gerar o desafio da comunicação como um empenho constantemente renovado. (BAUMAN, 1998, p. 17)

O adolescente que tenta participar de um grupo específico vai construindo uma formatação que corresponde à demanda do grupo requerido. Há grupos, que motivados por seus ideais exclusivamente, agem na tentativa de sobreposição de seus pensamentos e comportamentos, desconsiderando o pensamento (e muitas vezes até os direitos) do outro, atribuindo a seu movimento o julgamento de verdade. A construção dessas verdades e, mais do que isso, a aceitação dessas verdades, tem total relação com a conveniência de cada sujeito. Mesmo que o sujeito diga que desconhece sua escolha nestas construções, ainda assim, ele participa, pois reconhece o quanto lhe é conveniente.

O adolescente, no seu ímpeto social, tenta desconstruir as normatizações da família e da escola, que são elementares de suas primeiras relações com o mundo, as quais, na sua visão, foram colocadas de forma impositiva. Acredita, pois, que não teve escolha, mas agora, que já adquiriu conhecimento suficiente, pode escolher em qual grupo deve e quer participar.

Então, se abrindo num grupo, seguirá, porém agora por uma escolha (consciente), as normas e ideologias que o grupo traz e valoriza, ou seja, se valerá dos padrões do grupo que ele escolhe para fazer parte, aceitando as vestimentas, os lugares frequentados, as palavras usadas, o comportamento e até a visão de mundo, no sentido de julgamento, isto é, a expressão e o

discurso remetem às ideologias e valores daquele grupo. É claro que o fato de falarmos que essa escolha, neste momento, seja consciente, estamos nos guiando pelas possibilidades de conhecimento do adolescente em relação ao grupo que ele quer participar. Não estamos levando em conta, neste momento, as construções identificatórias que acontecem inconscientemente.

Muitas vezes, a questão do grupo é considerada um grave problema na constituição do sujeito, quando não serve às regras e leis morais e sociais. Se considerarmos que um adolescente é “levado” pelo grupo e por isso, comete atos delinquentes, então de qual grupo estamos falando? Para se acreditar inserido no mundo e para considerar sua existência na vida social, o sujeito adolescente busca grupos que sustentem esta posição, portanto, serão grupos formados por outros adolescentes, já que a identificação é marca salutar na escolha (mesmo que inconsciente) do grupo, por isso, ao culpar um grupo ou as más companhias do adolescente, estamos responsabilizando outros adolescentes, então seriam também sujeitos incapazes de responder por si sós.

A sociedade, a cultura e as formações discursivas não são elementos fixos, e nunca foram, porém hoje, este movimento e flexibilidade parecem mais declarados e percebidos, já que as transformações sociais e culturais acontecem dia a dia. É com mais clareza que percebemos que valores de antes e de hoje podem ser diversos e contradizentes. Há todo um contexto que permite o dinamismo atual. O discurso adolescente suscita saberes próprios que, se num primeiro momento está no meio adolescente, num segundo momento, é tomado para constituição de novos saberes – especialidades e disciplinas. De acordo com César,

... a partir dos anos 1960, os teóricos da adolescência começaram a exigir que pais e professores autoritários se transformassem em amigos e confidentes, e que oficiais de menores e assistentes sociais se convertessem em agentes compreensivos e atenciosos. Foi assim que a moral higienista do início do século começou a se transformar em instância regrada de busca da felicidade e o modelo ideal do adulto higiênico começou a dar lugar ao modelo ideal de adulto feliz. (CÉSAR, 2008, p. 87)

Construiu-se a necessidade do homem ideal. Aquele que condiz com as necessidades da sociedade, que saberá produzir para o crescimento da sociedade. O homem ideal é criado como aquele que terá condições para avançar com a sociedade, produzir e evoluir. Uma sociedade precisa produzir sujeitos que lhes sejam convenientes, ou seja, a sociedade para continuar existindo, da forma como é, necessita de sujeitos que não queiram transformá-la, portanto, o sujeito ideal está na porção daquele que dará continuidade à produção social.

A adolescente (sujeito 20) nos traz em seu excerto este ideal de felicidade quando diz:

“É ter uma imaginação de alcançar o seu limite... é ter amizades; amizades é essencial na nossa vida é se diverti rir, contar com seu ombro amigo é a cumplicidade...”.

Neste excerto, bem como em outros, existe um discurso que trata a adolescência como o lugar para a diversão e a curtição. Contudo, percebemos pelo material colhido, que o adolescente também se diz confuso, com dificuldades em fazer escolhas e se posicionar, como se estivesse fazendo um pedido de socorro para os adultos (ou o Outro). Nestes momentos, mostra-se vacilante perante as suas certezas identificatórias e os discursos que o constitui. Como no excerto do sujeito 21, onde temos:

“... a gente tem que conviver com nossas duvidas, medos, inseguranças e às vezes não temos nem com quem compartilhar”,

ou ainda no excerto do sujeito 22,

“Temos que fazer várias escolhas durante a nossa vida, sobre varias coisas, desde as mais simples até as mais complicadas, mas elas podem fazer toda a diferença se não agora em nosso futuro”.

Já no excerto do sujeito 23, o adolescente inclui o outro como ser importante em sua constituição, pois o fato se preocupar com a opinião dos

outros, mostra-nos que o olhar do outro traz pontos referenciais, por isso ser aceito ou não passa pela avaliação do outro. Ao mesmo tempo, que se coloca no lugar do 'ser da felicidade', ou seja, aquele que precisa viver intensa e satisfatoriamente hoje e agora, dizendo:

“A gente se preocupa demais com a opinião dos outros, pois precisamos ser aceitos na sociedade... eu só gostaria de dizer uma coisa: curta muito, o máximo que puder”.

Podemos apreender que há certa complexidade nesta posição que não permite aos adolescentes viverem alienados a si mesmo, pois suas dúvidas e conflitos sugerem o despertar e emergência de sua subjetividade. Nesse contexto, ainda que o adolescente persista nos grupos, há necessidade de autonomia, ou melhor, de tentar entender sua própria lógica, pensamento e comportamento, como se fosse uma luta entre a sociabilização e a individualidade. Contudo, a autonomia não se vincula somente ao sujeito e suas convicções, mas também às suas possibilidades de sobrevivência e vivência em sociedade. Assim, produtos são direcionados ao público adolescente e refletem um pseudo-autonomia que se vincula à dependência de algum adulto. Contudo, são vistos como consumidores com poder de decisão e influência. Calligaris nos esclarece,

Desde os anos 1980, surge uma verdadeira especialidade do marketing da adolescência. Sua relevância está nas proporções do mercado dos adolescentes: eles são numerosos e dispõem de cada vez mais dinheiro. Mas interessam ao mercado também pela influência que exercem sobre a decisão e a consolidação de modas, que transformam os modelos de consumo de muitos adultos. (CALLIGARIS, 2001, p. 59)

Inferimos, então, que o adolescente não está afastado da construção de relações, sejam amorosas ou por amizade, porém está distante da possibilidade da conquista de autonomia financeira, pois ou está sob os cuidados paternos ou do estado, ou está em subempregos. Contudo, ainda que as crianças e os adolescentes estejam sob olhares paternos, a família conclui que é incapaz de formar o sujeito plenamente sozinha e, desviando-se da responsabilidade educativa, transferiu para a escola esta obrigação que, por

sua vez, também se conclui incapaz de fazê-lo sozinha e joga para o governo ou o sistema a responsabilidade da sua impossibilidade. Ou seja, nada garante ao adolescente seu amadurecimento, parecendo, portanto, que ele viverá em contínuo processo de crescimento.

Contudo, o adolescente que é afastado da vida produtiva, da profissionalização, das possibilidades de trabalho remunerado¹⁰, é inserido no mundo consumista. “*Vinde a mim os pequeninos*”, parafraseando estes ditos bíblicos, cujo objetivo se traduzia na imaturidade daqueles, que podiam se aproximar de Jesus, pois não tinham responsabilidade sobre suas ações e assim eram puros. Hoje, o mercado consumista vislumbra a expectativa, que já se realiza, convidando aqueles que podem demandar, mas não são responsáveis por seu sustento.

A aposta feita era de que as ciências que se propuseram a estudar a adolescência, também deveriam propor aos pais e educadores formas de como lidar com esta faixa etária ou esta fase da vida, principalmente numa atitude menos hostil e repressora para poder ter com estes sujeitos um diálogo mais aberto, conhecendo seus sentimentos mais íntimos. Tudo isto como forma de tentar garantir o principal objetivo do homem adulto ideal: ser feliz.

4.4 – Tempo e espaço para o adolescente contemporâneo

Os adolescentes, comumente, são retratados pela necessidade de imediatismo, contribuindo para o conflito que existe entre eles e seu ambiente, principalmente, em relação aos adultos. É como se houvesse discrepância na noção de tempo, onde o aqui e o agora são supervalorizados, enquanto que a espera e a paciência para o futuro não são consideradas passíveis de adentrar no contexto da vida. Por isso, os momentos são vivenciados intensamente,

¹⁰ Os adolescentes, hoje, ficam muito mais anos de forma obrigatória na escola e se distancia do trabalho. Políticas governamentais, de alguns anos atrás (final da década de 1990), atuaram nesta construção social, com a diminuição da oferta dos cursos profissionalizantes e até retirada desses cursos como equivalentes ao ensino médio – cuja dificuldade empregatícia, hoje, exige novas modalidades de ensino para dar conta da falta de profissionais. Essa obrigatoriedade de estudo, ou melhor, de anos dentro da escola, é representante da tutela prolongada, que faz os pais (ou responsáveis) sustentarem por mais tempo seus filhos. É claro que este mecanismo é mais visto nas classes A, B e C, contudo muitos adolescentes de classes menos abastadas são sustentados pelos pais ou recebem ajuda financeira deles.

como se a morte já tivesse sido anunciada. De certa forma, isto explica o misto de dependência/independência, hipersensibilidade/ hipossensibilidade, tolerância/intolerância que tanto são anunciados pelos sujeitos contemporâneos nas suas condutas.

Com isto, acreditamos que o adolescente, como um ser em formação, ainda não é um ser total. Ainda não está submerso nas próprias considerações sociais, culturais, psicológicas e comportamentais. Por esta maneira, vemos que o adolescente deve estar sob constante olhar controlador, pois suas ações serão sempre inesperadas. Como nos diz Fink,

... o eu, de acordo com Lacan, surge como uma cristalização ou sedimentação de imagens ideais, equivalentes a um objeto fixo e reificado com o qual a criança aprende a identificar. (FINK, 1998, p. 56)

Por este motivo, esta forma de pensar a adolescência nos serviu durante décadas, e ele foi entendido como um alguém não completo, contudo, não suportou a própria condição adolescente, que hoje está instaurada numa posição subjetiva que almeja algo para além do olhar controlador de pais ou educadores e especialistas.

Desta forma, não podemos pensar a adolescência como simplesmente uma passagem recheada de inconstância, pois estaríamos consolidando a impossibilidade do adolescente responder sobre seus atos. Até mesmo os especialistas traduzem este momento da vida como tendo essências naturais, como se biológica e psicologicamente, o adolescente realmente não tivesse condições de responder por si, ou como entendemos, dizer de si.

Nosso discurso quer desconstruir este paradigma da adolescência, como sendo transicional e, portanto, sem posição. Pensamos que há algo na adolescência que lhe é próprio e, por isso, nos capacita a dizer que é uma posição subjetiva e, portanto, não é simplesmente uma fase, pois se fosse uma fase teria um momento crucial para que esta passagem se findasse, onde neste momento tudo mudaria.

Anteriormente, a adolescência era concebida como o lugar das descobertas, pois seria o momento da vida onde as experimentações do mundo estão mais próximas, principalmente pelo fato de que há uma

mobilidade maior que na infância, como se os adultos educadores dessem algum tipo de crédito ao adolescente, uma confiança.

Porém, hoje, as crianças já crescem inseridas no discurso que diz: “eles já nascem sabendo”. Estamos acostumados a colocar crianças e adolescentes como sendo já conhecedores do mundo a sua volta, principalmente quando o assunto é novas tecnologias. Ainda que concordemos que se estes sujeitos nascem inseridos no discurso tecnológico e, por isso, têm maior facilidade para compreender e atuar neste mundo, isto não significa que “já nascem sabendo”.

Esta é uma fórmula complicada da atualidade, onde uma geração é apresentada aos instrumentos tecnológicos e precisam aprender sobre ele, enquanto a geração mais nova cresce conhecendo e participando ativamente destes instrumentos. É claro que, para os mais novos, crianças e adolescentes, a tecnologia da comunicação e da “nova” interação social (redes sociais via internet) é a forma mais comum de conhecer o mundo e de se relacionar com as outras pessoas. Eles não conhecem outra forma de construir relações, por isso, esta, atual, é a mais simples, a mais corriqueira e a mais acessível.

Contudo, nós, de gerações anteriores, temos maiores dificuldades em lidar com todo este aparato tecnológico, pois nossa forma de interação com o mundo e nossa construção de relações era adquirida de outras maneiras. Temos, portanto, a dificuldade em aceitar estas tecnologias em nossas vidas ou temos dificuldade em concebê-las como elementos importantes para nossa existência. Porém, conseguimos nos adaptar, de acordo com nossa necessidade e nossas possibilidades materiais e intelectuais, e ainda, de acordo com nossa disposição em aceitar coisas novas.

Este é o ponto de partida para discussão deste subcapítulo: aceitar coisas novas e buscar aprender sobre estas coisas. Esta disponibilidade é um efeito subjetivo que se insere no ser desde sua constituição pela demanda. Isto porque fomos constituídos faltantes, ou seja, não tínhamos e ainda não temos todo o conhecimento em nossas mãos. Não nascemos sabendo.

Nossa construção de demanda se dá em torno de um “não saber” e um “querer saber”. Contudo, hoje, a criança e o adolescente são concebidos como já detentores de um conhecimento especial e específico e instaura um modo passivo de se viver, como se não houvesse mais nada a se conhecer. Segundo César,

Os *kids* nem mesmo sonham em conhecer o mundo, pois este já está conhecido e não é mais do que o seu entorno, alternando-se assim também a ideia de espacialidade que definia a adolescência como o momento das descobertas. Para os *kids* o mundo é o aqui e o agora; não há mais nada a ser descoberto, tudo já está dado, determinado pela satisfação imediata. (CÉSAR, 2008, p. 157)

Abordaremos, agora, o papel da família na constituição do adolescente atual e como esta relação influencia as questões apresentadas pelos adolescentes.

4.5 – O papel da família e a relação com o trabalho e o consumo

A família é vista como um “porto seguro” ou ponto restaurador para grande parte dos sujeitos na sociedade. Contudo, sabemos que este aspecto é pouco evidenciado pelo adolescente que apresenta sua família como falha, elemento crítico e limitadora. Mas nas suas contradições, é comum o adolescente intentar à família o papel de salvadora, principalmente, na iminência de um desvio ou de uma perda.

Tal como vemos no excerto do sujeito 8 (já apresentamos parte de seu dizer anteriormente), onde a adolescente traz os pais como detentores do poder saber, e diz:

“é seus pais falarem alguma coisa que fazia sentido, não escutarmos e depois descobrir que eles tinham razão e ouvir um belo de um ‘eu te avisei!’”,

Isso mostra os pais atentos, mas nem sempre considerados, onde o adolescente acredita poder ultrapassar um saber familiar, reflexo desta posição em que ele acha que já conhece os rumos de sua vida, numa tentativa de autoridade sobre si mesmo, como uma das formas de representar sua saída das ‘garras’ paternas, se desvinculando e sendo sujeito de si.

A família, tal como a concebemos anos passados, tende a desaparecer como constructo central da relação parental. O pai, a mãe e os filhos vivendo na mesma casa é cada vez mais raro, já que hoje outras formas de constituição

familiar são comuns e aceitas com mais tranquilidade. Contudo, ainda que consigamos constituir como verdade as diversas formas de constituição familiar, a força que exercia o conceito de família, já não é da mesma forma absorvida. O conceito família, já não pode ser justificado como há 20 ou 30 anos.

Há uma dificuldade de posicionamento dos pais frente a seu papel no quadro familiar. O que é ser mãe? O que é ser pai? São questões que ao mesmo tempo move e imobiliza os sujeitos que têm filhos. Talvez pela forma de despreparo dos pais ou responsáveis, que se ancoram em certas formações discursivas, as quais produzem o que eles são hoje, a importância da família se segue na condução da tutela dos filhos adolescentes e adultos como forma de ainda ressaltar o “filhocentrismo”, ou seja, a questão dos valores familiares se dissipam à medida que os filhos são tomados como centrais.

Neste sentido, outro fator importante quando se trata de família é a maior investida de tempo na tutela prolongada dos adolescentes, quando não dos filhos (também sobrinhos e netos) adultos, sugerindo uma infantilização que se distancia do amadurecimento. César nos diz que:

Na visão dos especialistas, o aumento compulsório do tempo de permanência no ambiente escolar foi interpretado como uma forma de preservar a adolescência, protegendo-a das pressões econômicas e dos danos de um casamento precoce. (CÉSAR, 2008, p. 81)

Ainda que os estudos sejam fundamentais, sua extensão sugere também a inadequação do jovem ao mercado de trabalho, impossibilitando sua saída do núcleo familiar. O que parece um tanto contraditório quando pensamos que a família não é tida como porto-seguro moral ou de valores bem afixados. Mas a manutenção¹¹ e custeio ainda é o principal motivo que leva os jovens e adultos a continuar sob a “guarda” de seus pais.

Contudo, é parte da característica adolescente a vontade de libertar-se das amarras familiares, salientando que sua construção sobre seus pais é

¹¹ Palavra usada no meio jurídico que significa aquilo que mantém, sustenta; manutenção de despesas.

caracterizada por contradições: pais bons e ruins, inteligentes e ignorantes, modernos e conservadores. Para Sonia Alberti,

O problema é que hoje o efeito de todas as transformações dos últimos duzentos anos leva muitos pais a duvidarem de sua própria capacidade de barrar as inúmeras tentativas de submissão e assujeitamento, e se eles duvidam, têm muito mais dificuldade em transmitir a seus filhos uma forma de barrá-las. (ALBERTI, 2010, p. 20)

Será que o conflito do adolescente não tem relação com a ansiedade paterna? Os pais constroem adolescentes conflituosos? Podemos tentar olhar o conflito do adolescente como reflexo da impossibilidade dos pais e educadores de saber lidar com a adolescência ou com a educação?

Estas perguntas estão presentes nas discussões de estudiosos e interessados na constituição da adolescência. Porém, são questões complexas que não podem ter suas respostas simplificadas e generalizadas. Por outro lado, se estamos falando da adolescência como construção, e da participação fundamental dos pais e educadores nesse processo, não podemos acreditar que a formação do adolescente passe imune às considerações dos adultos a sua volta.

Retomando o conceito psicanalítico de identificação e superego¹², a constituição do sujeito acontece por identificação. Porém, há algo que é próprio do sujeito e que o difere dos demais. Algo pulsional e inconsciente que singulariza o sujeito, ou seja, cada um administra (inconscientemente) de forma bem particular aquilo que recebe do mundo externo e interno. Por isso, as pessoas agem e pensam diferentemente quando confrontadas com questões sociais ou pessoais.

Os pais, responsáveis ou educadores, portanto, não podem assumir, de forma única e bilateral, a responsabilidade sobre as questões, as angústias, os pensamentos e as ações dos adolescentes. Mas devem ter a consciência de participarem ativamente da constituição do adolescente. A forma de pensar e agir do adulto resulta em aprendizado para a criança, e o adolescente é aquele sujeito que reflete os elementos aprendidos e apreendidos.

¹² Conceito explicado na nota de rodapé, no capítulo 2, onde falamos do sujeito da psicanálise.

Um dos exemplos que colocamos para discussão, que trata da relação 'pais e filhos' é a questão da tutela prolongada, que enfatiza o modo de ser do adolescente atual como aquele afastado do mundo do trabalho e da vida financeira. A entrada no mundo do trabalho indica um amadurecimento subjetivo, pois movimenta o sujeito para a produção própria. Acontece que este contato com o trabalho está sendo posto cada vez mais com idades avançadas. Se antes era no seio da família que a criança encontrava o aprendizado de um ofício, hoje é somente na Universidade que haverá espaço para uma escolha profissional. Ainda que existam escolas técnicas, que conduzem ao profissionalismo mais cedo, esta não é uma característica da nossa sociedade, visto que muitos dos que procuram cursos técnicos já são adultos em busca de um tipo de especialização no trabalho, ou mesmo para uma certificação¹³.

A família não é mais o lugar onde um ofício é aprendido, por outro lado, isto também não cabe à escola fundamental e média, portanto, somente haverá a possibilidade de independência financeira pós-faculdade/universidade. Isto significa que, o sujeito está submetido aos cuidados de outro porque não tem condições de sobreviver sozinho. Ou seja, está em constante processo de crescimento. Relembrando o *adolescens* (do latim) que significa crescente ou em crescimento, em contraposição do *adultus*, que significa crescido. Segundo Calligaris,

Desde os anos 1980, surge uma verdadeira especialidade do marketing da adolescência. Sua relevância está nas proporções do mercado dos adolescentes: eles são numerosos e dispõem de cada vez mais dinheiro. Mas interessam ao mercado também pela influência que exercem sobre a decisão e a consolidação de modas, que transformam os modelos de consumo de muitos adultos. (CALLIGARIS, 2001, p. 59)

¹³ É importante ressaltar que hoje o governo está estimulando a procura por cursos técnicos. Incentivando os adolescentes na busca de uma profissionalização mais cedo, principalmente, pela falta de técnicos no mercado de trabalho, em contrário ao que ocorreu na década de 1990 com a diminuição de oferta dos cursos profissionalizantes. Como é possível verificar em diversas reportagens, tal como a do site [http://g1.globo.com/jornal-
hoje/noticia/2013/07/profissional-tecnico-esta-em-alta-no-mercado-de-trabalho-brasileiro.html](http://g1.globo.com/jornal-
hoje/noticia/2013/07/profissional-tecnico-esta-em-alta-no-mercado-de-trabalho-brasileiro.html), do dia 01/07/2013, com o título "Profissional técnico está em alta no mercado de trabalho brasileiro".

A adolescência é idealizada pelo adulto como o lugar da felicidade, da maturidade irresponsável, da liberação das experiências, é, portanto, o campo dos prazeres e dos sonhos. O adulto reconhece o adolescente naquilo que ele tem de mais livre e que o adulto não pode mais. Talvez, por isso, o adulto reprima o adolescente, como uma tentativa de abafar seus próprios desejos reprimidos. Por outro lado, por ser um ideal, a adolescência é vivida também pelos considerados adultos. São gestos, formas de falar, interesses, tipos de roupas, cabelos e acessórios que estão sendo usados pelos adultos, mas que são ditados pelos adolescentes. E, para além dos elementos externos, há adultos que se comportam como adolescentes, com certa irresponsabilidade, com imaturidade, com dúvidas existenciais.

É difícil para o sujeito responder sobre si mesmo quando seus referenciais, a partir dos quais se pode dizer algo, estão fragilizados ou não são claramente percebidos. Os referenciais moldam o sujeito, mas não necessariamente de forma fechada, pois nenhum sujeito, até pela sua própria capacidade de adaptação, se fixaria num único e exclusivo modo de existir, a não ser que esteja em posição objetual e se situe como objeto "x" para todas as situações. O sujeito, por si só, é capacitado de movimento. Sua subjetividade já lhe permite oscilar entre as posições possíveis para seu contexto social e particular.

A extensão tutelar do adolescente não o torna mais responsável, pelo contrário, o coloca sempre numa posição mais fragilizada e imatura. Apesar da maturação do corpo do adolescente, ainda não lhe é oferecido empurrão suficiente para realmente ser independente. Uma criança no corpo de um adulto. A tutela prolongada, que incide na imaturidade e, portanto, na não responsabilidade pode ser motivo de transgressão, pois é pela transgressão que o adolescente tenta ser levado a sério pelo adulto, tenta mostrar para o adulto tudo aquilo que ele já pode.

Quando um pedido não encontra uma palavra que no mínimo reconheça sua relevância, normalmente seu autor levanta a voz. Numa progressão linear, grita, quebra vidros e pratos, coloca fogo na casa e pode até se matar para ser levado a sério. Ou seja, ele tenta impor pela força, ou mesmo pela violência, o que aparentemente não é ouvido. (CALLIGARIS, 2001, p. 39)

Isto nos mostra o quanto é para o adolescente complexo separar quando pode responder como alguém que pode dizer de si e quando ele deve se calar. Não confiamos no adolescente, talvez porque como adultos reconhecemos que fomos falhos na educação de nossos filhos. Se antes tínhamos jovens mais conscientes de suas posições e de suas escolhas, tínhamos também adultos mais estáveis, que não se permitiam vacilar.

Os adultos tendem a tentar se realizar através dos adolescentes, contudo, tendem a se realizar também nos seus sonhos de rebeldia, de liberdade, de irresponsabilidade. Aquilo que não conseguiram viver na sua própria adolescência. Por serem adultos, acreditam que a adolescência é o momento da liberdade, já que a contrapartida da responsabilidade com sustento familiar, com cuidados paternos ou maternos, com o trabalho não é exigida.

Nossa sensação, como adulto, é que a adolescência é o momento das experiências e dos prazeres, e, se por um lado não existem obrigações e deveres que desfaça a fantasia do “tudo pode”, por outro lado, a adolescência não é tão limitante quanto à infância, como adolescente há mais coisas que se pode fazer do que quando se é criança, como não ser tão vigiado ou poder sair com os colegas para shoppings e baladas sem que se precise de um adulto controlador, então acreditamos que realmente a adolescência seria o melhor momento da vida.

É interessante como a proteção e o controle caminham juntos nas sensações do adolescente. Ao mesmo tempo, que acredita que perdeu a proteção que tinha na infância, também acredita que o controle diminuiu. Bem como, sabe reconhecer que quando era criança não tinha tantas liberdades como na adolescência. Esta mudança de *status* psicológico e comportamental traz tantas sensações conflituosas quanto à percepção do adulto sobre a adolescência e a infância.

Tudo isto nos leva a acreditar que quando vivemos um momento presente sempre temos a sensação que o momento anterior era melhor, mais fácil de lidar, mais leve. Esta sensação tem uma explicação simples, pois tudo o que realmente já vivemos se torna mais leve, visto que, ao passar por um determinado momento, ele se torna um aprendizado. Por outro lado, a maior

parte das lembranças não carrega o mesmo peso do momento em que foram vividas. Por isso, toda vez que recordamos um momento anterior da vida, achamos que era mais fácil, mais feliz, mais leve.

Para o adolescente, a família se apresenta confusa quanto ao saber em relação a ele. O saber familiar é imaginário e ilusório constituído do senso comum que não responde à demanda do adolescente. Sendo realmente na relação familiar que o adolescente inicialmente se constituiu, o fato de a família não poder responder de forma adequada a sua demanda, um sentimento de angústia e desconhecimento começa a aparecer. Como vemos no excerto do sujeito 24, onde a adolescente nos diz “às vezes na adolescência é aborrecido os nossos pais não nos compreendem e isso torna-se irritante”, o que nos mostra a desilusão de reconhecer que os pais não são tão ‘sabidos’ assim. Ou seja, é o reconhecimento de que os pais são falhos.

Ou ainda, no excerto do sujeito 25, onde temos:

“tenho 18 anos e sou estudante no curso de psicologia da UFPE. Ainda me considero adolescente, não por minha idade, mas sim pela forma como sou tratada pelos meus pais e por todas as coisas que tenho que falar e fazer para defender minhas ideias a respeito de como criar bem os filhos. Meus pais são do tipo autoritários e rigorosos, minha mãe principalmente, ela tem uma forma de educar que eu julgo como rústica e antiquada (pois ela se opõe a tudo que se diz moderno e liberal), tanto quanto sua forma de pensar, se preocupando bastante com a opinião alheia a respeito. Ela se acha uma mãe perfeita, se alguma coisa está errada a culpa é de suas filhas que não respeitam suas ordens”,

Vemos, então, mais uma vez, que há a percepção da falha materna/paterna, falha esta que institui no sujeito (adolescente) a possibilidade de se desprender e buscar autonomia. É o momento em que a figura imaginária dos pais como deuses – que tudo sabem, que tudo vêem – cai por terra, dando espaço a uma ação simbólica (de valores, de ética, de ser) mais proeminente (ainda que o simbólico já venha funcionando desde a primeira infância) dos pais como lei. Ela nos mostra que, mesmo tendo seus 18 anos (legalmente maior de idade), se inscreve na adolescência pelo tratamento recebido de seus pais. Dessa forma, percebemos que os processos de objetivação e

subjetivação participam da construção da adolescente, que passa pelo processo de tentar separar-se das amarras familiares para constituir-se sujeito. Indica as dificuldades do enfrentamento diante da autoridade materna, que vive a ilusão da perfeição. A mãe acredita-se perfeita e leva essa crença à consequência de quase anulação da filha enquanto sujeito, pois se ela é quem detém o saber, nenhum outro o tem. A adolescente está mais objetivada pelo discurso da autoridade materna, mas desejando se subjetivar, se rebelar, porém, sem saber como fazer. Por isso, pede ajuda a um pesquisador que teria, ao seu ver, o saber para isso.

Obviamente, o adolescente não procura na família alguém que diga por ele, que diga em seu lugar, mas busca alguma forma de “chão”, um lugar onde possa colocar suas aflições e conflitos sem ser considerado imaturo e confuso.

A família é ainda considerada base e estrutura, donde o adolescente se afasta e retorna, ainda que somente discursivamente.

Partiremos, agora, para a terceira parte deste trabalho que apresenta a construção metodológica e das análises do corpus, embasados nas teorias, reflexões e discussões apresentados até o momento.

PARTE III

METODOLOGIA E ANÁLISE

5 – A construção do corpus

A coleta e construção do corpus dessa pesquisa passam por algumas fases, contudo, primeiro é importante expor a justificativa frente ao sujeito escolhido: o adolescente. Este sujeito da pesquisa é preferido por sua implicação na sociedade atual. Para além de tratar de uma questão de tempo, determinado, por um período da vida, queremos evidenciar que o atributo constituído como adolescência/adolescente, indica uma implicação subjetiva e emerge em função de possibilidades discursivas. Portanto, não tratamos aqui de um estudo sobre um período delimitado da vida do sujeito, e sim de um sujeito específico que só pode ser visto como tendo subjetivação e inserção social próprios, no momento contemporâneo.

Para nos valermos do sigilo da pesquisa com relação ao material (os dizeres dos adolescentes), não iremos apresentar todos os dizeres levantados em anexos, apenas aqueles que estão sendo analisados, dentro do próprio trabalho.

Precisávamos, então, de sujeitos reais para o desenvolvimento da pesquisa e passamos a estudar as possibilidades de aproximação com estes sujeitos. A coleta de dados se subdividiu em três momentos, sendo eles, telefonemas, entrevistas e escrita (via e-mail e captação virtual).

1º Telefonemas: Foi disponibilizado um número de telefone específico para a pesquisa, através da contratação de uma empresa que dispunha deste tipo de serviço. Este foi o primeiro passo que se seguiu da divulgação. Confeccionamos, então, um folheto que informava o telefone e solicitava a participação dos interessados. Foram distribuídos cerca de 2000 folhetos, em escolas, onde a pesquisadora tinha acesso à coordenação, por conhecimento pessoal ou próximo às escolas, como em padarias, bancas e lanchonetes. Também foram realizadas algumas distribuições em igrejas, onde a pesquisadora conhecia participantes de grupos de jovens e nas ruas. A distribuição era realizada durante o dia, contando com a ajuda de pessoas próximas – colegas, primos, filhos – que levavam os folhetos para seus conhecidos.

Aqueles que ligavam ouviam de uma secretária eletrônica a mensagem de que se tratava de uma pesquisa e estavam livres para falarem o que quisessem. A cada ligação recebida por esta secretária eletrônica, o sistema (adquirido por uma empresa especializada) enviava os dados, com a mensagem gravada para meu e-mail, portanto, todos os registros destas ligações foram salvos no meu e-mail particular.

Recebemos 68 ligações, sendo que em 19 havia algum tipo de depoimento que, de alguma forma, marcavam a subjetividade daquele que se colocava. Nas outras 48 ligações, é possível perceber que há um movimento de querer falar, contudo, o silêncio é evidente. É importante ressaltar que o número do telefone era específico para a pesquisa e se tratava de uma secretária eletrônica, portanto, não havendo nenhum tipo de conversa, devolutiva ou intervenção.

Não achamos que a adesão a esta forma de coleta seria suficiente para estabelecermos um corpus significativo para dar conta da pesquisa. Por isso, buscamos outras formas para coletar os dizeres dos adolescentes, ainda pensando em dizeres espontâneos, ou seja, sem um direcionamento focado, mas com liberdade de ser dito aquilo que fazia sentido para aquele sujeito naquele momento.

2º E-mails recebidos e captação virtual: Neste segundo momento, em consequência da pouca quantidade de depoimentos falados ao telefone, procuramos outra forma de fazer a captação, que seja a escrita. Confeccionamos um novo folheto e distribuimos mais 2.000 folhetos com o pedido aos adolescentes para enviarem e-mail (projetovozadolescente@hotmail.com) com declarações sobre a adolescência. Recebemos 18 e-mails com depoimentos sobre a adolescência, os problemas particulares e os problemas com seus pais, entre outros.

Achamos que ainda era pouco para se tentar construir qualquer conceito ou questão sobre a adolescência, então buscamos nas redes de relacionamento, principalmente facebook e blogs, onde o acesso é livre para compormos mais dizeres sobre ser adolescente. Conseguimos encontrar 37 exposições sobre o tema. Nossa preocupação, neste momento, foi de incluir neste trabalho somente escritos onde o foco fosse à adolescência como um “estado de ser”, ou seja, não queríamos pegar nada que fosse científico ou

filosoficamente já constituído. Não buscávamos discursos prontos, ainda que estes discursos estivessem atravessados nos discursos dos adolescentes.

3º Entrevistas: As entrevistas entraram como último recurso, por não ser tão espontânea como gostaríamos. Apesar de o entrevistador ter sido instruído a não abordar temas específicos, o gravador na mão, por si só, já inibia o entrevistado.

O entrevistador, na verdade, a entrevistadora foi uma psicopedagoga, que possui empatia suficiente para aproximar-se dos adolescentes. Por já possuir experiência profissional com crianças e adolescentes, acreditamos que poderia “puxar conversa” sem parecer um avaliador ou um doutrinador.

As entrevistas foram feitas, principalmente, no terminal de ônibus e metrô Santana (zona Norte de São Paulo), por ser este um local de trânsito de diversos alunos de escolas próximas e distantes. A pesquisadora abordava os adolescentes, dizendo que estava fazendo uma pesquisa sobre “ser adolescente”, apresentava o gravador e pedia para que eles falassem o que quisessem. Em alguns momentos, quando as entrevistas “empacavam” sugeria com palavras únicas um apontamento, como: e a escola? E a família? Mas não formamos um conjunto de perguntas.

Obviamente, nossa intenção não era sugerir temas, mas percebemos que estes apontamentos não interferiram negativamente na pesquisa, pois, ainda assim, aqueles que se propuseram a falar, deslanchavam em seus dizeres. Foram abordados quase 100 adolescentes, sendo que cerca de 90% responderam à pesquisa de forma qualitativa, ou seja, onde seus dizeres podem ser analisados e podem participar desta ou de outras pesquisas.

Percebemos que quando estão em grupos se abrem mais, o que nos leva a pensar que o grupo, enquanto participante da constituição identificatória, realmente, tem a função de proteção, de dar segurança ao sujeito. De modo geral, percebemos que a adesão das meninas para participação é muito maior que dos meninos.

Apresentaremos agora algumas análises de excertos que corroboram com nossa indicação de que a adolescência é uma posição subjetiva.

6 – Análises

Apresentaremos, agora, as análises dos dizeres do nosso *corpus*. Estas análises estão sustentadas nas teorias e discussões discursivas, psicanalíticas e foucaultianas, apresentadas anteriormente. Analisaremos fundamentalmente via análise do discurso, contudo, daremos enfoque à psicanálise como forma de sustentação de certos posicionamentos, visto que não é possível um esvaziamento subjetivo total da pesquisadora.

Ainda que a pesquisadora esteja atravessada pela psicanálise, nossa tentativa será sempre levantar os sentidos e as verdades possíveis de cada sujeito analisado, nos atendo ao fato de que cada discurso tem sua própria história, mas que faz interlocução com o contexto social vivente.

Portanto, temos que nos ater ao contexto macroestrutural em que estes dizeres acontecem, ou seja, analisaremos a partir da visão contemporânea e do adolescente/adolescência apresentadas no segundo momento da pesquisa. Em consonância com as teorias escolhidas, do discurso e da psicanálise, principalmente, a análise se desenvolverá no âmbito das singularidades. Ou seja, apresentaremos os excertos de alguns sujeitos escolhidos dentre o corpus levantado e analisaremos individualmente para, no final, levantarmos as regularidades e dissonâncias discursivas.

É importante ressaltar que nosso corpus se constitui em maior parte de meninas, evidenciando a necessidade e disponibilidade de falar de si. Mesmo dentre os excertos coletados na internet, pelas redes sociais, percebemos que as meninas se propõem muito mais a fazer colocações sobre si e sobre o mundo. Contudo, tentamos trazer para as análises dizeres de meninos também. Apresentaremos no anexo I uma pequena amostra estatística a respeito da diferença de quantidade dos dizeres de meninas e meninos. Para fazer essa diferenciação, apontaremos com a palavra menino entre parênteses quando os excertos se tratarem de meninos, portanto aqueles que não tiverem esse apontamento são dizeres de meninas.

Tentaremos apresentar os dizeres agrupados em consonâncias e similaridades, pelo menos parcialmente. É claro que não estamos desconsiderando as dissonâncias, que serão expressas nas análises, já que

estas são realizadas especificando cada excerto. De certo, essas regularidades apontam as alteridades de subjetivação do adolescente na contemporaneidade e representam a trajetória teórica apresentada na pesquisa.

Pelas consonâncias e similaridades, abordaremos primeiro as questões da aparência, levando em conta que na sociedade do espetáculo esta é característica fundamental para existir e ser aceito. Em seguida, apontaremos dizeres que falam da sua relação familiar, evidenciando a mãe. No terceiro momento, a relação do adolescente com o representante máximo do mundo contemporâneo, que é a internet, mostrando as possibilidades de relação com esta alteridade. A próxima regularidade situa-se sobre a sexualidade e as questões amorosas que mostram principalmente as dúvidas e os conflitos dos adolescentes. Em seguida, apresentaremos questões de bullying que se manifestam no enredo da amizade, ou seja, apontam uma espécie de dissimulação de amizade, onde a 'brincadeira' extrapola a consideração com o outro enquanto sujeito. Por último, apontaremos a relação do adolescente com o estudo, através de um único dizer bastante relevante.

a) O adolescente e sua relação com o corpo

Os adolescentes, cujos excertos e análises apresentamos a seguir, mostram algum tipo de conflito ou incômodo com relação à sua aparência, principalmente nos opostos magreza/ obesidade. Mostram o quanto a ditadura da beleza subjetiva os sujeitos contemporâneos, especialmente na construção de sua própria imagem.

Apresentaremos, então, o excerto (sujeito 26) de uma garota, coletado a partir dos telefonemas.

S26¹⁴ - Ah, eu queria, sabe, ser mais bonita, por um garoto que eu gosto lá da minha escola, é o D, é... só que tem um problema, ele é namorado da minha melhor amiga e não gosta muito assim de mim, entendeu, a gente não tem muita intimidade. Ah e eu queria saber como ficar bonita pra ele, entendeu... ah tá brigada.

¹⁴ S refere-se a sujeito.

Neste depoimento, tomarei dois pontos que acredito serem importantes e que refletem os conceitos teóricos da pesquisa. Primeiro, a questão do ser “bonita”, que pode apontar a necessidade de inserção no discurso de beleza que permeia nossa sociedade.

O que é ser bonita? Dentre os discursos que se apresentam hoje, a beleza tem condições específicas para existir. Não sabemos claro, como é fisicamente a depoente, porém, sabemos que ela acha que não se insere no discurso de beleza atual.

A beleza, na sociedade contemporânea, é porta de acesso aos prazeres da vida e à felicidade. Contudo, não podemos esquecer que a imagem refletida no espelho é influenciada pelos elementos internos do sujeito, ou seja, aquilo que ele vê tem relação com o que sente e pensa de si mesmo.

Neste sentido, aponto outro conceito que acredito ser importante, que é a identificação. Esta, enquanto constitutiva do sujeito, diz das representações internalizadas que o sujeito tem sobre si mesmo, que sempre tem relação como outro, já que não nos constituímos sozinhos, tampouco, a identificação é em si mesmo fator fixo, portanto, somos o conjunto das identificações que fizeram parte de nossa vida desde o nascimento. Dessa forma, podemos pensar que o seu processo de subjetivação está atrelado ao discurso de beleza que o mundo contemporâneo oferece, ao mesmo tempo que, há objetivação no momento em que ficar bonita se remete ao olhar de alguém específico.

Outro ponto que indico é o fato da menina estar apaixonada pelo “namorado da melhor amiga”, que indica a confusão entre ser eu e ser o outro, cuja relação também pode ser encontrada no conceito de identificação, caso ela acredite que a amiga seja mais bonita, como se ela quisesse ser a amiga. Não é somente a questão de estar no lugar do outro, mas de ser o outro, tomando para si todos seus atributos.

Ainda, temos a condição do discurso do ter, que não está somente na relação de consumo por objetos compráveis, mas de todo o tipo de objeto do qual o sujeito pode ter posse. Neste contexto, entram em jogo as pessoas, o *status* e o poder.

A crença de que tudo é possível aponta nas entrelinhas a questão do ganhar e perder, que se caracteriza pelo fato de que se um pode tudo, haverá um outro com falta. Ainda que não se perceba claramente que o objeto do

outro ao lhe ser retirado o fará falta, esta é uma condição implícita, ou seja, se eu quero ter, retiro do outro e o outro fica sem, fica na falta.

Também podemos observar a anulação do outro, que é marca da sociedade contemporânea, que estimula a individualidade. Neste depoimento, a garota insiste em querer ser *bonita pra ele*, desconsiderando assim, o sentimento da amiga pelo garoto. O importante para a depoente é satisfazer a sua vontade, independentemente do que a outra irá sentir, ao mesmo tempo, é objeto do olhar do outro, pois é em função do menino que se estabelece esse desejo subjetivo.

Percebemos que a busca pela felicidade, pelo dinheiro, pelo poder e pela satisfação completa é uma busca individualizada, já que trata o sujeito como força motriz de sua própria vontade. Imperativos atuais como: “seja feliz”, “você pode, você consegue”; “não deixe para depois, o que pode ter agora”, são formas discursivas que invadem o sujeito contemporâneo e o remete à máxima da individualidade.

A sociedade contemporânea traz certa dificuldade de enxergar o outro como sujeito de direitos e vontades. Apesar das identificações serem constituintes dos sujeitos, colocando-os em relação com o outro, há um movimento inconsciente de desqualificar o outro para se sobressair. Neste depoimento, por exemplo, a garota quer ser mais bonita em função de tentar conquistar o namorado da amiga. Este *mais* está em comparação à amiga, que a depoente deve considerar bonita.

Por outro lado, a necessidade em ser bonita para mostrar-se ao menino é característica do mundo contemporâneo definido por Debord (2003) como sociedade do espetáculo, que institui a modalidade “aparecer” como atributo fundamental para a existência humana. É nítido que a depoente precisa mostrar-se de alguma outra forma para se destacar e assumir um papel especial na sociedade.

O excerto (sujeito 27), a seguir, trata-se de uma menina e foi recebido por telefone.

S27 - Oi, é... eu não quero me identificar, mas quero muito me abrir, tá acontecendo comigo, é, coisas muito difíceis, é, pelo fato de eu ter só 13 anos, eu acho que é muito peso pra mim... eu tô sofrendo muito, é, ..., meu ..., é... eu me sinto gorda, de verdade, sinto que os meninos não

olham pra mim por causa do meu peso, mas todo mundo fala que eu tenho peso normal e..., eu tenho o peso ideal para minha altura, eu tenho 1.54 e peso... 45 kilos... e eu não aguento mais o julgamento das pessoas, é muito triste pra mim... eu tô...

Quando S27 fala que há “coisas muito difíceis”, podemos interpretar o quanto há de sofrimento para esta menina de 13 anos, que não está encontrando lugares ou formas adequadas para descarregar o represamento de sua angústia. Logo em seguida, fala “é muito peso pra mim”, ainda demonstrando que a carga que carrega está se tornando insuportável, mas que se segue de um outro sentido para a mesma palavra, “peso”, significando o estado físico-corporal. Uma mesma palavra, em sentidos diferentes, mas que organizam a angústia deste sujeito.

Em seguida, diz de duas percepções, que é sua e não pode ser objetivada como concreta, mas que, enquanto sujeito, este faz as interpretações sobre as coisas a sua volta a partir de seu próprio estado (psíquico/emocional): “sinto que os meninos não olham pra mim por causa do meu peso”, e mais adiante diz: “o julgamento das pessoas”.

Ainda com a frase: “sinto que os meninos não olham pra mim por causa do meu peso”, vemos, mais uma vez, a apresentação da necessidade de ser olhada (e até desejada), inserida no discurso de beleza da sociedade atual, imersa na sociedade do espetáculo, onde é necessário ser visto.

Obviamente, pelo peso apresentado pela adolescente não seria possível considerá-la gorda, contudo, é assim que se vê pelo espelho/ olhar dos outros. É como se o que sente retorna para si pelo olhar do outro, dando a ela o entendimento de que ela é realmente gorda. Essa é a característica do transtorno dismórfico corporal ou síndrome da distorção da imagem, onde a pessoa se vê com um corpo que não é real.

Essa adolescente nos mostra que passa por um processo onde o olhar do outro é fundamental para sua subjetivação, além é claro de responder à necessidade de ser aceita.

Parece que pelo fato de não ser 'paquerada', ela constrói uma explicação para si mesma, de acordo com as formações discursivas em que está inserida, onde entende que magreza é sinônimo de beleza.

Além disso, apresenta o mecanismo de defesa, conceituado pela psicanálise freudiana, conhecido como projeção, que acontece quando o sujeito desloca para um outro sujeito sentimentos, pensamentos, desejos ou comportamentos que são seus e, muitas vezes, ela não percebe que os têm. Ela diz que não aguenta ser 'julgada' pelos outros, mas na realidade o julgamento vem dela mesma.

O próximo excerto (sujeito 28) trata-se de um menino e foi recebido por telefone.

S28 (menino) - Éééé sabe, a minha vida é muito difícil, eu tenho uma mãe que é esquizofrênica e o pai é caminhoneiro e ele sempre viaja. Na escola, é... é tudo muito difícil, eu tô atrasado nas matérias e tenho poucos amigos, é... não sou bom com, se relacionar com as pessoas, é... no meu sonho eu queria ser veterinário, mas, tem gente que fala que eu nunca vou conseguir isso e fica sempre falando coisa ruim de mim. É, eu não falo com meu irmão porque ele também não é muito normal, ele é igual a minha mãe. E eu tenho a autoestima muito baixa, me acho gordo e tudo, já tentei fazer várias coisas, parei de comer, é... comecei tomar remédio e... e é isso.

Assim como no excerto acima (S27), esse adolescente diz de seu conflito com sua aparência, principalmente no que diz respeito ao peso. Podemos entender que o excerto S28 apresenta os conceitos de objetivação e subjetivação, que são termos foucaultianos que funcionam para explicar os modos como o sujeito se torna sujeito. Há objetivação quando se observa enquanto o objeto-filho de uma esquizofrênica e de um caminhoneiro. Então, ao dizer de si, se diz como o fruto de uma relação, ou seja, se enxerga primeiramente objetivado. Nesse sentido, podemos refletir sobre as condições dadas a esse menino para a construção de uma subjetividade que sustente os contornos de sua existência, que ele mesmo diz que é muito difícil: 'é tudo muito difícil'.

Aparentemente, se apresenta retraído, pois se diz atrasado nas matérias, diz que tem poucos amigos, que não é bom em se relacionar, que as pessoas falam coisas ruins e que sua autoestima é baixa. Assim, ele diz de seu desconforto frente à sociedade do espetáculo, que impõe ao sujeito a beleza corporal como representação de si e pelo viés que essa mesma sociedade

oferece, tenta encontrar a forma de ser aceito, a forma de constituir-se subjetivamente no seu contexto existencial que para ele é muito difícil.

Observamos, então, que sua subjetivação aparece quando diz de si como alguém introspectivo, sem amigos e gordo. Por outro lado, mostra o quanto uma família desestruturada pode produzir efeitos negativos na estima e autoestima do sujeito.

Tal como o excerto S27, este adolescente fala de sua aparência como algo que o incomoda. Dentro dos discursos aos quais está inserido, se diz gordo, pois provavelmente se reconhece fora dos padrões estabelecidos pela sociedade do espetáculo.

A ligação entre se ver gordo, se ver como alguém fora dos padrões e o não ser olhado na relação materna/ paterna é emergente. Da forma como diz de seus pais, ele não é visto em casa, 'passa despercebido'. Não há relação do olhar entre ele e os pais, nem entre ele e o irmão.

Há também um apagamento desse sujeito, quando não recebe o olhar de outras pessoas, pois diz que existem pessoas que dizem que ele não vai conseguir ser veterinário. O olhar, de acordo com a psicanálise, está além do olho, pois tem a ver com o reconhecimento. Quando esse adolescente é desacreditado, é também anulado enquanto sujeito, enquanto um ser com possibilidades, como se seu processo de subjetivação fosse barrado.

Com relação à obesidade, apontamos, ainda, o excerto (sujeito 28), de uma menina e que foi colhido por entrevista.

S29 - Eu tenho medo de ficar gorda.

Essa adolescente, acompanhando os excertos de S27 e S28, apresenta uma preocupação bastante pontual com a aparência, diretamente relacionada ao peso. Em uma única frase revela parte de sua construção subjetiva, e por ter sido expressada, podemos inferir que lhe é fundamental. O medo que se instaura na problemática do espetáculo, diz de uma sociedade que caminha objetivada em padrões de beleza que nem sempre são atingíveis a todos. Não sabemos de onde vem ou como ela constrói essa possibilidade de 'ficar gorda', se é familiar, se ela já é gordinha, o certo é que esse medo a atravessa de forma tão intensa que foi posto em uma frase como uma constituição subjetiva, pois a entrevista se tratava do que 'é ser adolescente'.

Observamos, então, que o adolescente se insere no discurso contemporâneo, onde a aparência, no sentido do ver e ser visto, se torna inevitável para sua construção subjetiva.

b) O adolescente e a mãe

Exibiremos, agora, um outro ponto similar que os adolescentes expressaram em seus dizeres como fator crucial em sua constituição, que é sua relação com a família. Manifestam seus conflitos familiares, sobretudo na incompreensão dos pais, na rigidez em certos momentos, e mais especificamente apontam controvérsias na relação com a mãe, que mostrou ter papel fundamental.

Apresentamos, então, o excerto (sujeito 30), que foi extraído dos telefonemas recebidos, dito por uma menina.

S30 - Olá me chamo X, eu tenho 12 anos, eu... na verdade eu não tenho medo de muitas coisas, eu não sou uma menina medrosa. E essa amiga ela é legal comigo e (fala muito baixo) eu preciso de auxílio, não quero cometer os mesmos erros, eu... ser adolescente eu acho complicado, na escola é, é namoro, é amigos, é família, tanta coisa junto, nossa cabeça é confusa, minha cabeça tá confusa com tantas coisas, e tô... dificuldades comigo mesmo, eu cometi um erro, tive um relacionamento escondido da minha mãe e... e... e ela descobriu, eu fiz muita besteira... ela tá com raiva de mim e eu não sei o que fazer.

Neste depoimento, a adolescente inicia com uma negação, pois diz: *na verdade não tenho medo de muitas coisas e eu não sou uma menina medrosa*, o que nos faz pensar, pela psicanálise, que seu contrário é que se aplica, tal como o mecanismo de defesa chamado “negação”.

Logo em seguida diz: “e essa amiga”, usando a conjunção aditiva “e” como se já estivesse falando a respeito da amiga ou de amizade. Isto nos faz pensar que esta figura (amiga) já estava em sua mente quando iniciou o depoimento, indicando o acontecimento de um “ato falho”. O surgimento deste ato falho evidencia uma possível relação entre a amiga e o medo, mas só poderíamos ter certeza se no seu discurso isto aparecesse outras vezes.

No enunciado: *Eu preciso de auxílio, não quero cometer os mesmos erros*, a adolescente evidencia que já cometeu erros ou pessoas próximas cometeram erros que não devem ser repetidos por ela, indicando, assim, que há certa angústia frente a possíveis erros. Portanto, esta sentença demonstra certa contradição com o fato de achar que não tem medo, pois relaciona os “erros”, reais ou não, com a angústia. Ela pede auxílio, indicando que não consegue estabelecer sozinha, quais atitudes são convenientes, ao mesmo tempo, que indica dificuldade em lidar com suas questões. Também podemos entender que, ao pedir auxílio para o pesquisador, ela não está encontrando isto nas pessoas próximas.

Quando diz: *ser adolescente eu acho complicado, na escola é, é namoro, é amigos, é família, tanta coisa junto, nossa cabeça é confusa, minha cabeça tá confusa com tantas coisas*, demonstra a dificuldade de se posicionar, parecendo que as identificações não se estabeleceram, pois acredita que está tudo confuso na sua vida. Ela liga inicialmente a adolescência à palavra “complicada”, indicando que, ainda não há clareza sobre esta posição. Também apresenta a escola como lugar onde as relações sociais acontecem, pois em seguida à palavra “escola” têm “namoro” e “amigos”. Por outro lado, ela generaliza os conflitos existenciais quando diz “nossa”, jogando para todos os adolescentes seus conflitos e mostrando sua construção identificatória, e logo em seguida, ela diz “minha”, que de certa forma nos remete a uma singularidade. A família aparece posteriormente, o que nos faz acreditar que as relações que vive na escola têm um papel mais importante, contudo, não desconsidera a família.

Apesar de falar que não tem “medo de muitas coisas”, mostra sua angústia no medo da mãe ter raiva dela pela “besteira” que fez. Ela revela o erro que cometeu e porque tem necessidade de ajuda.

Ao contrário do que havia mostrado no início, em que a escola vinha em primeiro lugar, mostra ao final a importância da mãe na sua vida. Esta mãe, que se torna “monstruosa” por sua raiva, toma a dimensão de ser essencial. Ser reconhecido, ser amado, ser aceito são fatores fundamentais para a constituição do sujeito e esta adolescente mostra que a mãe exerce esta função. O fato de ela entender que a mãe está com “raiva” denuncia o quão importante seria esta mãe estar ao lado, aceitá-la mesmo cometendo erros.

Ainda podemos apontar que a depoente faz uma transgressão ao ter um relacionamento escondido e isto pode ser entendido como a necessidade de transpor certas barreiras para conhecer seus próprios limites. Não podemos definir se ela cometeu muitas besteiras ou se o erro que cometeu é tão expressivo que parece muitos.

Um ponto que acredito ser importante, demonstrado nesta fala, é o conhecimento das “coisas erradas”, que nos faz refletir sobre a possibilidade do adolescente responder por seus atos. Ela demonstra claramente que reconhece um erro cometido, portanto, não pode ser classificada como alguém que não tem consciência do que faz.

O excerto a seguir (sujeito 31) se trata de um menino e foi colhido na internet, através das redes sociais. É importante ressaltar que não se trata de uma parte de discurso, portanto, não há um contexto anterior. O excerto está exatamente como colocado na internet.

S31 (menino) - Não importa quantos anos eu tenha, sempre quando eu for no médico quem vai falar o que eu to sentindo é a minha mãe.

Este discurso curto é extremamente incisivo, pois toca na questão do assujeitamento e da subjetivação. O adolescente, neste momento, questiona a sua posição e a posição do outro. Não sabemos a idade deste sujeito, mas podemos pensar que se trata de alguém que quer dar um basta nesta fala materna de propriedade e sapiência do filho, que é importante nos processos de objetivação. É como se ele não tivesse encontrado uma posição ou uma forma para emergir enquanto sujeito, quando a mãe se põe a falar por ele. Mas há sim uma emergência do sujeito, pois ele percebe que não se trata de si mesmo, diante do médico, mas de um dele mesmo, negando-lhe o direito a falar, que neste sentido é muito mais do que um falar, é se posicionar subjetivamente “eu existo e estou aqui”. É importante colocarmos que este adolescente, ao postar esse dizer em rede social, se dirige a alguém, a um interlocutor, que não tem rosto, mas que tem relevância enquanto ‘olhar’ constitutivo. Toda fala é dirigida a alguém (ao Outro), cujo corpo pode não existir como realidade objetiva, mas que é real para o sujeito.

A seguir, expomos o excerto (sujeito 32), recebido por e-mail e que se trata de uma menina.

S32 - Bom dia, acabo de ver um debate no programa de tv "Hoje em dia" e resolvi mandar este e-mail, para a Doutora me ajudar a entender minha mãe e ver minha situação, porque deve existir muitos jovens no mundo que se encontra na mesma situação que a minha. Meu nome é XXXX e tenho 21 anos, sou filha adotiva e nunca tive problemas com isso, mas para você entender melhor o que eu passo, a verdade é que nunca tive uma infância que nem as crianças, não brincava com minhas amigas porque elas brincavam na rua e minha mãe nunca deixou eu brincar com elas na rua e na minha casa ninguém vinha, porque na rua era mais divertido. Nunca fui num show, sempre tive essa vontade, mas minha mãe me proíbe de ir, na verdade ela não deixa eu nem ir na esquina comprar pão. Não posso sair para lugar nenhum sozinha, não posso ir no shopping e nem no cinema... só posso sair acompanhada de um adulto, o que é errado, pois, já tenho 22 anos e sou adulta. Tenho uma melhor amiga e só posso sair com ela, então quando vou no shopping e no cinema, sou obrigada a ter que ir com ela, porque diz minha mãe que ela vai me proteger e minha amiga tem 16 anos, é menor de idade e é ela que tem que me proteger? Eu já tenho idade para me proteger sozinha. Nunca namorei e ainda sou virgem, isso porque não saiu para festas nenhuma para conhecer rapazes legais, porque minha mãe nunca deixa. Minha amiga só pode ir em shows se a mãe dela deixar e sempre deixa, mas se a tia dela for junto (a tia dela é super liberal) mas sempre acontece alguma coisa e acabo não indo no show e nem ela. Queria saber porque minha mãe faz isso comigo? Ela tá acabando com minha vida!

Uma das coisas que chama a atenção neste e-mail é o fato da adolescente se posicionar como adolescente, mas confundir sua própria idade, pois em um primeiro momento ela diz ter 21 anos e depois diz ter 22 anos. Contudo, o que nos interessa é que ela se considera adolescente, ou seja, se inscreve nessa posição subjetiva pelo contexto em que se encontra pessoal, emocional e socialmente. Confirmando nossa premissa de que não é cronologicamente que se pode referir à adolescência.

Essa adolescente não consegue emergir sua subjetividade, dando a si mesma o contorno de sua existência, através do distanciamento do discurso materno. Sabemos que é necessário se desligar, fazer um corte com o Outro

materno, para que o Outro (de si mesmo) apresente-se. Ela ainda responde ao desejo materno, de forma perceptível e dolorida, ou seja, ela se encontra ainda em processo de objetivação, de modo que é objeto da mãe que a manipula. Mas há a emergência da subjetivação, a partir do momento que esta posição-objeto a incomoda, há uma subjetividade que sendo formada quer aparecer, que dizer que existe.

O sujeito, mesmo imerso nos processos de objetivação, sente, em certos momentos, que a aparição da subjetividade lhe é inerente, pois é algo que movimenta, que incomoda, que pulsa, que busca outros caminhos, que interroga. Essa adolescente está sendo interrogada por seu 'si mesmo'. O que antes era aceito de forma natural e tranquila passa a ser considerado sem propósito, sem sentido para a vida do sujeito.

O próximo excerto (sujeito 33), refere-se a uma menina e foi coletado durante as entrevistas.

S33 – *Minha mãe me obriga a estudar. Bem rígida. Pr'eu ser alguém na vida, assim.*

Essa adolescente faz bem a separação do discurso do outro e do discurso de si, mostrando assim seu processo de subjetivação carregado de objetivação, pois a mãe a obriga a estudar para 'ser alguém na vida', ou seja, há um atrelamento fundamental que vem da mãe (discurso do outro) entre ser alguém na vida e o estudo. Mas podemos tentar refletir sobre o peso que existe nessa frase 'ser alguém na vida', onde seu contraponto seria 'ser ninguém'.

Se podemos considerar os processos de subjetivação, como fatores importantes na constituição do sujeito, então o fato de ter diante de si a escolha entre 'ser alguém' e 'ser ninguém' traduz a dimensão da dificuldade do sujeito de se desvencilhar daquilo que está atrelado às possibilidades de existir (ser alguém), nesse caso, o estudo.

Por outro lado, a fala materna é sempre uma fala decisiva, pois é a fala do Outro, que constitui o sujeito. Então, para essa adolescente se ela não estudar, não lhe restará outra opção, a não ser 'ser ninguém'.

c) O adolescente e a internet

Apontaremos, agora, excertos que indicam a posição do adolescente na sociedade tecnológica, onde as relações virtuais são exploradas e dizem respeito a uma construção subjetiva que emerge sob olhares da internet. Com estes excertos, percebemos que o adolescente busca na internet meios de comunicação e de existência na sociedade. Vemos, pois, que há para esse sujeito a necessidade de aparecer, se fazer presente pelo campo virtual, que é considerado o lugar de relações.

A seguir apresentaremos o excerto (sujeito 34) de uma garota, coletado, também, através dos telefonemas.

S34 - Queria falar uma coisa... primeiro quero falar sobre a escola, eu gosto muito da minha escola, principalmente de um garoto chamado F e de um garoto chamado L e, principalmente, das garotas patricinhas que elas zoam muito as coisas e elas não ficam com as patricinhas metidas... eu sou uma garota sonhadora e meu maior sonho é... seria tê, sê rica, podê cantar, sei lá, mas é uma coisa muito impossível porque do jeito que é minha vida, minha vida não, a do meus pais... não dá um tempo pra fazer essas coisas de... sabe, negócios, pra tentar fazer alguma coisa pra tentar ser uma popstar (sorriso), mas eu gostaria muito... eu faço inglês e não me envolvo em nada, que nem balada, essas coisas. Eu sou caseira e eu gosto muito de Disney, assistir Disney. Eu sou caseira e eu gosto muito de Disney, assistir Disney... twittar pelo twitter, às vezes eu tenho um medo, medo não, uma incerteza e tenho meus amigos e eles me contam tudo... bom, perdão. É só isso e...

Fica evidente, neste depoimento a relação entre o “eu” e o “outro”, ou melhor, a necessidade do outro para o eu se constituir. E esta constituição passa pela materialização ou uso de verbos no presente como: *quero gosto, ficam, sou, é*. Estes verbos estão indicando mais estado que ação. Os verbos que indicam ação estão mais ligados ao outro: *elas zoam, eles me contam*; ou na relação com o outro, como, *twittar*.

Twittar é um novo verbo, fruto da sociedade contemporânea, que incluiu novas formas de relacionamentos virtuais. O twitter marca duas concepções da atualidade: a comunicação rápida e direta e a possibilidade de aparecer. Ou

seja, a internet e suas formas de comunicação e inserção no meio social, bem como a flexibilização entre estar e não estar indica a necessidade de “ser vista”, de “fazer parte”, e no twitter, ao mesmo tempo, que é possível se comunicar com várias pessoas, ou não se comunicar com ninguém.

A palavra “twitter” é um indicador de inserção na sociedade e na cultura que se faz pela linguagem. Este é um novo verbo, que não existia há algum tempo atrás. O twitter demonstra duas características fundamentais na sociedade contemporânea: o individualismo, de um lado, e o espetáculo, por outro.

A depoente parece não se inserir em nenhum grupo específico, pois quando diz: *gosto de um garoto chamado x ou y*, não diz que são seus amigos, tanto quanto quando fala das garotas. Aparentemente ela assiste o que os outros fazem como se fosse uma simples espectadora. Por outro lado, num momento seguinte irá falar da sua vontade de ser admirada, onde passaria para a posição de ser espectadora para ser o espetáculo.

Neste grande palco, que é a sociedade atual, não é possível viver somente como espectadora. Ela não pode ficar apagada, seu sonho é “brilhar”. Ser unicamente espectador parece que não é uma condição válida de existência. Aparecer tem o sentido de existir, de ser sujeito. Por outro lado, mostra o papel da escola como palco para as relações sociais, onde todo o movimento do espetáculo pode ser apresentado. Na escola se conhece pessoas, é possível ver e ser visto.

Ela mostra que não se inclui num grupo específico, parecendo faltar identificação. Na adolescência, fazer parte de um grupo é poder fazer parte da sociedade. Os grupos são escolhidos a partir do inconsciente, mas com aparente escolha consciente, através das identificações. Portanto, estar fora de algum grupo na adolescência é muito complicado, pois pela inserção no grupo é possível dizer quem se é. Participar de um ou mais grupos correlatos é característica básica de sujeição.

Mais adiante, a depoente lhe determina um lugar, pois diz que é “caseira”. Isto pode demonstrar sua dificuldade em participar de um grupo ou pode mostrar que ela ainda não encontrou um grupo para participar. É durante a adolescência que o conjunto de identificações constituídos desde a infância fica mais consolidados e determinam algumas escolhas sociais.

Quando diz: *eu sou uma garota sonhadora e meu maior sonho é... seria tê sê rica, podê cantar, sei lá, mas é uma coisa muito impossível porque do jeito que é minha vida, minha vida não, a do meus pais...* -mostra neste momento uma das características que mais prevalece entre os adolescentes atualmente, que é viver entre o sonho e a realidade, ou entre o virtual e o real, o que de certa forma faz com que se acredite que o adolescente viva entre a infância fantasiosa e as possibilidades reais da vida adulta. Demonstra descontentamento e resignação diante de sua realidade de vida. Ao mesmo tempo, se mostra inserida na sociedade contemporânea, que viabiliza o consumo (acesso e excesso de mercadorias – a possibilidade de comprar – “compro, logo, existo”) e o espetáculo (necessidade de aparecer, de se fazer presente, meios de comunicação facilitam esta pulsão – “apareço, logo, existo”).

Na frase: *não me envolvo em nada, que nem balada, essas coisas*, parece que percebe sua realidade com mais limitações que a maior parte dos adolescentes e vê com certo preconceito o “envolvimento em baladas”. Há emergência de contradições: balada, popstar, caseira. Também observamos que as palavras “medo” e “incerteza” sugerem um certo tipo de atravessamento, que indica identificações instáveis. Ao dizer essas palavras, ela também está colocando um desejo. Não se envolver nessas coisas, apontaria certa curiosidade, ao mesmo tempo, que certo preconceito, pois essas coisas, na sua visão, são erradas, ruins e não servem para ela. Contudo, poder cantar, ser rica, ser uma popstar indica vontade de se inserir num mundo desconhecido e almejado, num mundo de badalação, pois é sabido que nenhum popstar fica somente em casa. O surgimento de um popstar está na relação que ele tem com seu meio e seus fãs, portanto participar de “festas” é inevitável.

Também apresenta, claramente, sua inserção na sociedade de consumo, mesmo que este consumo não esteja objetivo, ou seja, não ocorra de fato. Há um imaginário, uma fantasia em relação ao consumo, pois ser rica é poder ter acesso aos objetos de consumo atuais. Portanto, mesmo que ela não tenha tais objetos, está atravessada pelo discurso da necessidade de “ter” para existir, para ser alguém na sociedade.

Nas frases:... *eu sou uma garota sonhadora e meu maior sonho é... seria tê sê rica, podê cantar; ser uma popstar; Eu sou caseira e eu gosto muito de Disney, assistir Disney*, revelam-se e confirmam seu lado sonhador, parece que ela vive o imaginário do “mundo encantado da Disney” – canal de TV - , que apresenta séries, onde adolescentes realizam seus sonhos de sucesso como artistas. Ela parece ser uma adolescente solitária, que tenta viver na segurança de seu mundo.

Termina seu depoimento pedindo “perdão”, o que pode indicar a dificuldade em falar ou expressar-se através de palavras o que pensa e sente, também pode estar relacionada a certa culpa que sente pelas suas próprias incertezas e provavelmente, por não conseguir corresponder exatamente àquilo que ela acredita que os outros esperam dela – ideal de ego freudiano.

O próximo excerto (sujeito 35) foi um depoimento recebido por e-mail e se trata de uma menina.

S35 - Eu gosto de ficar no face e no twitter. Passo quase a tarde toda online. Meus pais trabalham e eu fico com a empregada e meu irmão mais novo. Às vezes ajudo ele na lição de casa, mas ele faz quase tudo sozinho. Ele tem 10 anos e eu 13. Não tem mais o que fazer na minha idade. É só ficar conversando e dando risada com os vídeos e fotos. Quero ganhar um ipod no natal, espero que meu pai compre.

Essa adolescente, logo de início, apresenta-se imersa na tecnologia da informação, que hoje encontra nas redes sociais sua grande expressão. Estar nas redes sociais é poder comunicar-se, é poder estar presente, existir na sociedade contemporânea. O twitter e o facebook são representantes da sociedade do espetáculo, onde a comunicação é ampla e atemporal e onde o relacionar-se está no dualismo ver/ ser visto, característica própria da pulsão escópica.

Mostra também a nova constituição familiar da classe média, em que os pais trabalham fora e os filhos ficam sob os cuidados de uma empregada. Mais ainda, a nova constituição familiar da classe média afastou os pais do convívio dentro de casa e trouxe objetos em espécie de substituição da presença.

Sem nenhuma outra atividade, além da escola, a adolescente diz passar as tardes ‘online’, assumindo que sua companhia é virtual. Está, portanto,

interagindo com seus colegas e assim, através desse tipo de olhar, vai se constituindo subjetivamente.

Há dois pontos importantes nesta relação com a internet e as redes sociais, que se relacionam, mas são opostos: primeiro temos uma espécie de 'babá virtual', que tranquiliza os pais que trabalham fora, dando-lhes a certeza de que os filhos não estarão correndo os riscos da violência nas ruas das cidades. A internet é uma atividade que ocupa o tempo do adolescente e, quando em controle de conteúdo, assegura aos pais um lugar físico (em casa) e um lugar virtual (os pais acompanham as redes onde os filhos estão conectados). Por outro lado, a internet assusta, pois nenhum controle é total. Existem falhas e escapes possíveis para o adolescente. Ao mesmo tempo que os filhos são observados pelos pais, podem estar sendo observados também por outras pessoas, pessoas 'ruins'. A internet é uma companheira, mas pode ser uma inimiga.

d) O adolescente, a sexualidade e o amor

Traremos, em seguida, excertos que dizem das relações de amor e paixão, bem como a posição do adolescente frente às questões da sexualidade – heterossexualidade e homossexualidade. As relações com o outro ou com o mesmo sexo mostram que o adolescente busca um posicionamento para entender e definir sobre suas paixões.

Temos, então, o excerto (sujeito 36) que foi extraído dos depoimentos falados ao telefone e trata-se, também, de uma menina.

S36 - Ah! É uma experiência maravilhosa ser adolescente, assim, na escola eu fico feliz porque eu consegui passar de ano, né... Mas o menino que eu gosto, ai (choro), ele não gosta de mim (suspiro), mas vou mudar de assunto porque eu tenho o apoio da minha família (choro), ai, ai. Foi difícil eu conseguir ligar pra cá, mas é tão bom ter um projeto desse, que alguém ouça alguém. Eu parabenizo, parabenizo as pessoas que tomaram esta iniciativa (tosse, engasgo). Eu agradeço a todos, é tão bom poder falar com alguém, que você sabe que vai te ouvir, né. Obrigado... Mas ele não gosta de mim. Mas sou grata a Deus por tudo que ele faz por mim. Graças a Deus eu sou tão bem na escola. Eu tô tão bem na minha família.

Eu vou encontrar pessoas que gostam de mim. Não vai ser um menino que vai fazer sofrer tanto, ai (suspiro). Muito obrigado por vocês estarem tomando esta iniciativa, quando eu recebi o panfleto na minha escola eu fiquei tão grata. Na verdade, foi em frente da minha escola... Mas eu fiquei tão feliz com essa iniciativa... Muito obrigado gente, tchau.

A depoente apresenta logo no início a adolescência como uma “experiência”, apontando que há uma vivência real, um caráter prático, que supõe movimento. Isto nos indica que a adolescência não pode ser considerada um objeto de estudo, enquanto algo estático, sendo um lugar fixo.

Apresenta o quanto é importante o papel da família, pois vê neste núcleo uma segurança frente às dificuldades do mundo externo. Contudo, mesmo esta família tendo papel fundamental, ela nos deixa claro que há uma mudez, uma dificuldade em encontrar um interlocutor capaz de ouvi-la.

A possibilidade de falar através desta pesquisa indica sua necessidade de expressão. Provavelmente, ela reconhece lugares para falar, mas não percebe a escuta. Por isso, frisa: *é bom poder falar com alguém, que você sabe que vai te ouvir.* Saber que alguém vai ouvir estabelece uma relação que surte efeitos no sujeito, assim como a escuta psicanalítica.

Observa-se a necessidade da depoente falar com alguém, o que leva a pensar sobre o apoio que ela diz que sua família lhe oferece. Mesmo não sendo claro, parece que a depoente não contou para os pais sobre sua paixão não correspondida. O depoimento emocionado demonstra o quanto ela guarda seus sentimentos e talvez não tenha ninguém para dividir suas dores.

Ainda que acredite que a adolescência seja uma experiência maravilhosa para a vida, a depoente é contraditória ao exprimir, em seguida, a experiência da dor do amor não correspondido. Mais uma vez, nos confirmando que a adolescência é uma posição subjetiva, pois há a relação dela com ela mesma e dela com o mundo. Mais ainda há uma forma especial de “experimental” e “vivenciar” os conflitos e as adequações.

Já de início podemos questionar qual experiência maravilhosa é esta que ela está tentando dizer ou se o uso deste termo está relacionado à tentativa de se proteger da dor. De acordo com a teoria psicanalítica esta forma de conduzir-se é chamada de “formação reativa” (Freud, 1976), trata-se de um

mecanismo de defesa onde a pessoa mostra/ apresenta o contrário do que sente ou pensa.

Atravessada pela dor e pela angústia mostra sua verdade nos suspiros, choros e *ai, ai*. Contudo, a depoente não consegue dizer de seu sofrimento, tentando sempre mudar de assunto, oscilando o tempo todo entre estar feliz e infeliz.

Isto aponta para o “não saber” constitutivo do sujeito. Trazendo mais um pouco da psicanálise, a depoente não sabe o que está acontecendo com ela, desconhece os sentimentos que envolvem essa situação e não sabe lidar com eles, tanto com os sentimentos dela, como com os do garoto. Contudo, quanto mais ela tenta se afastar daquilo que a faz sofrer, isto sempre retorna – condição básica do que é inconsciente, que insiste em se fazer presente, mas sempre encoberto.

Ela diz que foi difícil ligar para o projeto, indicando sua dificuldade em falar e confirmando o desconhecimento de si, pois não consegue alcançar as palavras que possam ser ditas. Enquanto sujeitos da linguagem e tendo as palavras como um dos elementos de constituição, falar seria uma possibilidade de expressar a angústia afastando o sofrimento do corpo (é assim que acontece com a análise no divã).

No enunciado: *Graças a Deus eu sou tão bem na escola. Eu tô tão bem na minha família. Eu vou encontrar pessoas que gostam de mim*, ela parece que está à procura de uma compensação. Ao mesmo tempo, revelam-se os discursos pelos quais a depoente é atravessada: religioso, pois Deus lhe dá coisas boas, que devem ser valorizadas e o discurso do “final feliz”, que existe na cultura e nas novelas e que incidem o pensamento dos mitos de amor, como por exemplo, o da “alma gêmea”, existe a crença da realização do “conto de fada”, o que chamo, particularmente de complexo de princesa, que dentre outras coisas, em que se vive paralelamente, pela fantasia, um mundo encantado que se distancia da realidade.

Assim como a depoente S34, apresenta a escola de forma rápida e como palco para o espetáculo acontecer. Apesar de se referir ao ‘passar de ano’, que nos remete ao estudo, a importância desse lugar está na presença do menino que ela está apaixonada. Ter passado de ano ou ir bem na escola parece servir como compensação à paixão mal resolvida.

Quando diz: *Não vai ser um menino que vai fazer eu sofrer tanto, ai (suspiro)*: também percebemos a tentativa de acreditar num discurso que está completamente fora daquilo que ela sente, num misto de negação e racionalização, onde é preciso acreditar num discurso social que diz que a mulher não deve sofrer por nenhum homem.

A maior parte dos verbos, como já apresentado: *é, fico, vou, foi, conseguir, tenho, sou, fiquei*, apontam “estado”, parecendo que o sofrimento amoroso causa paralisação, como se ela não conseguisse ter nenhuma ação frente a esta dor.

Importante ressaltar que os efeitos de sentido de contradição de estado de humor, como mostramos na análise, são materializados no depoimento, ao todo, com a aparição de 5 vezes a conjunção adversativa “mas”. Estes “mas” demonstram os contrapontos dos seus pensamentos e sentimentos, fazendo emergir uma subjetividade dividida, cindida e, portanto, do ponto de vista da psicanálise, um “neurótico normal”.

Do mesmo modo, o excerto que se segue (sujeito 37), refere-se a uma menina e foi retirado dos telefonemas.

S37 - Só um pensamento eu acho. Muita gente diria que isto é uma coisa para uma pessoa da minha idade, mas assim como todos eu penso besteira. Aliás estou na fase de pensar muitas besteiras. Esses dias estava andando com uma amiga e pensei alto: “seria bom encontrar com aquele garoto no ônibus de novo” e ela disse “você sempre pensando em homens, hein moitinha”. Mas é claro que sim, o que se esperam de uma adolescente com os hormônios saindo pelas unhas, heterossexual (risos) e que já completou (contemplou?) homens perfeitos, mesmo que pela televisão. Seria incomum se eu não pensasse neles, seria incomum se eu estivesse pensando em mulheres e como seria! Falando nisso, não consigo compreender as lésbicas, por mais que eu tente. Não que eu tenha algo contra elas ou qualquer outro tipo de preferência sexual exótica: animais, crianças, pé da mesa, tem louco pra tudo. Muito pelo contrário, sou super de boa com situações dessas, desde que não atrapalhe minha vida, é claro. Mas penso em você, mulher, perdão pela compreensão, mas você vê uma todos os dias na frente do espelho (risos), você convive com ela e o trabalho que ela dá, imagine você

??????? (não foi possível entender a palavra, mas é provável que seja uma gíria) (risos) a outra que não seja a sua, isto pra mim é terrível (risos) (ela para o depoimento com risos, parecendo que iria partir para um lado mais sexualizado).

Ao ouvir o depoimento, tem-se a sensação de que a adolescente teve o cuidado de escrever seu depoimento, pois as pausas estão mais equilibradas e ela usa algumas palavras, como: “Aliás”; “Esses dias estava andando”; “Seria incomum”; “Falando nisso, não consigo compreender”, que não são recorrentes em linguagem oral, assim com os verbos: “estivesse”; “convive”; “seja”, nos fazendo crer que o depoimento não foi totalmente espontâneo. Isto nos leva a pensar que a adolescente é, de certa forma, cuidadosa ou tem receio de se mostrar abertamente como é, como se tendo este tipo de controle, dificultasse, aos outros, o entendimento do seu ser.

Demonstra que precisa esconder aquilo que realmente pensa e sente. Essa contradição entre o querer expressar e o que realmente pensa demonstra que, apesar de sua constituição, sob certos conceitos, ainda há muitas confusões, muitos questionamentos. Sua formação está acontecendo, visto que os elementos constitutivos não estão servindo de base sólida.

No enunciado: *Aliás, estou na fase de pensar besteiras* - ela se apresenta num momento em que as transgressões acontecem, principalmente, as com conotações sexuais. Também, apresenta-se inserida no discurso médico-psicológico que coloca a adolescência como uma fase e, portanto, com respostas prontas para seus comportamentos. Estar na fase de pensar besteiras indica que aceita esta explicação. Além, é claro, de situar os “hormônios” como responsáveis pelas condutas dos adolescentes. Portanto, se está numa fase, acredita que o momento de experimentar essas sensações e pensamentos é agora, pois depois passará, já que, pelas teorias científicas, a fase seguinte é a “adulta”, que teria outra forma de ser.

Pelo enunciado: *Mas é claro que sim, o que se esperam de uma adolescente com os hormônios saindo pelas unhas, heterossexual (risos) e que já completou (contemplou?) homens perfeitos, mesmo que pela televisão,* percebemos que sua sexualidade está aflorada e busca por experiências, mesmo que seja pela fantasia. Baseando-se na psicanálise, a fantasia faz tanto

efeito quanto um fato ocorrido. Por isso, esses desejos sexuais, que emergem com a eclosão dos hormônios são altamente imaginativos.

Em: *Falando nisso não consigo compreender as lésbicas*, pode-se inferir que a liberdade de expressão tão almejada pela sociedade atual mostra a faceta de sua duplicidade, um misto de não compreender as lésbicas, mas aceitar desde que não atrapalhe sua vida. Desde modo, pode-se perceber um preconceito velado, característico do discurso social.

Contudo, inicialmente no seu texto, a depoente nega o preconceito apresentado e trata com ironia as questões referentes a perversões criminosas, como a relação sexual com animais e com crianças, desconsiderando a problemática da lei.

Pelo enunciado: *Mas penso em você, mulher, perdão pela compreensão* resvala mais uma contradição, pois não há por que pedir perdão, já que ela está sendo compreensiva. Talvez tenha cometido um ato falho (da psicanálise), pois não quer compreender, na realidade, ela quer apontar uma indignação.

Ela termina o depoimento com risos, parecendo que iria partir para um lado, declaradamente, mais sexualizado. É possível também perceber a curiosidade sobre este desconhecido, já dito anteriormente que faz volume na imaginação, muito típica nas crianças que querem saber “o que os pais fazem de portas fechadas”. Neste caso, o que as “lésbicas fazem de portas fechadas”.

A seguir, apresentaremos o excerto do sujeito 38, que foi recebido por e-mail e se trata de um menino.

S38 (menino) - Sou um adolescente diferente. Tenho gostos diferentes. Não sei se me entende. Pra mim é duro, pois as pessoas zoam comigo e ficam falando de mim. Eu sei o que eles falam. É verdade mais eu não sei direito o que acontece comigo. O preconceito é algo ruim. As pessoas deveriam tentar entender antes de falar alguma coisa. Meus pais não sabem mais meu pai me trata estranho acho que ele desconfia mais ninguém pergunta nada. Foi desabafo obrigado.

A angústia deste adolescente é clara e refere-se, possivelmente, a sua sexualidade: “tenho gostos diferentes. Não sei se me entende” – é perceptível sua dificuldade em se expressar. Mostra que ainda não sabe direito qual é sua posição, apesar de sua tendência: “não sei direito o que acontece comigo”. As

peças “zoam” e isto é difícil por causa da não aceitação social e, provavelmente, familiar. Por outro lado, o olhar dos mais próximos, como os amigos, é muito importante para a constituição do sujeito. Ele não encontra possibilidades de identificação na forma como as pessoas o tratam, isto é, ele não pertence ao grupo, apesar de seu desejo em pertencer. Outro olhar, extremamente importante, é o do pai que neste momento está sendo entendido como “estranho” (meu pai me trata estranho). O entendimento que o sujeito dá sobre o comportamento do outro sempre tem relação com as suas necessidades, ele acha que o pai desconfia porque sua vontade é que o pai desconfie, mas diz “ninguém pergunta nada”, mostrando sua necessidade de falar, de se apresentar como aquele que, realmente, é e de ser reconhecido e aceito.

e) O adolescente e as relações de “amizade”

Os dois próximos excertos tratam da relação do adolescente com seus colegas de forma depreciativa, indicando a existência do bullying¹⁵ nas relações, principalmente dentro da escola. São adolescentes que, muitas vezes, sofrem calados por não encontrarem uma escuta acolhedora, tanto quanto, se sentem injustiçados por não verem em nenhum adulto apoio suficiente para lhes conduzir na saída desse lugar de submissão. A tirania do sujeito que faz o bullying é multiplicada quando os outros se calam e se cegam diante dos abusos, inclusive os adultos.

Segue, então, o excerto (sujeito 39) de um menino, cujo depoimento foi recebido por e-mail.

S39 (menino) - Olá, gostaria de falar um grande problema que está presente em minha vida. Na minha sala vivem colocando "apelidinhos" em todo mundo, e me incluem nisso, vivem colocando apelidos como "cabelo-de-lula", "Bozo", "nerd", "girafa" e isso tudo por causa da minha altura, meu cabelo e minhas notas. Já contei esse problema aos meus

¹⁵ Nome dado a uma relação onde há exposição de forma negativa e até pejorativa de um sujeito por outro. No bullying há sempre aquele considerado ‘valentão’ que oprime o outro, valendo-se disso para se sobressair. O sujeito que sofre o bullying (de forma psicológica, intelectual, moral ou física) se sente acuado e impossibilitado de sair dessa posição, ou seja, não encontra caminhos nem apoio para livrar-se da opressão.

pais e eles contaram para a coordenadora, para os professores e até para o diretor e para a vice-diretora, mas mesmo assim, meus colegas continuam colocando esses apelidos em mim. Apenas alguns colocam esses apelidos e o resto só fica rindo da minha cara, até alguns dos meus amigos! Eu já tentei de tudo, já ignorei, já tentei conversar, mas foi tudo em vão. Eu não sei mais o que fazer.

Neste depoimento, o adolescente expõe sua angústia em sentir que não pertence ao grupo, pois a forma como este grupo o recebe é extremamente negativa. Sua exposição fica por conta das “brincadeiras”, que hoje são denominadas bulling. Ele informa as estratégias já consideradas para o que se cessem estas agressões, mas foi tudo em vão.

O adolescente vive a maior parte de seu tempo diário na escola e tem como constituição identificatória os sujeitos e relações com estes colegas. Quando há um obstáculo, como no caso deste adolescente, a convivência com o grupo é dificultada, ao mesmo tempo em que, a constituição de um si mesmo se torna mais complexa.

Neste depoimento, percebemos que olhar-se e cuidar-se são atos dolorosos, pois não há aceitação do grupo. Mais ainda, este adolescente não encontra dos adultos, sabedores, conhecedores e portos-seguros, uma solução definitiva. Sua sensação é de desamparo, por isso, termina seu depoimento com a frase: *não sei mais o que fazer*. Para ele, não há caminho possível para resolver esta questão.

Esbarramos na noção de identificação, o adolescente se sente excluído ao ser vexado pelos colegas e, até pelos amigos, como escreve. O adolescente, assim como todos os sujeitos, necessita sentir que pertence a um ou mais grupos. Necessita de apoio e reconhecimento, quando isso não ocorre, o sujeito se subjetiva pela falta, pela angústia, pelo desamparo (que tanto faou Freud) e pelo sofrimento. É interessante notar a clareza de sentimentos e da situação que o acomete, mas também, a impossibilidade de transcendê-la. Essa situação revelada pelo depoente nos mostra uma das facetas da sociedade contemporânea, de individualismo, de competição, como se fosse uma batalha a vida na face da terra. Nesse caso, a ridicularização do aluno estudioso (nerd e minhas notas). Há uma inversão de valores, se, na sociedade moderna, o bom aluno, aquele que tirava nota, era o invejado, hoje, vivemos,

ao contrário, ele é ridicularizado. Trata-se de um fato que tem emergido na sociedade contemporânea e que, acreditamos, deveria ser pesquisado melhor, contudo, não neste trabalho. Deixamos, portanto, em aberto. Mas, sem dúvida, esse efeito de sentido que atravessa o sujeito depoente, altamente elucidativo, pode nos mostrar as várias facetas de subjetivações dos adolescentes contemporâneos.

Há, portanto, um apelo, uma demanda de solução dirigida à pesquisadora, já que ninguém mais pode acolher esta necessidade. A busca continua sendo por alguém, que possa ter um conhecimento ou um poder maior, tal como ele colocou no depoimento, pois conversa com os pais, que falam com os professores, que falam com a coordenadora, chegando ao diretor, sempre numa tentativa de, hierarquicamente, conseguir uma solução.

A seguir, o excerto (sujeito 40), colhido através das entrevistas, se tratando de uma menina.

S40 – Eu queria mostrar o amor que eu tenho pela minha mãe, mas eu não consigo porque ela só briga comigo, que eu sou adolescente. Amigas batendo, nossa, minhas amigas me arrebatam na sala. Eu queria ser cantora, nossa, queria muito mesmo. Tomá lambida de menino feio. Tomá lambida no rosto... e ficar com cheiro de baba... Mas é ruinzão quando a mãe não entende. A gente quer sair, ela acha, sei lá, que você vai usar droga. Minha mãe também fala que eu não posso namorar agora. É eu acho que minha mãe acha que eu odeio ela, que eu nunca falo pra ela as coisas. É mas ser adolescente é legal porque você não tem independência, você faz alguma coisa errada não é você que vai preso é seus pais (risos).

Essa adolescente inicia seu dizer colocando em pauta sua relação com a mãe que, na visão dela parece complicada, pois não encontra espaço para demonstração de amor. A mãe, para essa adolescente, é uma autoridade distanciada, que se fecha nas suas ideias sem tentar entender o que se passa com a filha. Ela também nos mostra que há desentendimento na comunicação entre as duas, pois, para a adolescente a “mãe acha que eu odeio ela”.

É interessante ela usar a palavra ‘odeio’, pois carrega um peso muito maior que se ela dissesse ‘não gosto’. Odiar carrega como significado o detestar, abominar, querer mal a alguém, então se a impressão que ela tem é

que a mãe acha que ela a odeia, como será a expressão de seu sentimento por sua mãe? Sabemos que sua vontade é demonstrar seu amor, mas há uma dificuldade, há algo que impossibilite esse movimento, portanto, há algo nessa relação que não está bem comunicado.

Ela nos traz também uma relação controversa com as 'amigas' da escola, pois diz: "Amigas batendo, nossa, minhas amigas me arrebatam na sala". É uma relação de amizade que não se insere naquilo que constituímos discursivamente. Amizade é comumente entendida como uma relação afetiva entre os indivíduos. É o relacionamento que as pessoas têm de afeto e carinho por outra, que possuem um sentimento de lealdade, proteção etc.

Por outro lado, diz de sua relação com os meninos baseada em 'lambidas'. Estas duas formas de relação, com meninas e meninos, nos sugerem uma forma de objetivação diante do outro, mostrando que para ser aceita nesse grupo é necessário se submeter às particularidades desse grupo.

Logo em seguida dos dizeres dos grupos, ela diz que 'a mãe não entende', o que nos leva a pensar que as dificuldades enfrentadas na relação social é levada para casa, para a mãe, que não consegue responder de forma adequada, ou melhor, não consegue corresponder aos anseios e às angústias dessa filha que não vive de maneira sadia sua relação social. Então, quando a mãe falha nessa relação, resta à filha recorrer ao grupo que, de alguma forma, corresponde as suas formações identificatórias.

Por último, ela considera a 'não independência' como um fator positivo, visto que atrela a ele a irresponsabilidade e de maneira irônica joga o delito para os pais, que devem ser responsabilizados pelas 'coisas erradas' que os filhos fazem.

f) O adolescente e o estudo

A relação com o estudo foi algo apagado na pesquisa, pois poucos adolescentes apontaram o estudo como algo relevante em seus dizeres. Apresentaram muito a escola, porém como o lugar de relações sociais. Um ou outro colocam que terão que estudar para depois trabalhar, mas sempre de forma inconsistente. Isto tornou difícil o resgate desses dizeres para

compormos a relação do adolescente com o estudo, principalmente quando pensamos o estudo de forma ampla, para a formação do cidadão.

Para tanto, finalizaremos com a apresentação do excerto (sujeito 41) que se difere dos demais, por se tratar de uma menina que mostra sofrimento por não estar estudando. Ele é diferente tanto dos dizeres que pontuaram a escola, como dos demais dizeres apresentados acima porque mostra um outro tipo de dor, a dor de um 'sem futuro'. Enquanto os dizeres acima falam de suas dores nas relações com os demais, esta fala da dor consigo mesmo. Este excerto foi recebido por telefone.

S41 - Então... eu sou uma garota normal como todo mundo, mas... é... eu tenho meus problemas... Primeiro minha família..... eu parei de estudar..... meu sonho é ser como eu não tô estudando, isso é o que mais me preocupa... aí, sei lá... viver não tem nada de bom. (algumas partes são impossíveis de entender)

O que é ser “normal”? Ela usa esta palavra para se referir a um modo de ser – “como todo mundo” – contudo, em seguida, se exclui da normalidade admitindo ter problemas. Apontamos o adversativo “mas” que inicia, verdadeiramente o seu desabafo. O normal é construído a partir de referenciais, portanto, há uma construção de normalidade para esta adolescente da qual ela usa como referencial para dizer de si. Coloca o estudo como fator importante em sua vida, ao mesmo tempo preocupante. O fato de ter parado de estudar deve ter relação com as questões familiares, pois aparecem seguidamente em seu discurso, ela fala da família e em seguida diz que parou de estudar. Por outro lado, há uma relação evidente entre o ‘sonho em ser’ alguma coisa e o estudo, indicando que o não acesso a isso dificultará a realização de seu sonho. Termina dizendo que ‘viver não tem nada de bom’, nos expressando um sentido depressivo na sua vida. Também, apontamos que esse depoimento possivelmente, seja o mais truncado que recebemos, o sujeito começa a falar, mas não termina, revelando uma adolescente muito angustiada com sua vida atual e futura.

A seguir, apresentaremos algumas considerações das análises, pensando em ampliar as reflexões e discussões sobre o sujeito adolescente e a contemporaneidade.

7 – Considerações sobre os depoimentos

Nestas considerações, trazemos reflexões sobre as possíveis relações entre os dizeres apresentados, ainda que nossa análise tenha sido focada em suas singularidades e já tenhamos apontado algumas regularidades.

Nestes excertos apresentados, percebemos o quanto a relação com o outro é evidente na constituição do sujeito adolescente. Independente da força com que consideram a alteridade é essa que participa de toda relação adolescente. Alguns colocam a família, enquanto outros colocam os colegas, mas todos se inserem na relação com o outro, como forma de construção de si mesmo. Ainda que este outro seja contrário ao seu posicionamento.

O outro serve, então, como elemento de identificação positiva¹⁶, quando há um aspecto de querer parecer e pertencer ou como identificação negativa, quando há negação das atitudes ou do pensamento do outro. O olhar do outro é importante tanto na aprovação como na reprovação. É um outro que existe a partir do Outro (do inconsciente) e que funciona como a representação de um ideal – querer parecer, não querer parecer.

O outro é também aquele que oferecerá um olhar como forma de reconhecimento e existência do mundo. Percebemos que a demanda por esse olhar é uma demanda constitutiva, entendendo que é somente pelo olhar do outro que o sujeito existe e aparece no contexto social.

Neste sentido, percebemos também a necessidade de uma escuta, constituída nos dizeres adolescentes através da palavra 'ajuda'. Muitos adolescentes colocam a vontade de serem escutados, ao falar sobre suas aflições, mas apresentam também a dificuldade de conseguir isto, junto aos amigos, familiares e professores. Os adolescentes expõem seus pensamentos, sentimentos e comportamentos com o intuito de apresentar a alguém e assim, serem reconhecidos de alguma forma.

Apresentam, então, as limitações e falhas nas suas relações com amigos, colegas e familiares, que não conseguem sustentar esta necessidade do sujeito, ainda que sejam de extrema importância. Os adolescentes mostram

¹⁶ De acordo com a psicanálise freudiana há a identificação positiva, quando os atributos do outro são considerados ideais. E a identificação negativa, quando os atributos apresentados pelo outro são contrários ao ideal do sujeito. Mas as duas identificações funcionam, pois de alguma forma dizem respeito ao sujeito e sua formação.

que o olhar (olhar, enquanto conceito da psicanálise que significa muito mais do que ver, pois é prestar atenção, escutar, se relacionar) do outro é imprescindível, mas mostram também a impossibilidade de que esse olhar seja completo, ou melhor, o outro nunca consegue corresponder à demanda do sujeito, mesmo porque sabemos que sua demanda é de amor e reconhecimento (de acordo com a psicanálise) e vem do Outro (do inconsciente).

Percebemos, também, que há uma falta muito relevante com relação à presença dos pais. Em seus dizeres, é comum a colocação dos adolescentes de que seus pais são ausentes. Mas não é uma ausência física, pois eles colocam a existência dos pais, contudo, a falta se faz na relação. Reclamam que os pais não conversam, não escutam, não entendem. Mais uma vez vemos que a demanda é muito maior que um pedido, pois é parte da subjetivação do sujeito. Os pais estão presentes, existem, mas não sustentam a demanda do filho.

É importante ressaltar que, de acordo com a psicanálise, essa demanda não será respondida, pois sempre faltará alguma coisa. A demanda encontra nos objetos do mundo uma forma de se apresentar, mas que nunca é o todo da demanda. Então, por exemplo, o adolescente pede atenção, mas não é bem essa atenção que ele quer; o adolescente pede para ser entendido, mas ninguém consegue compreendê-lo em tudo. Da mesma forma com os objetos concretos que surgem como pedidos, mas que não sustentam a demanda: os adolescentes querem viajar, querem celulares, querem jogos, mas como esses objetos não correspondem à demanda, então quando ganham um elegem outro para ser pedido.

Ainda assim, é possível perceber que em muitos casos os pais exercem um poder de referencial, no sentido em que seu olhar é necessário para a construção e existência do adolescente, enquanto sujeito. Isto significa que a aprovação ou desaprovação dos pais com relação às atitudes e comportamentos do adolescente exercem papel fundamental em sua constituição, mesmo quando são contrárias à sua vontade.

Sonia Alberti nos explica que:

Há certamente algo a fazer para os pais se darem conta de sua importância! E notarem, sobretudo, o fato de que a capacidade de desejar, de construir, de fazer acontecer é passível de transmissão, por excelência, na medida em que se baseia na supremacia do desejo. Isso de forma alguma anula ou desmerece a capacidade de desejar de cada um – ao contrário, confere-lhe um lugar na cultura, no que se transmite na comunidade dos homens. (ALBERTI, 2010, p. 22)

Este poder de referencial que os pais possuem não é percebido concretamente, contudo, integra o conceito de identificação da psicanálise, do qual sua força é exercida inconscientemente. O adolescente não percebe que ao se referir à aprovação ou desaprovação dos pais está dizendo da necessidade de um olhar e de um amor que é próprio da relação de constituição do sujeito. Mais do isso, esta força do olhar, inconsciente, circula posteriormente, durante toda a vida, pois aquilo que vem dos pais é profundamente relevante, é constitutivo e integra sua subjetivação.

A pulsão escópica é, então, o atributo de movimentação no mundo contemporâneo, que se apresenta desde o nascimento, e na demanda do olhar materno e paterno, até a atualidade, com o espetáculo e o consumo. O que parece é que essa pulsão se tornou força motora na constituição da posição subjetiva do adolescente. Bem como, a pulsão sexual, que aparece em alguns excertos, como necessidade de entendimento de si e do mundo. A atuação sexual é uma mostra do caminho escolhido (inconscientemente) pela pulsão, por isso, quando o jogo simbólico, atributo especial e necessário para as relações sociais, não surge como possibilidade viária, a pulsão surge aparentemente sem elaboração.

Não podemos deixar de colocar a questão da escola, neste momento, que é claramente apresentada como palco para a realização das relações sociais e amorosas. Os dizeres quase não apresentam a escola como lugar de conhecimento ou de aprendizagem formal, mas como o lugar da construção de convivência social, onde precisam lidar com os prazeres e dissabores da vida. Na escola as coisas acontecem, surgem amizades e inimizades, os primeiros amores e as decepções, os conflitos de pensamentos e comportamentos, mostrando que é nesse lugar que a importância da convivência social, da relação com o outro se torna evidente.

Gostando ou não da escola, os adolescentes apresentam sua frequência necessária e obrigatória e lidam com isto como rotina. Não percebemos nenhuma grande exaltação, tampouco, altos descontentamentos em relação à escola. Há sim uma continuidade que é pré-estabelecida pela sociedade e deve ser seguida.

Por outro lado, temos que chamar a atenção sobre o apagamento da escola como lugar de conhecimento. A questão que coloco aqui é: escola para quê? Sabemos que há uma importância nos conhecimentos distribuídos e adquiridos na escola, já que se tratam de conhecimentos próprios desse lugar. No sentido de quantidade e progressividade.

Teoricamente, é a escola quem detém a forma e os elementos do ensinar: o que aprender e como aprender, que serve (ou serviria) como parte fundamental à melhoria de vida, ao crescimento profissional, à melhoria financeira, pensando até mesmo na questão do vestibular como parte do caminho para a profissionalização, ou seja, escola – vestibular – profissão – trabalho – conquista, ainda que essa associação não seja direta, essa relação é considerada na sociedade atual como evidente.

Neste ponto, penso que há necessidade de se discutir e definir de forma mais clara o que é escola, o que é educação, o que é estudo. Percebo que são conceitos que se expandem demais e acabam sendo dispersos quando são abordados. É comum a pergunta “de qual educação você está falando?”. Não que eu acredite em uma educação única, mas é necessário focalização. Por exemplo, se digo de educação no contexto da escola, não posso ser remetida à educação familiar. Neste sentido, acredito que a educação é falha porque não se coloca, não se posiciona. Ficamos sem saber, então, o que é educação.

Essa dificuldade é refletida no posicionamento do adolescente frente à escola, à educação e ao estudo. Bem como na educação familiar, as definições da escola demandam delimitação (ainda que continuem se comunicando com o meio social e com outros saberes e informações). As delimitações servem para situar as questões, permitindo que essas possam assumir suas posições ideais.

Nos depoimentos apresentados, também foram colocadas as questões do consumo de objetos e de imagem, que são características do mundo contemporâneo, seja pela vontade de consumir mais produtos, seja pela

relação com o corpo, a imagem e a vontade de aparecer. Mais uma vez, a relação com o outro se faz presente, pois este serve de referencial estético ou pela quantidade de consumo.

A sociedade do espetáculo e as relações de consumo aparecem nos dizeres nos indicando a inserção do adolescente nesses discursos. Podemos entender que são dois conceitos que não precisam ser analisados separadamente, já que o espetáculo pode ser entendido como uma forma de consumo, enquanto que o consumo pode ser entendido como uma forma de aparecer.

O adolescente faz parte disso e reproduz essas características como expressão comum. Mesmo não sendo possível diferenciar, a partir dos dizeres, qual a classe social em que se inserem os adolescentes, podemos perceber que elas existem. Dessa forma, não precisamos que o fato seja realidade para perceber que as características são constitutivas, ou seja, o espetáculo e o consumo são tão integrantes do adolescente, que mesmo que não aconteça na realidade, faz parte de seu processo de subjetivação.

Não é preciso ter o objeto ou aparecer na internet para querer, para demandar esse reconhecimento. Ainda que existam adolescentes que não exponham vídeos no youtube, o fato de assistirem já os insere no discurso do espetáculo. Do mesmo modo, mesmo que muitos adolescentes não possam consumir determinados produtos (originais), eles conhecem tais produtos e buscam outras formas para conquistar esse status (consumindo produtos piratas, por exemplo).

De qualquer forma, a alteridade se coloca como fator essencial para a constituição do adolescente, que não se relaciona com o outro enquanto objeto, mas sim numa relação sujeito-sujeito, fazendo parte de sua subjetivação, pois há sempre um questionamento, um apontamento e uma necessidade de singularidade.

Singularidade esta, que exprime não só sua construção subjetiva, mas que também evoca a apreciação do individualismo. Com isso, queremos dizer que a expressão da singularidade pode convocar ações individualistas quando a exaltação do si mesmo se sobrepõe ao conjunto social.

Pelos dizeres colhidos, não podemos dizer exatamente que o adolescente atual é totalmente diferente do adolescente de anos passados.

Ainda que os elementos externos sejam outros, a constituição subjetiva se coloca com algumas semelhanças, como com relação a certas dúvidas e certezas: os conflitos entre as gerações, o conhecimento das tecnologias da época, os incômodos com o si mesmo, as dificuldades de relações, a crença na pseudoliberalidade, são fatores que aparecem nos sujeitos adolescentes.

Pensando nisso, colocamos dois fatores importantes que nos ajudam a entender o adolescente: primeiro, vemos que o termo adolescente/adolescência emergiu de discursos que tentavam conhecer e entender um sujeito que se desviava da obediência infantil, mas não possuía possibilidades legais para exercer suas vontades como um adulto (conforme vimos no capítulo 4). E segundo, é importante levar em consideração o atravessamento dos adolescentes pelos discursos contemporâneos, pois há, atualmente, informações e objetos aos quais os adolescentes de anos atrás não tinham acesso, mas nem por isso, eram considerados sujeitos 'fora' da norma social.

Portanto, quando dizemos que a adolescência de hoje não é tão diferente quanto à de antes, estamos querendo dizer que não podemos considerar que o adolescente atual seja um sujeito completamente à parte do mundo ou um ser que está fora da sociedade, acreditando que antigamente os adolescentes eram mais certos, mais maduros e mais sociáveis.

Em nossos excertos, percebemos adolescentes que estão em busca de saber mais de si. Suas certezas são tão contundentes quanto suas dúvidas e seus medos e tão presentes, quanto sua coragem. Tania Zagury, em seu livro *Educar sem Culpa* (2008), nos diz:

É fácil compreender o quanto esses anos são difíceis para os jovens. Sentem-se imortais, fortes, capazes de tudo. Momentos depois, acham-se feios, desengonçados, deselegantes. (ZAGURY, 2008, p. 73)

Isso é facilmente atestado nos dizeres, onde há adolescentes que dizem não ter medo, mas estão preocupados ou que dizem que a vida é muito agitada, mas mostram uma rotina muito comum. E em outros momentos, onde os adolescentes dizem não saber o que é ser adolescente ou onde não conseguem expressar aquilo que desejam.

É claro que não podemos deixar de lado as formações discursivas que atravessam esses adolescentes, principalmente a questão da rapidez e o consumo, que instaura neste sujeito uma diferenciação bastante pontual com relação aos adolescentes de antigamente, pois esta possibilidade de acesso aos mais variados objetos influenciam diretamente na construção e visão que o adolescente faz de si mesmo. Por isso, em muitos momentos observamos que os dizeres apresentam esta relação com os objetos do mundo contemporâneo, sejam estes objetos concretos, como os tecnológicos, sejam estes objetos abstratos, como a relação com a aparência e o aparecer, que incidem no sujeito um novo modo de subjetivação.

Contudo, este atravessamento discursivo do contemporâneo atenua um posicionamento bastante ilimitado dos sujeitos atuais. A ilimitação que encontramos nos modos de comunicação, na negação do tempo e do espaço, pois podemos nos relacionar com diversas pessoas ao mesmo tempo e em vários lugares através da internet, como também nos descartes dos objetos, onde esses perdem sua função primordial e atuam de forma mais contundente através de acessórios complementares (como é o caso do celular que deixa de ter a função 'telefone' para ser usado por outras vias de comunicação, pela internet ou mensagem). Isso nos faz perceber que é acentuada a renúncia dos limites anteriormente estabelecidos, convocando-nos a pensar este sujeito atual de forma diferenciada. Rassial nos ajuda neste sentido, dizendo que:

... no adolescente encontram-se duas vertentes que caracterizam a loucura. De um lado, o sujeito chega a fazer corpo do corpo social, fica totalmente preso na "carne do mundo", ao ponto de que nada do que aí se passa lhe seja estranho: ele está preocupado, abarcado pelo olhar do Outro, cuja consistência é o próprio mundo; daí o engajamento possível num milenarismo político menos reivindicativo, isto é, menos histórico do que totalitário e paranoico. De outro lado, o sujeito está abandonando, isolado, radicalmente separado, "lançado para fora", para citar ainda Mallarmé, definitivamente rejeitado dos jogos sociais, destinado a se fechar no mutismo. (RASSIAL, 1999, p.131).

É neste sentido que podemos entender onde se reflete o sentimento de ausência de referencial dos adolescentes, principalmente com relação aos

pais, que já colocamos acima. Se por um lado, observamos que há um excesso, uma multiplicidade de coisas e sentimentos, por outro, há uma ausência bastante pontual que incide na importância do olhar do outro e, talvez por isso, as relações com os outros, sejam familiares, colegas, professores etc., tenham sido o fator comum da maior parte dos depoimentos.

Contudo, estas relações não aparecem, nos depoimentos, como forma de anulação do individualismo, pelo contrário, percebemos que o eu é evidente. Quando colocamos a importância das relações, estamos nos referindo ao olhar do Outro (do inconsciente) que aparece como imprescindível, mas que não é percebida pelo sujeito que fala. Podemos entender, pela via psicanalítica que isto é na verdade uma exaltação, que tem relação com a identificação e que é necessário para o sujeito advir.

De certo, temos algumas divergências quanto a ser adolescente, pois enquanto alguns colocam a adolescência como o momento da diversão, da curtidão, da liberdade, outros dizem de sua solidão e incompreensão diante dos pais e familiares, falam de suas dificuldades com os relacionamentos e dos obstáculos em alcançar os padrões que a sociedade estipula como fundamentais e/ou necessários para se fazerem presente.

Essas dissonâncias estão presentes no conjunto de dizeres colhidos e nos evocam, mais ainda, a confirmar a adolescência como posição subjetiva, pois não se limita às mesmas características (ou sintomas), tão pouco há uniformidade de comportamentos e pensamentos.

O adolescente é sim um sujeito inserido em certos discursos que busca caminhos para dizer de si, ao mesmo tempo em que se estabelece com certezas e dúvidas. Dessa forma, não podemos inquirir que o adolescente nada sabe sobre si ou que desconhece completamente sua atuação social. O sujeito é uma formação discursiva, identificatória, ideológica, social, cultural, familiar, e enquanto sujeito, está em movimento, por isso aprende, se arrepende, se questiona, se transforma, se assegura de verdades e se engana.

Contudo, essa aparente instabilidade não pode ser confundida com impossibilidade de responsabilizar-se. O movimento do sujeito e seus processos de subjetivação são constantes de sua formação ética. Por isso, o adolescente, enquanto sujeito, não pode ser desresponsabilizado por sua atuação pessoal e social, ainda que consideremos que nenhum sujeito está

‘pronto’, ‘fechado’, ‘enquadrado’, a possibilidade de sujeição e subjetivação é atrelada à possibilidade de dizer de si, cuidar de si, perceber-se enquanto sujeito.

Dessa forma, vemos que os processos de objetivação e subjetivação são inerentes ao sujeito, que ao longo de sua trajetória estará submerso em elementos constitutivos, que permitem ao sujeito dizer de si, mas não encerram uma subjetividade rígida.

O adolescente, como pudemos perceber, responde a uma subjetividade que se flexibiliza e se adapta, e mesmo em constante aprendizado consegue dizer de si e construir uma imagem própria que reflete o mundo e o si mesmo. O adolescente emergiu da objetivação construída pela sociedade identificando nos dizeres de especialistas um saber que aparentemente sustentava os conflitos que se apresentavam.

Mas agora, no mundo contemporâneo, o adolescente demanda muito mais que um saber outro, pois ele existe como sujeito, sua posição não pode ser negada ou recusada e, por isso, contribui para a formação de nossa sociedade. Os dizeres dos adolescentes apontam que eles são efeitos dos discursos estabelecidos pela sociedade, mas que enquanto sujeitos sugerem modos de vida, de convivência, de conflitos que antes eram desviados pela crença de o adolescente estava inacabado. Isto significa, que o adolescente, enquanto sujeito, tem transformações contínuas, mas nem por isso pode ser considerado alguém sem lugar.

Destaco, novamente, a questão da escola, já que esta pesquisa se insere na área da Educação. A escola é como palco das relações que nossa sociedade apresenta como fundamental, e conseqüentemente, onde a questão do consumo se coloca amparada no espetáculo.

Quando dizemos que as relações sociais, para os adolescentes, se estabelecem no espaço escolar, estamos apontando as características que atualmente fazem parte deste contexto. Ver e ser visto, aparecer e ser reconhecido, carregar objetos tecnológicos, estabelecer comunicação para além das paredes da sala de aula são representações da sociedade contemporânea refletidas na escola pelos adolescentes.

Dessa forma, acreditamos que uma das contribuições dessa pesquisa para a Educação é evidenciar o apagamento da escola como lugar do saber e

do conhecimento perante o dizer do adolescente, que é sujeito participante da construção da educação atual. Ou seja, o adolescente entendido como peça elementar no jogo da educação escolar desconsidera esse espaço enquanto o lugar de maestria de conhecimento.

Por isso, ressaltamos que é importante um novo olhar sobre o adolescente enquanto sujeito da educação, que é reflexo da sociedade contemporânea, pois por ela se constitui, mas é também e principalmente, aquele que participa ativamente da construção social e cultural.

Devemos observar que o estudo não está inserido no discurso do adolescente. Não é só a colocação da escola, como lugar, tampouco a educação como obrigação social, mas o estudo enquanto parte importante de sua formação subjetiva, fator de constituição do si mesmo.

Entre a escrita de si e a escrita de mim – a alteridade na minha constituição como pesquisadora

Pensar nas considerações sobre a pesquisa, me fez refletir sobre todo o processo de construção desta dissertação. Longe do termo concluir, repensar a construção de uma produção tão densa me evoca as transformações que ocorreram por necessidade própria ou por forças externas.

Acredito que iniciar qualquer coisa em nossa vida é sempre ocorrência de uma disposição momentânea e atual. Infelizmente ou felizmente nossa vida não é estática e o mundo não pára para que concluamos um estágio. Por sermos puro movimento, temos que aprender a fazer escolhas e para cada escolha, uma renúncia.

A dor da escolha não é pautada somente por aquilo que deixamos para trás ou para depois, a dor da escolha também está atrelada ao envolvimento passional que nos guia em muitos momentos.

Quando iniciei o mestrado, ainda como aluna especial, tinha um certo recorte de vida, uma certa estrutura familiar e profissional que respaldou essa escolha: a escolha do momento em iniciar o mestrado (poderia ter sido antes, poderia ter deixado para depois), a escolha do curso (visto que minha área forte é psicanálise), a escolha da universidade (já que moro em outra cidade), a escolha pelo orientador, pelo tema, pela forma de pesquisa e assim por diante.

Minha vida toda estava desenhada para que essas escolhas pudessem ser feitas como foram. Estava desenhada para que todos os elementos do jogo da minha vida pudessem funcionar a seu tempo e em seu lugar. Mas, como a minha própria pesquisa mostra, o sujeito não é fixo. Sou sujeito, imersa nos discursos que me constituem e me fazem ser quem eu sou, escolher o que escolho, me arrepende e me transformar.

Mais do que isso, o sujeito se adapta, mas não necessariamente numa forma de acomodação/ aceitação, o sujeito se adapta porque também transforma o mundo. Nossos deslocamentos subjetivos emolduram novos mundos, que se torna outro mundo na medida em que eu sou outra e outras, mesmo sendo eu mesma.

Durante todo o mestrado, estive em movimento também em outras áreas da minha vida, casa, casamento, filhos, ex-marido, doenças, mortes, nascimentos etc, etc, etc. Enquanto estava passando por esses processos, não pude perceber a intensidade e efeito que as mudanças tiveram. Convivemos com transformações diariamente, mas não nos damos conta do quão significativas são até fazermos este processo de revisitação ao si mesmo.

Por isso, minhas considerações finais não podem somente encontrar refúgio nas questões teórico-práticas que a pesquisa suscitou, mas precisam levar em consideração as minhas questões enquanto pesquisadora, que não se fecham unicamente pela via profissional.

Percebo, hoje, que a adolescência é meu ponto de questionamento desde a minha própria. É época em que se inicia de forma mais contundente o olhar para o sujeito-adolescente diferenciado da criança e do adulto. Lembro que nessa época iniciaram também a construção de produtos direcionados para adolescentes, visto que algumas coisas eram "para criança" e outras eram coisas "de velho". Lembro principalmente de marcas de roupa e tênis que eram específicos para os adolescentes (naquela época, existia uma divisão em função do tamanho, tanto que adolescentes muito grandes não podiam ter certas roupas). Por outro lado, sempre tive especial carinho pelos adolescentes por ter trabalhado em algumas escolas com eles (fiz magistério, mas trabalhei pouco com os pequeninos de 3/4/5/6/7 anos, pois não me identificava com esses). Bem como acompanhei a adolescência de irmãos e primos, já que sou mais velha que muitos deles.

Na clínica, ao escutar pais de adolescentes, percebia que havia distância entre os saberes desses com as questões que os filhos apresentavam. E ao escutar adolescentes, sabia que havia muito mais que uma transição. Mas não usei dizeres dos pacientes que tive e tentei separar o trabalho clínico com a posição de pesquisadora.

Esperiei ansiosa meus filhos se tornarem adolescentes e esse momento chegou junto com minha escolha pelo mestrado. Obviamente, não acredito que essa "coincidência" seja obra do acaso. Acredito sim que meu desejo foi sustentado pelo discurso do saber, donde, precisava contribuir muito mais do que sendo mãe - apesar de acreditar que nossa contribuição como mãe é sempre maior que qualquer grande coleção teórica. Mas o certo é que queria

mais, talvez até para tentar encontrar soluções para aquilo que nem havia sido constituído como um problema na minha vida - como lidar com o adolescente?

Contudo, não queria criar 'receitas de bolos', queria ir mais além, queria saber quem é o adolescente, como se constitui, o que diz de si, chegando então à hipótese dessa pesquisa, que seja, ter o adolescente como posição subjetiva e assim transformá-lo em alguém que pode dizer de si, que pode dizer para além das vozes que tentam lhe explicar, objetivando-o.

Como o ditado diz: 'santo de casa não faz milagre' ou 'em casa de ferreiro, o espeto é de pau', meus filhos não participaram da pesquisa, não deram um depoimento. É interessante observar pelo lado deles, que me disseram "que eu saberia que eram eles". Isso me fez pensar, em muitos momentos, que há um querer que o outro saiba, principalmente o Outro relacionado à mãe, já que foi uma das figuras mais citadas, mas ao mesmo tempo, há um não querer que se saiba, visto que a mãe não pode estar no lugar daquele ao qual se "confessa".

Daí tenho uma impossibilidade declarada: a posição que ocupo enquanto um, cruza com o outro, mas nem sempre se comunicam. Enquanto mãe, não sou vista como pesquisadora pelos meus filhos, ainda que os observe atravessada pelos discursos que compõem minha pesquisa. Mas esse fato não é negativo, pois me permite posições mais claras, e assim não me altivo, não me situo na posição de quem detém o saber, ou seja, me coloco faltante.

Como pesquisadora dos dizeres de adolescentes e como mãe de adolescentes que muito dizem, me vi muitas vezes rodeada de conhecimento teórico, sem conseguir fazer relação prática com a educação dentro de casa, me trazendo um sentimento de quase engano.

Percebi que a cisão do si mesmo é necessária para a construção de uma pesquisa. É preciso, por vezes, deixar de lado afazeres e responsabilidades rotineiras para mergulhar na produção de um trabalho como a dissertação. Contudo, no meu caso, o contrário também se fez presente. Afastei-me da dissertação para cuidar de questões pessoais. Das dores e das brigas internas, me restaram o aprendizado de que nem todas as variáveis são controláveis. Nada fica parado, esperando que tudo se acomode, que o pensamento teórico se organize, que as palavras jorrem no papel. E tudo

acontece ao mesmo tempo, tomando como base nossa possibilidade de organização estrutural, que longe de uma sistemática ideal, aconteceu na minha vida misturada às questões pessoais que foram fundamentais para meu crescimento enquanto pesquisadora.

Sempre me considerei impulsiva e apressada, mas pela primeira vez, iniciei um processo de construção sem esses sentimentos, sem querer que o término fosse logo visto. Percebi, em mim, a maturidade necessária para deixar as coisas acontecerem a seu tempo. É claro que tive que me acelerar em alguns momentos, mas de forma diferente, pois não fazia isso pensando na brevidade da finalização. Acelerar leituras e escritas, ao mesmo tempo que não deixar que a acomodação no afastamento fosse mais persistente foi uma das formas que encontrei para lidar com as variáveis encontradas no processo de construção da dissertação.

Falar da adolescência, enquanto posição subjetiva, é percorrer a construção da minha própria posição subjetiva, que não se finda em ponto único, pois se altera e se transforma, me concedendo verdades e me possibilitando dúvidas. O adolescente está subjetivamente em dada posição, já que esta sustenta seus dizeres e seus comportamentos. Esta pesquisa me permitiu abranger a visão da adolescência, pois corroborou com meu conhecimento não formalizado sobre o adolescente. Sempre acreditei que o adolescente era mais do que aquilo expresso por especialistas ou pelo senso comum.

Tomei a adolescência como espelho e ao procurar saber do outro pude saber um pouco mais sobre mim. Não só em função da forma que acredito e foi desenvolvido na dissertação, como o sujeito se constitui, tanto quanto no fato de que o adolescente representa de maneira mais incisiva o que é o sujeito contemporâneo. Olhar este sujeito sem as amarras das justificativas e explicações já propostas e instituídas como verdade é se aproximar de uma compreensão mais ampla da nossa própria sociedade e sobre nossa posição frente a esta sociedade que constitui atualmente.

BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Sonia. **O Adolescente e o Outro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BAKTHIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós- Modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BIRMAN, Joel. **Entre cuidado e saber de si. Sobre Foucault e a psicanálise**. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2000.

CORACINI, Maria José (org.) **Identidade& Discurso: (des) construindo subjetividades**. Campinas/ Chapecó: Editora da Unicamp/Argos Editora Universitária, 2003.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2001.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. **A invenção da adolescência no discurso psicopedagógico**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

ELIA, Luciano. **O conceito de sujeito**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FARIA, Michele Roman. **Constituição do Sujeito e Estrutura Familiar – O Complexo Familiar de Freud a Lacan**. São Paulo: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2003.

FINK, Bruce. **O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FORBES, Jorge. REALE JR., Miguel. FERRAZ JR. Tércio S (orgs). **A invenção do futuro**. Barueri, SP: Manole, 2005.

FORBES, Jorge. **Inconsciente e Responsabilidade: psicanálise do século XXI**. Barueri, SP: Manole, 2012.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 3 – O cuidado de si**. Rio de Janeiro, Graal, 2002.

FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade e Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michael. **As Palavras e as Coisas**. Rio de Janeiro: Forense Universitário, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2009.

FREUD, Sigmund. O Ego e o Id. In: **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976, p. 13 - 83. **(a)**

FREUD, Sigmund. O Inconsciente. In: **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976, **(b)**.

FREUD, Sigmund. Reflexões para tempos de guerra e paz. In: **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976 (c).

FREUD, Sigmund. Trabalhos sobre histeria. In: **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976 (d).

FREUD, Sigmund. A Interpretação dos Sonhos. In: **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976 (e).

FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e análise do ego. In: **Obras Completas**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976. (f)

GARCIA-ROZA, Luiz A. **Palavra e Verdade: na filosofia antiga e na psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11^o ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

JORGE, Marco A. C. **Fundamentos da Psicanálise: de Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2000.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (a)

LACAN, JACQUES. O Seminário I, **Os Escritos Técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (b)

LACAN, Jacques. **O Seminário 5 – As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. (a)

LACAN, Jacques. **O Seminário 7 – A Ética da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999. (d)

LACAN, JACQUES. O Seminário II, **O Eu na Teoria de Freud e na Técnica da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998c.

LONGO, Leila. **Linguagem e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

MASCIA, Marcia A. A. **Investigações discursivas na pós-modernidade**. Campinas, Mercado das Letras, São Paulo: FAPESP, 2002.

PÊCHEUX, Michael. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**; Tradução: Eni P. Orlandi. 5ª edição. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

QUINET, Antônio. **A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

RASSIAL, Jean-Jacques. **O adolescente e o psicanalista**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ORLANDI, Eni. **Análise do discurso**. Campinas, SP: Pontes, 2007.

ZAGURY, Tânia. **Educar sem culpa**. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2008.

ZAGURY, Tânia. **O adolescente por ele mesmo**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

Referência eletrônicas

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. eBooksBrasil.com. 2003.

ANEXO I